A IMORTALIDADE DA ALMA E O CASTIGO ETERNO

UM BREVE COMENTÁRIO EXEGÉTICO DE 2 PEDRO

EZEQUIEL GOMES

A IMORTALIDADE DA ALMA
E O CASTIGO ETERNO

UM BREVE COMENTÁRIO EXEGÉTICO DE 2 PEDRO

EZEQUIEL GOMES

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gomes, Ezequiel
A imortalidade da alma e o castigo eterno [livro eletrônico] : um breve comentário exegético de 2 Pedro / Ezequiel Gomes. -- Jundiaí, SP : Ed. do Autor, 2020.

PDF

Bibliografia.
ISBN 978-65-00-04688-5

1. Bíblia. N.T. Epístolas de Pedro - Comentários
2. Bíblia. N.T. Epístolas de Pedro - Crítica e interpretação I. Título.

20-38205 CDD-227.9206

Índices para catálogo sistemático:

1. Epístolas de Pedro : Interpretação e crítica 227.9206
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Capa:
Wtanabe Pereira dos Santos
Projeto gráfico e diagramação:
Ana Paula Pirani

A imortalidade da alma e o castigo eterno:
um breve comentário exegético de 2 Pedro

1ª edição – 2020

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.. 6

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS 8

INTRODUÇÃO 10

I · PROPOSTA DE TRADUÇÃO 22

II · COMENTÁRIO EXEGÉTICO
E TEOLÓGICO.. 31

III · PRESSUPOSTOS IMORTALISTAS
E SEU USO DE 2 PEDRO 2... 138

IV · REFUTAÇÃO DOS PRESSUPOSTOS E DO
USO IMORTALISTA DE 2 PEDRO 2......................... 148

V · TEXTO GREGO.. 187

VI · SERMÕES EXPOSITIVOS EM 2 PEDRO.................. 246

CONSIDERAÇÕES FINAIS 260

APÊNDICES 270

BIBLIOGRAFIA.. 289

”O linguajar filosófico de 2 Pedro não representa uma capitulação ao dualismo do neoplatonismo, mas sim uma tentativa criativa para utilizar uma linguagem que aqueles que caíam nas malhas dos pretextos utilizados pelos falsos mestres pudessem compreender. Essa carta fornece uma tentativa exemplar de enfatizar um importante princípio teológico diante de ataques específicos a ele, além de fazer isso de uma forma que seja clara para a cultura à qual se dirige.”

Frank Thielman

AGRADECIMENTOS

Este livro é fruto de uma iniciativa verdadeiramente colaborativa entre o autor e os patrocinadores desta obra, que dedicaram atenção, orações e recursos para que o material fosse produzido e viesse a estar disponível a qualquer pessoa através da internet na forma de um livro digital livremente distribuído.

Agradeço a todos que ajudaram para que eu pudesse trabalhar na confecção deste material de forma que finalmente ele estivesse nas mãos dos leitores interessados em saber mais da pura Palavra de Deus, tal qual temos acesso a ela na segunda carta de Pedro. Esse documento bíblico fascinante me guiou em uma jornada de estudo diligente e de reflexão profunda, pelo que agradeço a Deus acima de tudo por essa experiência e oportunidade de servi-lo com meus dons e talentos na produção do presente material.

Dou graças, acima de tudo, a Deus pela forma maravilhosa como tem guiado a minha vida e meu ministério pessoal. Também agradeço o apoio constante dos meus familiares, que certamente sentiram minha falta nos períodos em que me dediquei ao estudo e ao trabalho em torno desse material, e cujo amor, admiração e confiança constantes me deram força para prosseguir para o alvo.

Àqueles que dedicaram recursos para financiar a produção desse livro, e torná-lo gratuitamente disponível na internet para qualquer pessoa, também tenho muito a agradecer. Seu exemplo de desprendimento e disposição de oferecer recursos para beneficiar não somente a si mesmos, mas também a outros, revela uma porção do Espírito de Cristo. Senti-me muito honrado de poder contar com pessoas como vocês.

Se você se inspirar no exemplo dos doadores e quiser ajudar a financiar outras obras do mesmo nível teológico que esta, entre em contato comigo através do e-mail: ezeksalt@hotmail.com, para mais instruções de como fazê-lo.

E por fim, mas não menos importantes, agradeço de antemão àqueles que serão os leitores e leitoras dessa obra. Aqueles que tomarão do seu precioso tempo para averiguar seu conteúdo e sopesar suas conclusões com seriedade, concordando ou discordando delas ao final da jornada. Estarei sempre aberto às suas reações e percepções sobre o material preparado para vocês com carinho e afinco. Muito obrigado desde já!

Soli Deo gloria

Ezequiel Gomes
Jundiaí, SP
Outono de 2020

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A21	Almeida Século 21
ARA	Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição
ARC	Almeida Revista e Corrigida
BJ	Bíblia de Jerusalém
BLA	*Biblia de las Américas*
CNBB	Tradução oficial da CNBB
CSB	*Christian Standard Bible*
ESV	*English Standard Version*
GNT3	*The Greek New Testament*, 3ª ed.
LEB	*Lexham English Bible*
NAA	Nova Almeida Atualizada
NAB	*New American Bible* (2010)
NASB	*New American Standard Bible* (1995)
NBV	Nova Bíblia Viva
NET	*New English Translation*
NIV	*New International Version* (2011)
NLT	*New Living Translation*
NRSV	*New Revised Standard Version*
NTLH	Nova Tradução na Linguagem de Hoje
NVI	Nova Versão Internacional
NVT	Nova Versão Transformadora

NTG4	*O Novo Testamento Grego*, 4ª ed. rev.
NTG5	*O Novo Testamento Grego*, 5ª ed. rev.
RSV	*Revised Standard Version*
SBLGNT	*The Greek New Testament: SBL Edition*
TB	Tradução Brasileira
TEB	Tradução Ecumênica da Bíblia
THGNT	*The Greek New Testament, Produced at Tyndale House, Cambridge*
VFL	Novo Testamento: Versão Fácil de Ler

INTRODUÇÃO

A Segunda Carta de Pedro é uma das chamadas epístolas católicas, isto é, uma epístola direcionada à igreja em geral e não apenas a uma comunidade específica. Estamos tratando com um documento bíblico escrito em forma de testamento (1:13-15) e carta (3:1), e que está envolto em polêmicas que perpassam o contexto de sua produção, sua autoria e desaguam na discussão acalorada de amplas porções do seu conteúdo teológico.

2 PEDRO: UM LIVRO ENIGMÁTICO E DESAFIADOR

Frank Thielman (2007, p. 625), renomado estudioso do Novo Testamento, fala do testamento/carta como "um verdadeiro enigma do cânon do Novo Testamento". Os motivos apresentados para justificar a afirmação são vários:

- Características linguísticas e conceituais.
- Polêmicas sobre a generalizada convicção dos estudiosos da escola histórico-crítica de que o livro é pseudoepígrafo, ou seja, um documento literário erroneamente atribuído a um personagem famoso da parte de seu verdadeiro e desconhecido autor.

- Discussões teológicas variadas em comparação com outros livros bíblicos.
- Tensões aparentes entre o conteúdo teológico do documento e entendimentos evangélicos/protestantes já tradicionais no momento atual da história.

Tais questões introdutórias nos permitem concluir que estamos diante de um material rico em conteúdo teológico e que já evocou grande quantidade de boas e interessantes polêmicas na história da teologia. O foco deste livro, porém, não está tanto no passado, mas no presente, especialmente diante do fato de que a carta continua a provocar debates a respeito de seu sentido teológico e aplicação para os cristãos do século 21.

O cristianismo comporta em si mesmo divisões profundas através dos cismas que dividiram a igreja em tradições diversas e conflitantes entre si, tanto em questões jurisdicionais e administrativas, quanto em questões de compreensão doutrinária e teológica.

As diferentes tradições polemizam umas contra as outras em função de suas posturas e entendimentos diversos a respeito de inúmeros temas. E, naturalmente, tal estado de coisas atinge a discussão sobre o sentido e aplicação da teologia dos livros bíblicos, analisados e expostos coletiva ou individualmente.

O material ao qual o leitor tem acesso neste livro representa uma pequena parte desse gigantesco quebra-cabeça de

interações harmônicas ou polêmicas entre cosmovisões, tradições, hermenêuticas, exegeses e aplicações teológicas práticas produzidas por diversas comunidades cristãs no contexto do estudo dos textos bíblicos.

Naquilo que se segue, afinidades e discordâncias em variados graus poderão ser identificados entre diferentes autores e grupos cristãos. Por isso, se torna imprescindível que o leitor individual busque entender tal realidade da melhor forma possível e que esteja disposto a bem fundamentar, tanto quanto for capaz, suas próprias convicções em harmonia ou confronto com o que será exposto neste material.

Nada deve substituir o estudo individual da Bíblia na construção da compreensão teológica de cada leitor à luz das divisões históricas dentro do cristianismo. Nesse ponto, só posso oferecer ajuda e não pretendo ser o dono da verdade ou o dominador dos que me foram confiados e estão na minha esfera de influência (1Pe 5:3; cf. 2 Co 10:13).

O NASCIMENTO DA IDEIA DE PRODUZIR O MATERIAL

O contexto imediato da produção deste livro surgiu após a realização de um debate no tradicional programa de televisão evangélico *Vejam Só*. O tema do referido programa

à ocasião teve que ver com a natureza do "inferno" referido em 2 Pedro 2:4, e o debate foi travado entre os pastores Sérgio Monteiro, representando o entendimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia, e Carlos Augusto Vailatti, representando o entendimento da Igreja Evangélica Jaboque, dando voz também ao entendimento evangélico sobre o tema de uma perspectiva mais ecumênica e ampla, em certo sentido.

A defesa de Carlos Augusto Vailatti de alguma espécie de imortalidade da alma a partir do texto de 2 Pedro, junto do conceito de punição consciente e eterna no inferno a partir da morte, vista como separação do corpo material e da alma imaterial, na qual a segunda continuaria indefinidamente "viva" e consciente em um lugar de tormento no caso dos perdidos, gerou inúmeras reações na comunidade cristã brasileira.

Dentre essas reações, produzi uma série de nove vídeos, com cerca de quatro horas de conteúdo, composta de variadas considerações a respeito das falas de Carlos Augusto Vailatti, analisadas individualmente quase que em sua totalidade. Meu objetivo com os vídeos foi expor e criticar o entendimento do Vailatti à luz da Palavra de Deus, tanto quanto foi possível entendê-lo a partir do que ele defendeu no debate.

Foram vistas também reações de apoio e concordância com o entendimento esposado por Carlos Augusto no mundo evangélico brasileiro, alguns, inclusive, críticos às minhas reações particulares. Entretanto, dado o baixo nível intelec-

tual e, inclusive, moral e espiritual de algumas reações e provocações, declinei de dar continuidade ao debate no formato proposto por alguns dos críticos mais exaltados.

Todavia, diante do nítido interesse de adventistas e evangélicos nos temas referentes ao debate em geral, e em torno de minhas contribuições específicas, decidi testar o apoio prático da comunidade através da proposta de produção de um material de esclarecimento em relação à carta de 2 Pedro.

Meu foco especial estaria nos temas relativos à natureza e extensão do castigo dos ímpios e às ideias da imortalidade da alma e do sofrimento dos perdidos no chamado "estado intermediário". Onde tais temas se encontram em 2 Pedro, aliás?

Minha ideia era simples. Se a comunidade estivesse interessada na produção de um material suficientemente embasado e acadêmico, ainda que também direcionado aos cristãos em geral, porém interessados no estudo bíblico, e apoiasse o projeto financeiramente, viabilizando-o, eu estaria disposto a produzir um livro a ser distribuído gratuitamente na internet com vistas a um esclarecimento cabal e definitivo de tais questões, pelo menos na minha perspectiva.

Estabeleci um valor mínimo suficiente para pagar pelo meu trabalho e pelo trabalho de um ajudante para a confecção e revisão de todo o material, alguém que deu contribuições absolutamente valiosas em todo o processo, do começo ao fim.

Então, lancei a ideia no meu canal do *YouTube*, e a resposta dos meus seguidores veio de forma que superou minhas expectativas: o projeto foi completamente financiado em dez dias de campanha.

Atingimos o total do valor proposto pela execução dessa obra no dia 13 de abril de 2020, mesmo no auge das incertezas econômicas causadas pela crise mundial decorrente do vírus Covid-19.

Isso mostra que a comunidade cristã entende o valor da missão, mesmo em tempo de crises e incertezas. E a partir do dia 13, comecei a escrever o livro que hoje o leitor tem agora em suas mãos ou na tela do seu dispositivo eletrônico.

A METODOLOGIA DE ABORDAGEM AO TEXTO

Diante do financiamento efetivo da obra, meu horizonte e interesse se expandiu da perspectiva original na direção de oferecer a meus leitores um breve comentário exegético sobre todo o conteúdo de 2 Pedro, e não apenas sobre o capítulo 2, foco do debate que ensejou sua produção em primeira instância e que tinha sido a minha ideia inicial.

Decidi, também, não oferecer respostas direcionadas a Carlos Augusto Vailatti em pessoa, ou a nenhum outro proponente das teses rejeitadas pelos adventistas do sétimo dia no uso do referido texto. Em vez disso, decidi contrapor o que considero pressupostos e convicções heréticas de forma geral e irrestrita no uso de 2 Pedro, venham de onde vierem e sejam sustentadas por quem for.

Essa postura me pareceu a melhor, uma vez que ela coloca o foco das discordâncias no mundo das ideias, onde é seu lugar legítimo e de direito, e não nas tradições e nas pessoas, ainda que nem sempre seja fácil separar as duas coisas.

Em termos de metodologia, decidi abordar a interpretação da carta de 2 Pedro por completo, guiado pela convicção de que os textos bíblicos são melhor entendidos quando o abordamos dessa forma.

O método do texto-prova, usado pelos cristãos que simplesmente inferem a existência de almas imortais e de inferno de tortura eterna em 2 Pedro 2:4 e 9, não corresponde ao melhor método de acesso e exposição dos dados bíblicos. Por isso, preferi a análise completa do texto em seu contexto a fim de resguardar minha interpretação levando em conta o livro bíblico por inteiro e expondo-o em sua integralidade.

DIVISÃO DOS CAPÍTULOS

A divisão dos capítulos deste livro foi fruto de muitas reflexões no sentido de tornar o material o mais acessível possível aos leitores que não possuem conhecimento teológico acadêmico mais avançado.

Pensando nisso, optei por deixar as discussões mais complexas e de natureza linguística para o final do livro, ainda que os resultados de tais análises já contextualizem as convicções presentes na obra previamente e desde o início da escrita do material, como é natural.

Dessa forma, decidi publicar primeiro uma proposta de tradução para o texto original de 2 Pedro, mas sem justificá-la. E assim, já aproveito para avisar aos estudantes mais avançados que queiram entender as decisões em termos de tradução, de que eles poderão compreendê-las melhor após a leitura completa do livro.

Inclusive, entendo que o ideal é que cada leitor, se possível, leia o presente livro pelo menos duas vezes completas para melhor absorver a minha visão geral a respeito dos textos e dos temas trabalhados adiante.

Aos que não se sentem atraídos ao estudo da língua grega por achar o tema muito difícil, ou por qualquer outro motivo, meu conselho é que não se intimidem nem se julguem prejudicados. A proposta interpretativa e teológi-

ca presente neste material será expressa de maneira clara e didática para todos os leitores, independentemente do nível de conhecimento, ou mesmo de interesse, em grego.

Ainda assim, recomendamos entusiasticamente a todos que leiam, pelo menos, a "tradução anotada", disponível no quinto capítulo do livro, pois assim poderão ganhar uma visão madura a respeito do texto, mesmo sem possuírem maior domínio da língua em que o Novo Testamento foi originalmente escrito.

O TÍTULO DA OBRA

É interessante também destacar brevemente nesta introdução as convicções que moldaram minha escolha pelo título da obra.

A Imortalidade da Alma e o Castigo dos Ímpios: Um Breve Comentário Exegético sobre 2 Pedro é um título que reflete meus interesses teológicos, minha metodologia e meus objetivos com a escrita deste material.

Os temas da *imortalidade da alma* e do *castigo dos ímpios* não serão os únicos a respeito dos quais irei comentar, longe disso, mas estarão no centro e no foco das partes principais de discussão dado o contexto da produção do livro.

Um *breve comentário exegético* é uma expressão através da qual pretendo comunicar aos leitores que o trabalho tem rigor acadêmico e exegético, mas da forma mais breve e simplificada possível, com vistas ao entendimento e benefício da maior parcela de pessoas, que é o meu objetivo.

Trabalhei a partir do método histórico-gramatical e da perspectiva sincrônica, isto é, com o texto bíblico tal qual o temos hoje, e não pretendi reconstruir a suposta história de sua produção e redação de uma perspectiva histórico-crítica. Há materiais acadêmicos e exegéticos muito mais profundos e extensos do que aquele que aqui estou propondo, tanto em termos de análises contextuais, históricas e linguísticas. No entanto, decidi simplificar, uma vez que meu material está focado em ser relevante aos cristãos em geral e não apenas acessível a eruditos, acadêmicos e estudantes mais avançados.

2 Pedro é o material base de todas as minhas considerações aqui, ainda que muitos outros textos bíblicos sejam referidos em variados contextos durante a obra como um todo.

Recomendo, inclusive, aos leitores que queiram ter o maior proveito com nosso livro, que leiam-no com sua Bíblia ao lado para consultarem o texto sempre que desejarem e sempre que surgir alguma curiosidade ou dúvida. Também indico àqueles que preferirem ler em um material impresso e tiverem acesso ao texto pela internet, que imprimam o ma-

terial, o encadernem e façam de seu estudo um momento de crescimento intelectual e espiritual significativo.

Entrego os resultados de meus esforços à comunidade adventista e evangélica brasileira em especial, mas também a toda a comunidade cristã de língua portuguesa além do nosso país. Espero que os frutos da presente obra redundem em honra e glória a Deus. A ideia é suscitar um debate respeitoso, academicamente relevante e embasado, ainda que compreensível a qualquer cristão que ame a Palavra de Deus e se deleite em meditar nela, adorando a Deus em espírito e em verdade. São esses os adoradores que o Pai busca e os leitores que busco. Ótima leitura!

I PROPOSTA DE TRADUÇÃO

Segunda Carta de Pedro

PREFÁCIO E SAUDAÇÃO

1:1 Simeão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, aos que receberam uma fé de valor igual à nossa, por meio da justiça de nosso Deus e Salvador Jesus Cristo.

2 Que a graça e a paz lhes sejam multiplicadas, no pleno conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor.

A VOCAÇÃO CRISTÃ

3 Seu divino poder nos concedeu todas as coisas necessárias à vida e à piedade, pelo pleno conhecimento daquele que nos chamou por sua própria glória e excelência. 4 Por meio delas, ele nos concedeu as suas preciosas e grandiosas promessas, para que por elas vocês se tornem participantes da natureza divina, tendo escapado da corrupção que há no mundo por causa dos maus desejos.

5 Por isso mesmo, concentrem todos os seus esforços para acrescentar à sua fé a excelência de caráter; à excelência de caráter, o conhecimento; 6 ao conhecimento, o domínio próprio; ao domínio próprio, a perseverança; à perseve-

rança, a piedade; 7 à piedade, a afeição fraternal; à afeição fraternal, o amor. 8 Porque, se essas qualidades existirem em vocês e aumentarem cada vez mais, elas impedirão que vocês sejam inativos ou infrutíferos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo. 9 Pois aquele que carece destas qualidades é cego e míope, tendo-se esquecido da purificação dos seus antigos pecados.

10 Por isso, irmãos, empenhem-se ainda mais para confirmar a vocação e a eleição de vocês; porque, fazendo isso, vocês jamais tropeçarão. 11 Pois desta maneira é que lhes será ricamente concedida a entrada no Reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

O TESTEMUNHO DOS APÓSTOLOS E DOS PROFETAS

12 Por esta razão, estarei sempre pronto para fazer com que vocês se lembrem destas coisas, embora já as conheçam e estejam firmados na verdade que têm. 13 Também considero justo, enquanto estou neste tabernáculo, despertar essas lembranças em vocês, 14 porque sei que estou prestes a deixar o meu tabernáculo, como nosso Senhor Jesus Cristo já me revelou. 15 E me esforçarei ao máximo para que sempre, mesmo depois da minha partida, vocês se lembrem dessas coisas.

16 Porque não seguimos mitos engenhosamente inventados quando lhes demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade. 17 Porque ele recebeu honra e glória da parte de Deus Pai, quando, pela Suprema Glória, lhe foi dirigida aquela voz: "Este é o meu Filho, meu amado, em quem me agrado." 18 E nós ouvimos esta voz vinda do céu quando estávamos com ele no monte santo.

19 Além disso, temos a palavra profética, que é totalmente segura, e vocês fazem bem em dar atenção a ela, como a uma lâmpada que brilha em lugar escuro, até que o dia amanheça e a estrela da alva nasça no coração de vocês. 20 Antes de tudo, porém, saibam que nenhuma profecia da Escritura provém de interpretação pessoal; 21 porque jamais qualquer profecia foi produzida pela vontade humana; entretanto, homens falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo.

OS FALSOS MESTRES

2:1 Mas também surgiram falsos profetas no meio do povo, assim como haverá falsos mestres entre vocês. Eles introduzirão secretamente heresias destruidoras, chegando até a renegar o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo

sobre si mesmos repentina destruição. 2 E muitos seguirão as suas práticas libertinas, e, por causa deles, o caminho da verdade será difamado. 3 Movidos por ganância, eles explorarão vocês com palavras enganadoras. Sua condenação, pronunciada há muito tempo, não tarda, e sua destruição não caiu no esquecimento.

4 Pois se Deus não poupou os anjos que pecaram, mas, lançando-os no Tártaro, prendeu-os com correntes de escuridão, a fim de serem reservados para o juízo; 5 e se não poupou o mundo antigo, mas preservou Noé, pregador da justiça, e mais sete pessoas, quando enviou o dilúvio sobre o mundo dos ímpios; 6 e se, reduzindo a cinzas as cidades de Sodoma e Gomorra, condenou-as à destruição, tendo-as posto como exemplo do que está para sobrevir aos ímpios; 7 e se livrou o justo Ló, que ficava aflito com a conduta libertina daquelas pessoas sem princípios 8 (porque esse justo, vivendo entre eles, se atormentava em sua alma justa, dia após dia, por causa das iniquidades que via e ouvia) 9 – assim, o Senhor sabe livrar da provação os piedosos e manter os injustos sob castigo, para o Dia do Juízo, 10 especialmente aqueles que seguem os desejos impuros da carne e desprezam a autoridade.

Atrevidos e arrogantes, não temem difamar os gloriosos seres celestiais, 11 enquanto os anjos, embora maiores em força e poder, não proferem contra eles sentença di-

famatória na presença do Senhor. 12 Esses, porém, como animais irracionais – seres guiados pelo instinto e que nascem para serem capturados e mortos, falando mal daquilo que não entendem, serão destruídos na sua destruição, 13 sofrendo a justa retribuição de sua injustiça. Consideram prazer a devassidão em plena luz do dia. São manchas e defeitos, encontrando satisfação nas suas próprias mentiras, enquanto se banqueteiam com vocês. 14 Eles têm os olhos cheios de adultério e são insaciáveis no pecado. Seduzem os instáveis e têm o coração exercitado na avareza. Malditos! 15 Tendo abandonado o reto caminho, desviaram-se e seguiram o caminho de Balaão, filho de Bosor, que amou o pagamento pela injustiça. 16 Mas ele foi repreendido pela sua transgressão: um animal de carga mudo, falando com voz humana, refreou a insensatez do profeta.

17 Esses tais são fontes sem água, névoas levadas pela tempestade, para os quais está reservada a mais profunda escuridão. 18 Porque, falando palavras pomposas, mas vazias, seduzem com desejos libertinos da carne aqueles que por pouco estão conseguindo escapar dos que vivem no erro. 19 Prometem-lhes liberdade, quando eles mesmos são escravos da corrupção, pois aquele que é vencido fica escravo do vencedor. 20 Portanto, se, depois de terem escapado das contaminações do mundo mediante o conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, são novamente enredados

e vencidos por elas, o seu último estado se tornou pior do que o primeiro. 21 Pois teria sido melhor que eles nunca tivessem conhecido o caminho da justiça do que, após conhecê-lo, darem as costas para o santo mandamento que lhes havia sido transmitido. 22 Com eles aconteceu o que diz certo provérbio muito verdadeiro: "O cão volta ao seu próprio vômito." E: "A porca lavada volta a rolar na lama."

A PROMESSA DA VINDA DO SENHOR

3:1 Amados, esta já é a segunda carta que escrevo a vocês. Em ambas, procuro, por meio de lembranças, despertar a mente sincera de vocês, 2 para que se lembrem das palavras ditas de antemão pelos santos profetas, e do mandamento do Senhor e Salvador, que os apóstolos de vocês lhes ensinaram.

3 Antes de tudo, saibam que, nos últimos dias, virão zombadores com suas zombarias, andando segundo as próprias paixões 4 e dizendo: "O que houve com a promessa da sua vinda? Porque, desde que os pais morreram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação." 5 Acontece que, de propósito, ignoram que, há muito tempo, pela palavra de Deus, os céus vieram à existência e a terra foi formada da água e através da água. 6 Por meio dessas coisas

o mundo daquele tempo foi destruído, inundado por água. 7 Pela mesma palavra, os céus e a terra que agora existem estão reservados para o fogo, guardados para o Dia do Juízo e da destruição dos ímpios.

8 Mas há uma coisa, amados, que vocês não devem esquecer: que, para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos são como um dia. 9 O Senhor não retarda em cumprir a sua promessa, ainda que alguns a julguem demorada. Pelo contrário, ele é paciente com vocês, não querendo que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento. 10 Porém, o Dia do Senhor virá como um ladrão, no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos serão desfeitos pelo fogo, e a terra e as obras que nela existem serão reveladas.

11 Uma vez que todas essas coisas serão assim desfeitas, que tipo de pessoas vocês devem ser, em santa conduta e piedade, 12 esperando e apressando a vinda do Dia de Deus! Por causa desse dia, os céus serão desfeitos pelo fogo e os elementos se derreterão pelo calor. 13 Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça.

EXORTAÇÃO FINAL E DOXOLOGIA

14 Portanto, amados, visto que esperam estas coisas, esforcem-se para serem encontrados por ele em paz, sem

mácula e sem culpa. 15 E considerem como salvação a paciência de nosso Senhor, como também o nosso amado irmão Paulo escreveu a vocês, segundo a sabedoria que lhe foi dada, 16 ao falar a respeito destes assuntos, como, de fato, costuma fazer em todas as suas cartas. Nelas há certas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis distorcem, como fazem também com as demais Escrituras, para a própria destruição deles.

17 Portanto, amados, sabendo disso antecipadamente, tenham cuidado para que não sejam arrastados pelo erro desses homens sem princípios e caiam de sua posição segura. 18 Pelo contrário, cresçam na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja a glória, tanto agora como no dia da eternidade.

II

COMENTÁRIO EXEGÉTICO E TEOLÓGICO

A partir de agora, vamos fazer uma imersão no universo de 2 Pedro em busca dos contextos que nos permitirão compreender o texto da melhor forma possível.

Discussões sobre autoria, data, antecedentes textuais no Antigo e no Novo Testamentos que formam a base do documento, são potencialmente complexas a depender dos métodos de acesso e análise desses fatos. Por outro lado, também são importantes para nos ajudar a criar uma imagem, o mais precisa possível, da identidade do autor, de seus pressupostos, fontes e argumentos teológicos no momento em que o material foi primeiramente produzido.

Sem um certo esforço por compreender esse cenário mais amplo, fica muito mais difícil entender minimamente o motivo da produção do livro bíblico e compreender o sentido do seu conteúdo espiritual. Assim, nossa tarefa imediata será a de identificar, ainda que brevemente, as principais discussões a respeito do contexto de 2 Pedro e fornecer conclusões basilares que permitirão ao leitor, adiante, compreender melhor nossos comentários sobre o sentido teológico do conteúdo da carta.

Pedro, ou quem quer que tenha sido o autor dessa carta, não era católico, evangélico ou sequer adventista, pelo menos não na acepção atual que tais divisões no cristianismo atual representam e significam. Dessa maneira, quaisquer que sejam as apropriações ou aplicações atuais

que indivíduos pertencentes a tais grupos façam, isso não torna o documento bíblico uma resposta direta a questionamentos e contextos que só se manifestaram mais tarde na história da igreja.

A relevância do documento, portanto, adquire sua força primordial do contexto original de sua escrita e não da facilidade ou dificuldade que seu conteúdo ofereça para grupos e indivíduos cristãos, na atualidade, no sentido de poder ser usado para defender certas instituições, doutrinas ou bandeiras através da apropriação e aplicação de certas frases e conceitos presentes no seu conteúdo.

O cristianismo é hoje diferente do que foi no passado, assim como os desafios que a igreja enfrentou no passado são diferentes dos que enfrenta hoje. E mesmo que se defenda, acertadamente, que o texto mantém sua relevância até o momento atual da história, ele naturalmente não deve ser lido tendo em vista preocupações anacrônicas. Imbuídos de tais convicções, nos voltamos, na medida do possível, ao mundo onde o texto foi produzido.

AUTORIA E DATA

Autoria e data são, naturalmente, duas faces da mesma moeda. Geralmente, uma decisão em favor de uma teoria

a respeito de quem foi o autor de um texto contextualiza a decisão pela data de produção do documento, e vice-versa.

Por exemplo: se Pedro, em pessoa, escreveu ou ordenou a produção desse testamento/carta em seu nome, estando em seu leito de morte, temos a produção do material datada forçosamente de pouco antes de sua morte. Por outro lado, se uma comunidade de seguidores de Pedro, após sua morte, decidiu escrever o documento em nome do apóstolo já falecido, temos sua produção datada de algum tempo depois da morte de Pedro.

O contexto geral de todas as hipóteses já levantadas para a produção desse material na história da teologia cristã é criado pelas dificuldades em torno: 1) da definição precisa da data da morte de Pedro; ou 2) de em quanto tempo uma suposta comunidade petrina teria decidido escrever o documento após a morte do apóstolo.

Justificando sua abordagem de escrever um comentário de 2 Pedro junto de um comentário da carta de Judas, Knight (1995, p. 10, grifo nosso) diz que assim procedeu, pois segundo os melhores resultados das pesquisas nessa área, os dois materiais mantêm dependência literária um do outro e devem ser estudados juntos. Assim, ele argumenta que ninguém deveria concluir que sua decisão tivesse que ver simplesmente com "tratar de forma conveniente com *dois textos difíceis de datar*".

A pressuposta dificuldade em se datar a produção de 2 Pedro em conexão com a carta de Judas, naturalmente, já nos indica que deve haver dificuldades em se determinar quem realmente foi o autor do texto aqui analisado.

Cristãos mais tradicionais e não acostumados com os métodos e conclusões do criticismo histórico aplicado à Bíblia podem se surpreender com a discussão sobre se Pedro realmente escreveu a Segunda Carta de Pedro presente no cânon bíblico. Não é óbvio e inquestionável que sim? Não. A verdade, inclusive, é que discussões do mesmo tipo são comuns a respeito de quase todos os livros bíblicos e são extremamente populares quando se trata de determinados documentos canônicos, como é o caso do livro que é o centro de nossas atenções neste trabalho.

Já ao final da década de 1960, Kelly (1969, p. 235) afirmava que entre os acadêmicos adeptos do método histórico-crítico "praticamente ninguém atualmente duvida que 2 Pedro é um texto pseudônimo". Ou seja, já naquela época havia praticamente um consenso entre os estudiosos críticos de que 2 Pedro não foi um documento escrito/ditado por Pedro. O ceticismo generalizado sobre a autoria petrina da carta entre os eruditos críticos permanece inalterado no século 21.

Kruger (1999, p. 645), defensor moderno da autenticidade de 2 Pedro, propõe que o documento tenha um registro no mínimo complicado em termos de antecedentes

históricos, resumindo-o da seguinte forma: “Recebido com hesitação no cânon do Novo Testamento, considerado Escritura de segunda classe por Lutero, aceito com relutância por Calvino, rejeitado por Erasmus e, agora, repudiado como pseudônimo pelos estudos modernos.”

Ainda assim, Kruger defende que os argumentos em favor da autoria petrina geralmente não são devidamente considerados, e que qualquer pretensão de consenso na comunidade acadêmica sobre isso é, no mínimo, estranha, uma vez que esse é um campo onde não existe consenso real sobre praticamente nenhum ponto em discussão. Sua tese é que os argumentos usados para fundamentar afirmações dogmáticas de que Pedro definitivamente não é o autor de 2 Pedro são incompletos e insuficientes para tanto, e suas razões resumidamente indicam questões fundamentais:

1. Nenhum livro sabidamente pseudoepígrafo teria sido canonizado ao lado dos documentos realmente escritos pelos apóstolos e que, exatamente por sua origem apostólica, eram revestidos de autoridade singular entre os cristãos.

Isso indica que na comunidade da igreja primitiva não havia dúvida de que o texto remontava a Pedro em pessoa. Conquanto isso não prove que o documento específico de 2 Pedro é autêntico, torna-se possível defender que a carta não teria sido canonizada se seu conteúdo fosse sabida-

mente tardio e de autoria diversa daquela apresentada na introdução do documento.

2. Em geral argumenta-se que 2 Pedro é o texto do Novo Testamento menos atestado entre os pais da igreja (os autores e líderes dos primeiros séculos da história do cristianismo após a morte dos apóstolos). Conquanto isso seja uma verdade plena e verificável, o texto é, também, melhor atestado entre os primeiros pais do que todos os documentos que pretenderam ser canonizados, mas que foram rejeitados pelos cristãos primitivos para compor o cânon bíblico.

3. O argumento do silêncio de que 2 Pedro não é uma carta tão bem atestada quanto outras cartas do Novo Testamento cria conclusões radicais a partir do nada. Além disso, não leva em conta que a carta pode ser menos atestada do que outras, mas ainda assim ser suficientemente atestada como legítima.

4. Determinada leitura da relação de dependência literária entre 2 Pedro e o texto pseudoepígrafo conhecido como *Apocalipse de Pedro* pode fazer com que a data de 2 Pedro seja considerada, com muita propriedade, como sendo originária do primeiro século da era cristã quando Pedro ainda estava vivo. Houve farta literatura pseudoepígrafa atribuída a Pedro no início da era cristã, mas 2 Pedro sempre desfrutou *status* superior a toda essa literatura entre os cristãos.

5. As diferenças entre 1 e 2 Pedro podem ser atribuídas a diferentes amanuenses, e isso não cria implicações de que uma das cartas, nesse caso, seja pseudoepígrafa, dadas as diferenças de estilo literário entre os redatores a serviço de Pedro. Além do mais, há farta correspondência linguística e conceitual entre as duas cartas, e suas diferenças podem facilmente ser explicadas por conta dos diferentes contextos imediatos que ensejaram a produção de cada carta em si.

Dessa forma, se Pedro foi realmente o autor da carta, e há bons motivos para assim pensar, ela data de pouco antes de sua morte (2Pe 1:14-15), estabelecida tradicionalmente ao redor do ano 63 da era cristã. Estudiosos críticos, que acreditam que o documento é pseudoepígrafo, apontam várias outras datas possíveis para sua escrita entre as décadas de 60 e 160 d.C.

Para os propósitos deste livro, não é necessário estabelecer uma data precisa para a produção do material, ou sequer uma avaliação ampla dos argumentos a favor ou contrários à autoria petrina. Nossa preferência, entretanto, está claramente conectada ao método histórico- gramatical de interpretação bíblica, sem trabalhar com as categorias, pressuposições, métodos e conclusões do método histórico-crítico. Dessa forma, defendemos que Pedro é o autor da carta, e sua produção se deu provavelmente através de um secretário literário à sua disposição. Isso, pouco

antes da morte daquele que foi um dos mais ilustres apóstolos de Jesus Cristo.

O USO DO ANTIGO TESTAMENTO EM 2 PEDRO

Uma das formas mais seguras de entendermos as convicções de uma pessoa é prestar atenção a que fontes de pensamento e prática ela aponta como confiáveis e autoritativas. No caso de Pedro, é bastante claro que o autor tem a Bíblia Hebraica em alta conta, remetendo em seu texto a praticamente todas as divisões do chamado Antigo Testamento: à Lei, aos Profetas e aos Escritos.

No índice de citações e de alusões verbais do *Novo Testamento Grego*, 5ª edição, produzido pelas Sociedades Bíblicas Unidas, os editores identificam os textos do Antigo Testamento que são citados e aludidos em 2 Pedro. Ali fazem-se alusões a textos dos livros de Gênesis e Números, pertencentes à divisão da Lei (ou Pentateuco); a textos de Habacuque e Isaías, pertencentes à divisão dos Profetas; e a um texto de Provérbios, pertencente à divisão dos Escritos.

Carson (2014, p. 1.281-1.298) destaca possíveis citações e alusões do Antigo Testamento em 2 Pedro de forma um pouco mais ampla, como se a carta ecoasse ou fizesse

referência a trechos dos textos dos seguintes livros: Gênesis, Números, Deuteronômio, Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Amós e Sofonias. Alguns dos textos citados por Carson têm ligação direta e inquestionável com a retórica de Pedro em sua segunda carta, outros mantêm afinidades mais secundárias, distantes e questionáveis.

Vamos identificar cada um desses textos de forma breve e tirar nossas conclusões sobre como Pedro via os textos aos quais fez referência e que implicações há de sua postura para sua teologia de forma mais ampla. Vamos seguir uma sequência cronológica dentro do texto de 2 Pedro, avaliando brevemente possíveis citações ou alusões ao Antigo Testamento.

2 PEDRO 1:19

> "Além disso, temos a *palavra profética*, [que é] totalmente segura, e vocês fazem bem em dar atenção a ela, como a uma *lâmpada que brilha* em lugar escuro, até que o dia amanheça e a *estrela da alva* nasça no coração de vocês."

Carson (2014, p. 1.281-1.282) diz que a expressão palavra profética "quase sem dúvida é uma referência ao Antigo

Testamento". No entanto, defende que, já que nenhum texto específico está em foco, é melhor considerar a expressão como se referindo às Escrituras hebraicas como um todo, de um ponto de vista de alguém que tem consciência canônica.

Além disso, a "lâmpada que brilha" pode ser uma referência à metáfora veterotestamentária para descrever a Palavra de Deus (Sl 119:105); e a "estrela da alva" pode ter sua origem na profecia feita, a contragosto, por Balaão (Nm 24:17).

2 PEDRO 2:4

> "Pois se Deus não poupou os *anjos que pecaram*, mas, lançando-os no Tártaro, prendeu-os com correntes de escuridão, a fim de serem reservados para o juízo."

Carson (2014, p. 1.284) afirma que muitos intérpretes defendem que Gênesis 6:1-4 é o texto por detrás da imagem dos "anjos que pecaram". Por outro lado, ele afirma que "um pequeno número de estudiosos adotou a teoria de que Gênesis 6:1-4 não é o texto do Antigo Testamento em que 2 Pedro 2:4 se apoia", mas que o apóstolo deve ter em mente a queda dos anjos num período que antecede à história de Gênesis 6.

Carson, de forma bem humorada, argumenta que a queda antecedente dos anjos está, pelo menos, pressuposta no primeiro livro da Bíblia, mas é praticamente impossível encontrar um tratamento claro sobre esse fato. Mas a teoria de que 2 Pedro 2:4 se apoiaria em determinadas leituras de Gênesis 6:1-4 "parece uma tentativa de interpretar o que é pouco conhecido com base em algo ainda menos conhecido".

A ideia é que pouco se sabe a respeito da queda primordial dos anjos, mas isso pelo menos por ser pressuposto. Todavia, teorias específicas elaboradas sobre anjos, como filhos de Deus/demônios que mantiveram alguma espécie de envolvimento sexual com as filhas dos homens e deram à luz a gigantes, é algo muito mais obscuro e sobre o qual não temos fonte de conhecimento confiável.

2 PEDRO 2:5

> "e [se] não poupou o mundo antigo, mas preservou *Noé*, pregador da justiça, e *mais sete pessoas*, quando enviou o dilúvio sobre o mundo dos ímpios."

O Novo Testamento Grego vê nesse texto uma alusão a Gênesis 8:18, que fala de Noé, sua esposa e seus filhos e as mulheres de seus filhos. Oito pessoas ao total.

2 PEDRO 2:6-8

> "e [se], *reduzindo a cinzas* as cidades de *Sodoma e Gomorra*, condenou-as à destruição, tendo-as posto como exemplo do que está para sobrevir aos ímpios; e [se] livrou o justo **Ló**, [que ficava] aflito com a conduta libertina daqueles iníquos (porque esse justo, vivendo entre eles, se atormentava em [sua] alma justa, dia após dia, por causa das obras iníquas que via e ouvia)."

O Novo Testamento Grego e Carson (2014, p. 1.287-1.291) consideram esse texto uma alusão a Gênesis 19:1-24.

2 PEDRO 2:13

> "sofrendo a justa retribuição de sua injustiça. Consideram prazer a devassidão em plena *luz do dia*. [São] manchas e defeitos, encontrando satisfação nas suas próprias mentiras, enquanto se banqueteiam com vocês."

A reprovação às festas desregradas, especialmente às realizadas pela manhã, segundo Carson (2014, p. 1.291), pode conter alusão a Eclesiastes 10:16 e/ou Isaías 5:11.

2 PEDRO 2:15–16

> "Tendo abandonado o reto caminho, desviaram-se e seguiram o caminho de *Balaão*, [filho] de Bosor, que amou o pagamento pela injustiça. 16 Mas ele foi repreendido pela sua transgressão: *um animal de carga mudo, falando com voz humana*, refreou a insensatez do profeta."

A alusão clara é aos textos de Números 22:7, 28 que remetem à história do falso profeta Balaão e sua experiência sobrenatural com a jumenta que falou com ele com voz humana da parte do Senhor em contexto de repreensão.

2 PEDRO 2:17

> "Esses tais são *fontes sem água*, névoas levadas pela tempestade, para os quais está reservada a mais profunda escuridão."

Carson (2014, p. 1.292) vê uma possível alusão modificada criativamente ao texto de Provérbios 25:14. A expressão fontes sem água, em tese, "retratam a promessa sem a entrega" e o "charlatanismo espiritual" dos falsos mestres.

2 PEDRO 2:22

> “Com eles aconteceu o que diz certo provérbio [muito] verdadeiro: ‘O cão volta ao seu próprio vômito.’ E: ‘A porca lavada [volta] a rolar na lama.’”

A única citação realmente reconhecida pelo *Novo Testamento Grego* do Antigo Testamento em 2 Pedro é a citação direta da primeira metade de Provérbios 26:11. O trecho provavelmente foi combinado a outro ditado popular conhecido, porém não registrado na Bíblia.

2 PEDRO 3:5

> “Acontece que, de propósito, ignoram que, há muito tempo, pela palavra de Deus, os céus vieram à existência e *a terra foi formada da água e através da água*.”

A alusão aqui, segundo o *Novo Testamento Grego*, é ao texto de Gênesis 1:6-9, referente à criação do mundo e ao surgimento da porção seca após as águas serem ajuntadas para a formação do mar.

2 PEDRO 3:6

> "Por meio dessas coisas o mundo daquele tempo foi destruído, *inundado por água*."

O *Novo Testamento Grego* vê aqui uma alusão a Gênesis 7:11-21, que descreve a destruição do mundo pelas águas do dilúvio.

2 PEDRO 3:8

> "Mas há uma coisa, amados, que vocês não devem esquecer: que, *para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos são como um dia*."

Carson (2014, p. 1.294-1.295) declara que o Salmo 90:1-2, 5-6, pode ser a inspiração por detrás das palavras de Pedro. Ele adverte que tal interpretação não deve ser tomada como equivalência literal entre a sensação de passagem do tempo para Deus em comparação cronométrica com a humanidade, mas tem seu foco na revelação da superioridade, confiabilidade e eternidade divina em contraste com a transitoriedade do homem.

2 PEDRO 3:9

> "*O Senhor não retarda* [em cumprir] a [sua] promessa, ainda que *alguns a julguem demorada*. Pelo contrário, ele é paciente com vocês, não querendo que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento."

A imagem petrina pode ter sua fonte em Habacuque 2:3, onde o profeta fala que Deus, de sua perspectiva, não tarda, mas se tardar, na visão humana, deve ser aguardado, pois é certo que não falhará.

2 PEDRO 3:13

> "Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos *novos céus e nova terra*, nos quais habita a *justiça*."

O *Novo Testamento Grego* vê uma combinação dos textos de Isaías 60:21, 65:17 e 66:22 como possíveis alusões às quais Pedro faz referência nesse texto, especialmente no que tange aos novos céus e nova terra prometidos aos justos.

CONCLUSÃO

O uso que Pedro faz do Antigo Testamento em sua segunda carta é claro e seu sentido é inequívoco. Pedro considera a Bíblia Hebraica como a Palavra profética, como sendo histórica e doutrinariamente confiável. Apta para esclarecer o passado, iluminar o presente e desvendar o que virá no futuro.

O autor inspirado apresenta um embate com os falsos mestres, que parecem ser filósofos céticos e hedonistas que haviam tido um primeiro contato positivo com o cristianismo, mas parecem ter dado as costas aos ensinamentos e queriam seduzir os demais a seguirem no mesmo caminho. Nesse contexto, Pedro aponta para o Antigo Testamento como história antiga, tradicional, bem atestada, conhecida e, sobretudo, confiável, mesmo em aspectos que aparentemente eram ridicularizados pelos opositores, como a intervenção divina no mundo e o juízo futuro.

Pedro não se intimidava com as sensibilidades e zombarias dos falsos mestres e colocou o Antigo Testamento na dianteira em todo o seu confronto polêmico com eles de forma a fundamentar sua pregação cristã com base, também, em sua confiabilidade e autoridade. Dessa forma, o Antigo Testamento deve ser aceito e reconhecido pelos membros da igreja de Jesus Cristo.

Qualquer cristão, portanto, que pretenda enxergar em Pedro um protótipo de si mesmo, como um pregador da doutrina da imortalidade da alma, está fazendo uma péssima leitura do documento, caso seja comprovável que tal doutrina nega frontalmente a revelação veterotestamentária, como cremos que seja o caso e como iremos argumentar adiante.

Além disso, é importante notar que Pedro jamais se referiria ao Antigo Testamento como contendo doutrinas "ultrapassadas" sob o mero pretexto de desconfiar ou descrer de algo de seu conteúdo. O palatável e enganoso discurso dos imortalistas de que no Novo Testamento há uma "maior luz" quanto ao tema da imortalidade da alma, que ao final supera (e contradiz) a revelação "antiga", reconheçam eles a contradição ou não, é um discurso antagônico ao do próprio apóstolo e, por implicação, ensina o exato oposto do que ele ensinou.

Isso não quer dizer que o Pedro histórico não tenha discernido aspectos segundo os quais o Antigo Testamento apontava para uma nova aliança que se cumpriu em Cristo e foi universalizada no Novo Testamento. O autor evidentemente reconhecia que, com isso, houve mudanças em toda a cultura e todas as ordenanças divinas anteriormente dadas aos judeus, como no caso da circuncisão, no contexto da igreja cristã, especialmente aos de origem gentílica (At 10:1-18; 15:6-11).

Mas isso quer dizer que tais desdobramentos precisam sempre ser vistos como cumprimento do que fora profetizado no próprio Antigo Testamento e não como sua negação. Tais eventos, portando, atestam sua veracidade de forma extraordinária, e não há motivos para que tais fatos justifiquem uma retórica de abandono e superação da antropologia do Antigo Testamento no que tange à natureza da alma e do que ocorre com o homem quando este morre devido ao pecado de Adão e ao seu próprio. Tampouco a noção de aniquilação dos ímpios deve ser abandonada em nome de polêmicas a respeito da relação entre o Antigo e o Novo Testamento.

Os desenvolvimentos históricos que corretamente distanciaram o cristianismo do judaísmo são parte da "palavra profética" das Escrituras hebraicas, que estão na base da mensagem de Pedro, especialmente naquilo em que ela é cumprida por Cristo e em Cristo e dirigida a todo o mundo como pregação apostólica.

Entendimentos heréticos da parte de falsos mestres, que mal compreendem e mal aplicam a lógica e os limites dos desenvolvimentos acima mencionados, porém, não devem ser confundidos com doutrinas verdadeiramente cristãs.

A igreja do Novo Testamento não tem, nem pode ter, uma mensagem verdadeira e essencialmente contraditória ao Antigo Testamento. Isso é verdadeiro especialmente se uma determi-

nada doutrina supostamente cristã só pode ser mantida através de relativizações engenhosas ou negações explícitas do conteúdo e da tradição autoritativa da Bíblia Hebraica. Esse é o caso, por exemplo, do que ocorre com a defesa "cristã" do conceito de imortalidade da alma, ainda que embasaremos tais convicções em fundamentos mais sólidos somente mais adiante.

No entanto, o importante, neste momento, para o leitor, é que ele deve ser capaz de identificar que o uso do Antigo Testamento em 2 Pedro demonstra o apreço do apóstolo pela revelação da Bíblia Hebraica. Também se deve saber que esse ponto tem implicações importantes para as nossas discussões. Antes de prosseguirmos nessa direção, entretanto, vamos identificar como 2 Pedro usa os textos do Novo Testamento ou se harmoniza com eles.

O USO DO NOVO TESTAMENTO EM 2 PEDRO

No que tange à discussão textual neotestamentária, as questões mais importantes sobre 2 Pedro têm que ver com sua relação com os livros de 1 Pedro e Judas. Após analisarmos brevemente essas relações, porém, faremos um resumo de doutrinas que 2 Pedro tem em comum com o restante do Novo Testamento.

CONTINUIDADE ENTRE 1 E 2 PEDRO

A introdução de ambas as cartas (1Pe 1:2; 2Pe 2:2) contém exatamente a mesma expressão: "que a graça e a paz lhes sejam multiplicadas" (χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη πληθυνθείη). As duas cartas atribuídas a Pedro são as únicas do Novo Testamento a conter essa expressão exata.

A repetição é bem explicada no caso de um mesmo autor estar por detrás de ambas as cartas, mas o mesmo não ocorre no caso de se supor que o autor de 2 Pedro tenha copiado essa expressão da primeira carta. A pergunta que fica no ar, nesse caso, é: por qual motivo o autor teria copiado essa frase tão minuciosamente tendo mudado praticamente todo o restante da saudação inicial?

O termo grego para "excelência" (ἀρετῇ) é raro no Novo Testamento, ainda assim ocorre nas duas cartas de Pedro, em ambas fazendo referência à pessoa de Deus (1Pe 2:9; 2Pe 1:3).

O termo "testemunha ocular" (2Pe 1:16) é análogo à atitude das pessoas que devem "observar" as boas obras dos verdadeiros cristãos e glorificar a Deus no dia da sua visitação (1Pe 2:12); bem como à postura do marido não crente que "observa" o comportamento de sua esposa cristã (1Pe 3:2).

A imagem do Senhor que "resgatou" (2Pe 2:1) evoca a experiência dos que foram "resgatados" de um fútil procedimento pelo sangue de Cristo (1Pe 1:18-19) e sobre quem se aplicam todas as exortações subsequentes dos capítulos 2 a 5 da Primeira Carta de Pedro.

Das dez ocorrências do termo "práticas libertinas" (ἀσελγείαις) no NT, quatro estão nas cartas de Pedro (1Pe 4:3; 2Pe 2:2, 7, 18).

O tema dos "últimos dias" é conceitualmente proeminente nas duas cartas (1Pe 1:5, 20; 2Pe 3:3).

Por fim, 2 Pedro 3:14 fala que os cristãos devem ser achados "sem mácula e irrepreensíveis", linguagem que ressoa o Cordeiro "sem mácula e sem defeito" de 1 Pedro 1:19. A combinação desses dois termos só ocorre nessas duas passagens em todo o Novo Testamento.

Dessa forma, concluímos que as duas cartas de Pedro contêm fortes paralelos linguísticos e conceituais, fortalecendo a hipótese de que há um mesmo autor para os dois documentos. No entanto, é certo que não negamos as diferenças que também podem ser apontadas entre a retórica e o vocabulário das duas cartas, explicadas provavelmente pela diferença de amanuenses a serviço de Pedro em dois contextos imediatos diversos entre si.

Adiante, vamos explorar brevemente o intrincado tema da dependência literária entre 2 Pedro e Judas.

A RELAÇÃO LITERÁRIA ENTRE 2 PEDRO E JUDAS

Devivo (2014, p. 1) diz que já há algum tempo os estudiosos do texto bíblico "observam a estreita conexão literária entre Judas e 2 Pedro". Uma teoria bem estabelecida diz que 13 dos 25 versos de Judas teriam paralelos diretos em 2 Pedro. O que faz surgir a questão pela dependência literária entre os dois livros bíblicos. A ideia é que "o argumento sobre a direção da dependência o torna o 'problema sinótico' das epístolas católicas". Ou seja, assim como há uma acalorada discussão sobre qual seria a relação literária entre os três evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas), há também uma discussão similar, ainda que de menores proporções, na relação de dependência literária entre 2 Pedro e Judas.

Para os propósitos de nosso texto, vamos nos concentrar nas principais evidências da relação literária entre os dois documentos.

2 PEDRO 2:4 E JUDAS 6

> "Pois se Deus não poupou os *anjos* que pecaram, mas, lançando-os no Tártaro, prendeu-os com *correntes* de *escuridão*, a fim de serem reservados para o *juízo*."

> "E a *anjos*, os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio, ele tem guardado sob *trevas*, em *algemas* eternas, para o *juízo* do grande dia."

Enquanto 2 Pedro simplesmente afirma que os anjos "pecaram", Judas dá uma descrição mais específica, de que eles não mantiveram seu estado original e o local original de sua habitação. Provavelmente a mudança de local deva ser vista como consequência da mudança de condição.

Segundo Judas, Deus vem realizando juízo desde o passado, o faz até o presente, ainda que a sua manifestação última de juízo esteja reservada ao grande dia, no futuro. Assim é que os anjos já estão guardados, desde o passado e até o presente, "sob trevas", devendo, porém, ainda aguardar o julgamento final.

Segundo Pedro, Deus não poupou os anjos que pecaram e já os lançou no Tártaro, visto como um "abismo de trevas", e não como um lago de fogo. Local onde supostamente estão no presente e desde a sua queda em pecado. O juízo, entretanto, ainda aguarda desdobramentos e manifestações futuras para os quais os anjos malignos estão presentemente reservados de antemão.

2 PEDRO 2:6-8 E JUDAS 7

> "e se, reduzindo a cinzas as cidades de *Sodoma e Gomorra*, condenou-as à destruição, tendo-as posto como exemplo do que está para sobrevir aos ímpios; e se livrou o justo Ló, que ficava aflito com a *conduta libertina* daqueles iníquos (porque esse justo, vivendo entre eles, se atormentava em sua alma justa, dia após dia, por causa das obras iníquas que via e ouvia)."

> "Como *Sodoma e Gomorra*, e as cidades circunvizinhas, que, havendo-se entregado à *prostituição* como aqueles, seguindo após outra carne, são postas para exemplo do fogo eterno, sofrendo punição."

2 Pedro contrabalanceia a história do juízo divino sobre Sodoma e Gomorra com o livramento do justo, Ló, que atormentava sua "alma", ou seja, sua mente, diante do comportamento depravado daqueles que viriam a ser condenados. Tais foram reduzidos a cinzas, como exemplo para os ímpios de gerações futuras, dentre elas, para a geração à qual Pedro escreveu.

Judas relata a experiência unicamente em tons sombrios e negativos e destaca o fogo que consumiu Sodoma e Gomorra como "exemplo do fogo eterno".

2 PEDRO 2:11 E JUDAS 9

> "enquanto os *anjos*, embora maiores em força e poder, não proferem contra eles *sentença difamatória* na presença do Senhor."

> "Contudo, o *arcanjo* Miguel, quando contendia e disputava a respeito do corpo de Moisés, não se atreveu a proferir *juízo infamatório* contra ele; pelo contrário, disse: 'O Senhor te repreenda.'"

A ausência da referência a Miguel e Moisés no texto de Pedro não elimina o paralelo entre a ideia de que "anjos" não realizam julgamentos maldosos contra seus inimigos na presença de Deus.

Quanto à elucidação da intrigante cena reproduzida em Judas, Carson (2014, p. 1.291, grifo no original) diz que ela exige, "no mínimo, que o leitor de hoje, ao estudar a carta de Judas, reflita sobre a relação entre Deuteronômio 34 (a morte de Moisés) e a antiga literatura judaica, em especial a obra perdida *Ascensão de Moisés*".

2 PEDRO 2:15 E JUDAS 11

> “Tendo abandonado o reto caminho, desviaram-se e seguiram o caminho de *Balaão*, filho de Bosor, que amou o pagamento pela injustiça.”

> “Ai deles! Porque prosseguiram pelo caminho de Caim, e, movidos de ganância, se precipitaram no erro de *Balaão*, e pereceram na revolta de Corá.”

Enquanto Judas menciona por alto Caim, Balaão e Corá, Pedro cita apenas Balaão e faz uma longa consideração sobre a história do profeta, falando do salário da injustiça e da censura à sua loucura através da jumenta que falou com voz humana.

Por fim, tanto os inimigos de Judas quando os de Pedro são comparados a esses inimigos clássicos da história do povo de Deus no Antigo Testamento em suas posturas e disposições espirituais.

A TEOLOGIA DE 2 PEDRO E O NOVO TESTAMENTO

Nesta seção vamos propor um panorama resumido de como 2 Pedro se relaciona conceitualmente com

o Novo Testamento em geral. A ideia não é fazer referência a todos os textos paralelos ou relacionados entre si pelos mesmos personagens, temas e doutrinas, mas demonstrar ao leitor o fato de que esse livro é parte de uma narrativa bem mais ampla sobre os mesmos fatos, compreensões e doutrinas. As referências aos textos do NT nesta seção serão meramente representativas e não pretendem ser exaustivas ou, sequer, profundas.

1. Jesus Cristo como Senhor e Salvador – 2 Pedro é uma carta que exalta a Jesus Cristo como Senhor e Salvador, literalmente do começo (1:1) ao fim (3:18), passando por toda a extensão da carta (1:2, 8, 11, 14, 16, 2:20; 3:2, 10, 12, 15). Todo o Novo Testamento tem ênfase similar na pessoa de Jesus e na sua identidade como Senhor e Salvador (cf. Mc 16:19; Lc 2:11; Jo 4:42; At 1:21; Fp 3:20; Jd 25).

2. Perspectiva trinitária – Além da forte ênfase em Jesus Cristo, Pedro também destaca os demais membros da Trindade: Deus Pai (1:17) e o Espírito Santo (1:21), que inspira os profetas que falam movidos por Deus (cf. Mt 3:13-17; Mc 1:9-11; Lc 3:21-22; Jo 1:32-34; 14:16-26; At 5:1-4).

3. A existência dos anjos maus – Pedro é explícito em sua referência a anjos que pecaram, ou seja, aos demônios (2Pe 2:4). O mesmo tema é bastante presente no Novo Testamento (cf. Mt 4:1-11; Mc 2:21-28; Lc 8:26-34; Jo 8:44; Rm 16:20; Ef 6:10-16; Tg 4:7).

4. Fé, arrependimento e amor como posturas essenciais com vistas à entrada no Reino de Deus – As virtudes relativas à fé (2Pe 1:1; 5), ao arrependimento (3:9) e ao amor (1:7) são essenciais com vistas à entrada no Reino de Deus (1:8; 3:11-14). Os mesmos apelos são repetidos em diversos contextos do Novo Testamento (cf. Mc 1:4; 2:5; 10:28-31; Hb 11:6; 12:11-13; 13:1).

5. Confiabilidade histórica e doutrinária do Antigo Testamento – A segunda carta de Pedro evoca com confiança aspectos da história e da doutrina do Antigo Testamento (1:19-21; 2:4-8, 15-16, 22; 3:2, 16). A mesma postura é fartamente documentada por todo o Novo Testamento (cf. Mt 3:3; Mc 1:2; Lc 3:4; Jo 1:23; At 1:20; Rm 1:1-3; Tg 2:10-12).

6. Inimigos heréticos colocam a igreja em perigo – Pedro escreve sua carta, em grande medida, como reação à ameaças da parte de inimigos da igreja em função de seus comportamentos imorais e de suas heresias doutrinárias pelas quais buscavam seduzir e desviar membros do corpo de Cristo (2Pe 2:1-3:4). O mesmo contexto é visto de múltiplas perspectivas em vários documentos do Novo Testamento (2Co 11:19-23; Fp 3:2, 18-19; Cl 2:8, 16-23; 2Ts 2:1-12; 1Tm 6:3-10; 2Tm 2:16-23; Ap 2:14-15, 20-23).

7. Possibilidade de apostasia e exortação contra ela – Uma genuína experiência de salvação pela fé em

Cristo, em função do resgate realizado na cruz, pode ser seguida de apostasia com vistas à perdição (2Pe 2:1-2, 20-22; 3:17). Conquanto essa convicção seja fortemente rejeitada da perspectiva reformada/calvinista, é simples fato que o Novo Testamento aponta para a possibilidade e realidade da apostasia da fé salvífica em diversos contextos, atrelados à noção geral de eleição/salvação condicional (Mt 24:13; Mc 3:13; Lc 7:19; 1Tm 4:1; Hb 6:4-8; 10:26-31).

8. Tensão escatológica entre já e ainda não – Essa tensão é vista entre a salvação já e a segunda vinda ainda não, ou entre uma punição já infligida e um juízo final relacionado ao fogo, mas ainda não realizado. Pedro defende que Deus já nos deu tudo o que conduz à vida e à piedade (1:3), mas parte disso ainda está no campo da promessa com vistas a desenvolvimentos posteriores (1:4).

A purificação dos pecados de outrora já ocorreu (1:9), mas exortações contra o pecado, como sendo perigo real no presente e até os momentos antes de vinda de Cristo, ainda são pertinentes (3:14).

Demônios já estão experimentando alguma espécie de revés punitivo em função de seus pecados, mas ainda aguardam o juízo final para o qual estão reservados (2:4).

Mesmo no caso de lermos 2 Pedro 2:9 como fazendo referência à punição contínua e presente dos seres hu-

manos ímpios durante sua vida de pecado, ainda assim teremos a indicação de que eles estão reservados para uma futura "negridão das trevas" (2:17).

O mundo já pereceu pela água, mas a história ainda não terminou, e o mundo está agora reservado para uma manifestação de fogo no futuro (3:6-7).

Jesus já veio e já é reconhecido como Senhor e Salvador (1:2, 8, 11, 14, 16, 2:20; 3:2, 10, 12, 15), mas, por outro lado, ainda virá e deve ser aguardado com vistas à instauração efetiva do seu Reino eterno com novos céus e nova terra (3:10, 13).

Ênfases semelhantes se encontram no Novo Testamento de forma mais ampla (Mt 12:28; 16:28; Hb 2:8; 1 Jo 3:2; Ap 12:7-12).

9. Deixar o tabernáculo, partir e sono são metáforas para a morte – Pedro fala da morte natural como "deixar o tabernáculo" e como uma espécie de "partida" (1:14-15). Além disso, ele usa também a metáfora do "sono" (3:4).

As mesmas metáforas são usadas em vários pontos do Novo Testamento (Jo 11:11-15; At 20:29; 1Co 15:6, 18; 2Co 5:1-10; 1Ts 4:13-18; 2Tm 4:6). Possíveis implicações dessas metáforas para a argumentação central deste livro serão exploradas adiante.

ESBOÇO DE 2 PEDRO

1:1-2 – Audiência original e saudação.

1:3-12 – Introdução: o relacionamento entre Deus e o homem, que parte da fé e chega até o amor, contém tudo o que conduzirá os crentes ao Reino eterno.

1:13-15 – O testamento de Pedro.

1:16-18 – Apelo ao testemunho ocular apostólico da glória de Cristo.

1:19-21 – Apelo à palavra profética inspirada pelo Espírito Santo.

2:1-3 – Falsos profetas condenados no passado e falsos mestres a serem condenados no futuro.

2:4-8 – Exemplos dos pecados passados já punidos, mas aguardando juízo definitivo no futuro.

2:9–22 – Exemplos de pecados presentes já punidos, mas aguardando juízo definitivo no futuro.

3:1-2 – Apelo ao testemunho profético e apostólico.

3:3-4 – Profecia apostólica sobre o ceticismo dos escarnecedores no futuro.

3:5-7 – Apelo à criação e ao dilúvio como exemplo e profecia sobre o fogo.

3:8-10 – A superioridade de Deus e reafirmação da profecia sobre o fogo.

3:11-14 – Exortação à santidade em meio à perspectiva do fim.
3:15-16 – Exortação à fidelidade na leitura das cartas de Paulo e condenação às distorções das Escrituras.
3:17-18 – Exortação final e doxologia.

COMENTÁRIO TEOLÓGICO

1:1-2 - AUDIÊNCIA ORIGINAL E SAUDAÇÃO

> Simeão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, aos que receberam uma fé de valor igual à nossa, por meio da justiça de nosso Deus e Salvador Jesus Cristo. Que a graça e a paz lhes sejam multiplicadas, no pleno conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor.

Segunda Pedro é uma carta/testamento que identifica "Simeão Pedro" (Συμεὼν Πέτρος) como servo e apóstolo de Jesus Cristo, em tese, o mesmo apóstolo conhecido como Cefas ou Simão Pedro. Os títulos aparentemente mesclam as saudações em 1 Pedro (1:1) e Judas (1), ainda que nenhuma dependência literária necessite ser pressuposta ou concluída

em relação a nenhum dos dois documentos. As imagens simplesmente enfatizam o papel ministerial de Pedro e sua autoridade apostólica devido à sua relação com Jesus Cristo.

A audiência da carta é descrita de forma impessoal e geral, como se referindo "aos que receberam, pela justiça de nosso Deus e Salvador Jesus Cristo, uma fé de igual valor à nossa". Nenhuma pessoa ou comunidade cristã é menciona aqui, nem em nenhum outro ponto da carta, sequer na conclusão ou doxologia.

Tal característica fez com que o documento viesse a ser classificado entre as epístolas católicas da Bíblia, ainda que provavelmente a carta tenha sido produzida para endereçar um problema específico ocorrendo em um local determinado, e não como referindo-se a uma condição e situação absolutamente comum a todas as comunidades cristãs da época em que foi escrita. Isso não nega que o documento tenha sua relevância universal para a igreja; o mesmo ocorre com as cartas endereçadas à igrejas específicas e presentes no cânon bíblico.

A ideia de que os crentes "receberam fé" (λαχοῦσιν πίστιν) não implica monergismo, mas um sinergismo orientado pela iniciativa e primazia divina. Em outro contexto, o verbo é usado para se referir ao fato de Judas também ter recebido/tido sua parte no ministério apostólico (At 1:17). Dessa forma, a ideia é que receber fé, em 2 Pedro, não deve ser um conceito visto como a defesa de um mo-

nergismo, segundo o qual o homem não tem participação na sua própria fé ou não pode resistir à concessão dela da parte de Deus. Se assim fosse, Judas Iscariotes não teria apostatado do ministério que recebeu, nem os leitores de 2 Pedro seriam alertados do perigo da apostasia em relação a si mesmos, segundo o exemplo prático da experiência dos falsos mestres (2Pe 2:1-2, 20-22; 3:17).

A justiça de nosso Deus e Salvador Jesus Cristo tem como conteúdo Sua capacidade de definir e distinguir o que é justo do que é pecaminoso com vistas à história e ao mundo futuro (cf. 2:5; 2:21; 3:13). Cristo, como Deus e Salvador, é a fonte da justiça e da verdade. O conceito da justiça de Cristo também inclui a redenção ou resgate realizado por Ele em favor dos pecadores e que conduz os arrependidos à vida eterna pela fé, ainda que sua aplicação não ocorra na forma de uma graça irresistível (1:3-11; 2:1, 21-22).

Ou seja, Cristo é justo em diferenciar o que é correto do que é errado, justo em realizar a salvação de quem não merece ser salvo, pela graça mediante fé, e justo em condenar quem não crê no evangelho ou quem renega a redenção e a fé depois de tê-las experimentado inicialmente.

Aos crentes, que perseveram em crer, se diz que eles têm uma fé de igual valor à fé dos apóstolos de Jesus Cristo. Ou seja, na experiência da fé não há hierarquia ou privilégios a uns em detrimentos de outros. Todos participam

do mesmo Espírito e recebem as mesmas promessas, exortações e advertências com vistas à ampla entrada final de todos os filhos de Deus no Reino eterno.

Graça e paz são efusivamente invocadas sobre os leitores e conectadas ao conhecimento do Senhor Jesus Cristo.

1:3-12 – INTRODUÇÃO

> Seu divino poder nos concedeu todas as coisas necessárias à vida e à piedade, pelo pleno conhecimento daquele que nos chamou por sua própria glória e excelência. Por meio delas, ele nos concedeu as suas preciosas e grandiosas promessas, para que por elas vocês se tornem participantes da natureza divina, tendo escapado da corrupção que há no mundo por causa dos maus desejos.

> Por isso mesmo, concentrem todos os seus esforços para acrescentar à sua fé a excelência de caráter; à excelência de caráter, o conhecimento; ao conhecimento, o domínio próprio; ao domínio próprio, a perseverança; à perseverança, a piedade; à piedade, a afeição fraternal; à afeição fraternal, o amor. Porque, se essas qualidades existirem em vocês e aumentarem cada vez mais, elas impedirão que vocês sejam inativos ou

> infrutíferos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo. Pois aquele que carece destas qualidades é cego e míope, tendo-se esquecido da purificação dos seus antigos pecados.
>
> Por isso, irmãos, empenhem-se ainda mais para confirmar a vocação e a eleição de vocês; porque, fazendo isso, vocês jamais tropeçarão. Pois desta maneira é que lhes será ricamente concedida a entrada no Reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.
>
> Por esta razão, estarei sempre pronto para fazer com que vocês se lembrem destas coisas, embora já as conheçam e estejam firmados na verdade que têm.

A introdução da carta (1:3-12) enfatiza a iniciativa divina na concessão de tudo o que é necessário à vida e à piedade, bem como a responsabilidade humana em responder de forma crente e fiel ao que Deus propõe para que o resultado seja a sua entrada no Reino eterno.

O “seu divino poder” refere-se ao poder de Cristo, mas não deve ser entendido que Jesus é uma segunda Divindade rivalizando com a primeira. O poder de Cristo é divino, pois ele compartilha da mesma essencial divindade com Deus, o Pai. O adjetivo “divino” (θείας) é incomum no

Novo Testamento. Além de em 2 Pedro 1:3-4, só ocorre em Atos 17:29: “Não devemos pensar que o Ser divino é semelhante ao ouro, ou à prata, ou à pedra, uma imagem formada pela arte e imaginação do homem” (tradução do autor).

A “vida”, aqui (1:3), só poder ser a vida eterna, cuja manifestação é futura e precisa ser, em certo sentido, ainda conquistada ou, no mínimo, aguardada. Entretanto, a ideia não é que os homens a conquistem por si mesmos e de si mesmos, mas que recebem de Deus o poder que lhes permitirá avançar até a posse da vida imortal. O mesmo se diz sobre a piedade.

A manifestação ética de uma vida verdadeiramente piedosa tem origem eficaz somente mediante o conhecimento daquele que chamou os crentes “pela sua própria glória e excelência”. Ou seja, a vida piedosa no mundo, tanto quanto a vida eterna, são chamados de Deus ao homem, que são atingidas e desfrutadas por uma fé em Jesus Cristo contextualizada na concessão divina de tudo que é necessário para tal. Não há espaço para autonomia humana ou legalismo, conquanto haja espaço para uma necessária resposta sinergista da parte de um ser humano responsável e responsabilizável, especialmente naquilo em que é capacitado por Deus a responder positivamente e deve fazê-lo, podendo ser responsabilizado em caso de negação do chamado ou em caso de não perseverar.

A glória e a excelência de Deus são os fundamentos das "preciosas e grandíssimas promessas" que objetivam fazer os crentes participar da natureza divina, ainda que para a concretização final de tais promessas seja necessária uma fuga e superação das corrupções que existem no mundo na forma de desejo pecaminoso, da parte dos crentes.

A participação na natureza divina não refere-se nem à deificação da natureza humana, nem à exaltação ao padrão de perfeição moral que só será experimentada na glorificação que contextualiza a imortalidade. Não há pecador imortal, como não há humanidade sem pecado e ao mesmo tempo sujeita à mortalidade. Dessa forma, a imagem se refere, seguramente, à imputação da justiça do Deus e Salvador Jesus Cristo pela qual é doado ao crente tudo o que conduz à vida e à piedade no conhecimento do Senhor que o chamou (1:1-3), cuja resposta é uma vida santificada e coerente, ainda que não ainda isenta de pecados em sentido absoluto.

É mediante a promessa que tal participação é "antecipada" na experiência da fé, mas assim como a libertação do pecado em última instância aguarda a confirmação da perseverança prática até a entrada no Reino, a plena participação na natureza divina também aguarda o resultado do que ocorrerá até à própria segunda vinda de Jesus. Aqui temos, portanto, mais uma vez, a manifestação do princípio já/ainda não referente à escatologia do Novo Testamento.

O crente fiel já participa da natureza divina através da fé, das virtudes cristãs e, sobretudo, do amor, mas ainda não em sentido absolutamente perfeito e em última instância.

O caminho até a ampla entrada no Reino é apontado como envolvendo uma espécie de apropriação do poder divino da parte do homem. Este deve imperativamente "concentrar todos os seus esforços" para unir à sua fé as características e qualidades que farão com que ele não seja, afinal, nem inativo nem infrutífero no conhecimento do Senhor. Essas características são descritas em uma espécie de lista de virtudes, logicamente ordenadas entre si, que partem da fé até amadurecerem na manifestação do amor (1:5-7).

As qualidades recomendadas mesclam ideias e linguagem destacadamente helenista (virtude [ἀρετῇ], conhecimento [γνώσει], autodomínio [ἐγκράτειαν], perseverança [ὑπομονήν], piedade [εὐσέβειαν], fraternidade [φιλαδελφίαν]) com o que há de mais elevado e recomendável na tradição judaica (fé [πίστει] e amor [ἀγάπην]).

Que a fé seja o início da jornada, e o amor o seu alvo final e ideal, coloca a mentalidade judaica de Pedro no controle do gênio por detrás da lista, ao passo em que a linguagem helenista destaca a preocupação em se fazer entender na linguagem e na mentalidade da audiência original da carta. Thielman (2007, p. 634) destaca essa ideia dizendo que "os conceitos bíblicos de 'fé' e 'amor', portanto, são

mais como suportes das virtudes mais helenísticas do resto da lista. O que demonstra que Pedro concebe esses itens como os mais importantes".

Todas as qualidades destacadas na lista devem "existir e aumentar cada vez mais" nos crentes (1:8), o que indica um ideal de amadurecimento que venha a se manifestar em uma maturidade concreta. Não há, entretanto, pretensões de perfeição absoluta, uma vez que as exortações contra o pecado, pressuposto na experiência dos crentes por toda a carta, são necessárias e contêm implicações importantes (1:10; 3:1-2, 9, 11-12, 17-18).

A perspectiva de crescimento ou manifestação contínua e abundante de tais características, por exemplo, demonstra que o grau de amadurecimento sempre pode ser maior, eliminando a pretensão de qualquer um no sentido de já ter avançado o suficiente e não necessitar mais de importunações quanto à santificação. Por fim, pessoas já perfeitas, sem pecado e acima de sua presença e de seu poder de influência, não necessitariam das exortações contra o pecado, real ou potencial, contidas ao longo da carta e destacadas acima.

Aqueles que são chamados de cristãos, mas nos quais as qualidades recomendadas "não estão presentes" (μὴ πάρεστιν), são cegos e míopes. Não se diz que eles não foram redimidos de seus pecados por Cristo ou que não fo-

ram amados por Deus, mas sim, que estão "esquecidos" da purificação dos seus pecados. A gravidade do problema é destacada, dado que a verdade já está presente (παρούσῃ) com os crentes (1:12), de forma que não manifestar as características cristãs é indesculpável e consiste em rebeldia pecaminosa. Como resultado, aquele que se mantém míope e cego quanto a tais fatos, e inativo e infrutífero quanto às suas práticas, não entrará no Reino eterno, ao final.

Pedro arremata a introdução afirmando estar sempre pronto a relembrar tais coisas aos cristãos, como falando de um conteúdo basilar da fé que já foi exposto fielmente e, provavelmente, de forma repetida. Ele reconhece isso diante do fato de que dentre os seus destinatários existem aqueles que podem ser descritos como estando firmes nos avanços já alcançados na direção proposta pelo texto.

1:13-15 – O TESTAMENTO DE PEDRO

> Também considero justo, enquanto estou neste tabernáculo, despertar essas lembranças em vocês, porque sei que estou prestes a deixar o meu tabernáculo, como nosso Senhor Jesus Cristo já me revelou. E me esforçarei ao máximo para que sempre, mesmo depois da minha partida, vocês se lembrem dessas coisas.

A linguagem presente nessa seção refere-se ao que se chama como literatura de despedida ou "testamento". Seu sentido é inequívoco, ainda que pressupostos externos ao texto possam fazer com que a linguagem usada seja erroneamente aplicada para muito além do que está, de fato, dito.

Pedro claramente usa a expressão "enquanto estou neste tabernáculo" (1:13) para se referir ao fato de ainda estar vivo. Tal indica que sua convicção é que ele já está perto da morte e deseja falar algo como suas últimas palavras. A ideia é confirmada no verso posterior, onde ele afirma que Cristo lhe revelou, provavelmente invocando o incidente que seria posteriormente relatado em João 21:18-19, que ele estava para morrer, ao que Pedro faz referência direta a algo como "deixar o meu tabernáculo" (1:14). A experiência é descrita como uma "partida" (1:15).

A compreensão da morte nos termos bíblicos indica-a como a "saída" do fôlego de vida na hora da morte em termos do "sopro" que volta a Deus (Ec 12:7), ao passo que o corpo se desfaz em pó. Tal dinâmica é o cumprimento de Gênesis 3:19 e resulta num quadro que reflete a ordem exatamente inversa da criação em Gênesis 2:7 com as mesmas matérias-primas envolvidas.

Além disso, na Bíblia, há a revelação de que, nesse contexto, o morto experimenta um "perecimento" de qualquer memória, sentimento positivo ou negativo, atividade,

intenções, obras, perspectivas, conhecimento e sabedoria. Ou seja, cessa-se, segundo a revelação, qualquer experiência sensorial consciente, seja "debaixo do sol" ou seja no "além" (cf. Ec 9:5-6, 10). O quadro, levado a sério como revelação bíblica autoritativa, torna o texto de Pedro simples e absolutamente compreensível. O apóstolo sabe que está prestes a morrer, e morrerá, experimentando exatamente o que a Palavra de Deus revela sobre o que ocorre com o pecador quando este morre. Por isso, ele decidiu deixar uma última instrução espiritual à igreja a fim de fortalecê-la, e espera que a igreja receba e preserve as instruções após sua partida, lembrando-se do que ele está a comunicar a eles.

Em perspectiva mais ampla, é somente na ressurreição que Pedro recobrará sua identidade, memória, consciência e corpo, então revitalizados pela glorificação e extirpação do pecado e da corrupção em sua natureza, para, assim, desfrutar a vida eterna com Cristo e com os demais salvos. Nenhuma experiência de "desincorporação" de uma alma imortal é revelada ou referida no período entre a morte e a ressurreição em 2 Pedro, nem nesse texto (1:13-15), nem em qualquer outro.

Ocorre que a linguagem do "estar" no tabernáculo, "ser removido" dele e "partir" cria a impressão, da parte de quem já tem de antemão *pressupostos* imortalistas, de que Pedro esteja fazendo referência a uma narrativa bastante diversa da-

quela acima destacada com base na autoridade bíblica e na clareza de sua linguagem específica sobre o tema.

É importante destacar que o mesmo expediente interpretativo eisegético (onde as ideias são impostas ao texto e não tiradas dele) é empregado da parte de imortalistas para interpretar certos textos nas cartas de Paulo (cf. 2Co 5:1-10; Fp 1:21-24). Uma nota interessante é que se Paulo tivesse sobrevivido para ver as vergonhosas aplicações imortalistas feitas por alguns sobre o texto de 2 Pedro, ele facilmente teria escrito uma contrapartida ao texto em 3:15-16 e diria que os instáveis e ignorantes também distorcem os escritos de Pedro.

Seja como for, deve ser identificado com clareza que o método eisegético inicia impondo tais ideias sobre as narrativas bíblicas e termina não aceitando qualquer interpretação dos textos que não corrobore suas pressuposições e conclusões.

O expediente é simples de ser identificado, mas impossível de ser refutado na visão dos seus proponentes, que só admitem as próprias convicções como explicações válidas para as dinâmicas textuais destacadas.

Esse modo de fazer teologia, aliado ao ensino repetido e repassado durante séculos em forma e em nome de tradição religiosa, cristaliza tais convicções na mente de muitos cristãos e nos credos de muitas igrejas, e o estrago está feito. Convencer os adeptos dessas ideias da natureza do seu erro e reverter a obra do engano parece tarefa impossível.

Argumentação biblicamente mais ampla sobre o tema será oferecida nos capítulos 4 e 5, mas por aqui basta identificar que uma alma imortal como correspondendo à essência, ou mesmo a parte do ser humano pecador, desfigura completamente as narrativas da queda; da conexão entre pecado e morte; da necessidade da redenção em Cristo para livrar o homem do pecado e da morte; da inconsciência do homem na morte; e da necessidade de ressurreição para se desfrutar da presença de Cristo e da vida eterna.

1:16-18 – APELO AO TESTEMUNHO OCULAR APOSTÓLICO DA GLÓRIA DE CRISTO

> Porque não seguimos mitos engenhosamente inventados quando lhes demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade. Porque ele recebeu honra e glória da parte de Deus Pai, quando, pela Suprema Glória, lhe foi dirigida aquela voz: "Este é o meu Filho, meu amado, em quem me agrado." E nós ouvimos esta voz vinda do céu quando estávamos com ele no monte santo.

A majestade de Cristo foi vista por Pedro e pelos outro apóstolos a olho nu. Como testemunhas oculares da trans-

figuração, bem como da vida e obra de Cristo, inclusive nos fatos envolvendo Sua morte e ressurreição, os apóstolos não estão a sofismar em torno de um mito ilusório, irracional e engenhosamente inventado.

A presença dessa argumentação aqui, provavelmente, indica que os falsos mestres que ofereceram parte importante do contexto para a escrita da carta desenvolveram e estavam ensinado aos demais que a "poderosa vinda de Jesus Cristo" no futuro seria apenas uma mensagem comparável à mitologia sofística. Isto é, algo irreal, fantasioso, ensinado como realidade, mas que jamais deveria ser interpretada ou entendida como fazendo referências a fatos históricos que realmente ocorreram no passado ou a coisas a realmente se realizarem no futuro.

Muito especula-se sobre a origem e a natureza filosófica e cética de tais convicções, especialmente por estarem sendo sustentadas por ex-membros da igreja (2:1, 20-22). O que pode ter ocorrido é que essas pessoas já mantinham previamente percepções segundo as quais mitos e sofismas, muito comuns entre os helenistas, pertenceriam a uma categoria desprezível de pensamento, tentando-se passar por conhecimento da realidade, mas simplesmente fantasiando-a e negando-a.

Essas pessoas parecem ter tido um encontro com a mensagem cristã que lhes convenceu e converteu em primeira

instância, entretanto, eles vieram a retornar às suas convicções céticas anteriores com ainda mais apego e virulência, como o cão volta ao vômito e a porca retorna à lama (2:21-22). Agora, não somente os mitos e sofismas de origem grega são rejeitados por eles como fábulas, mas também todo o universo de convicções judaico-cristãs sofre o mesmo juízo.

Uma visão naturalista, possivelmente de matiz filosófica fundamentada no epicurismo, pode ser a responsável pela base de tais ideias. Segundo o historiador e biógrafo dos filósofos gregos, Diógenes Laércio, citado em Thielman (2007, p. 629), o conceito de Deus na filosofia de Epicuro era a de um ser eterno, imperturbado pela dor ou medo, "isento de movimentos de raiva ou gentileza". Ou seja, na própria base do epicurismo havia a ideia de que Deus não Se move a fim de julgar em forma de punição (raiva) ou salvação (gentileza).

As implicações desse tipo de ideia vieram a amadurecer em uma filosofia que relegava qualquer ideia de um juízo divino ao universo das fábulas ou mitos falaciosos e imprecisos.

Segundo Thielman (2007, p. 630), as convicções dessa escola filosófica em relação à morte diziam que "as almas morrem depois da morte e não há nenhum estado futuro de punição". Desdobramentos bastante interessantes sobre o tema central de nosso livro podem ser evocados aqui.

Entre os gregos havia muitas convicções filosóficas diferentes sobre todas as coisas. Filósofos imortalistas e mortalis-

tas, logicamente as duas únicas opções interpretativas sobre o que ocorre com as pessoas depois que elas morrem, fundamentavam suas percepções e conclusões sobre bases bastante diferentes a partir de sua observação e reflexão naturais.

Nenhum filósofo grego fundamentava sua visão do pós-morte na teologia bíblica do Antigo Testamento, como fonte suprema de revelação e verdade sobre história, doutrina e filosofia. Portanto, nenhum filósofo mortalista grego baseava sua interpretação da "morte da alma" numa elevada visão da história, da doutrina ou da autoridade do Antigo Testamento.

É importante destacar isso para evitar que equiparações superficiais deem a entender que a possibilidade de que parte dos hereges combatidos em 2 Pedro criam na mortalidade da alma, sob fundamentos filosóficos gregos, implica que uma visão de mortalidade da alma, mesmo fundamentada na Bíblia, deva ser condenada em função disso como "herética".

O fato é que para filósofos céticos, com a tendência de questionar a filosofia mais tradicional entre os gregos e o paradigma dualista que sustenta a tese da imortalidade da alma, a razão e a observação eram os elementos mais importantes na construção de sua doutrina sobre o pós-morte.

Como não se observa nenhuma alma saindo do corpo na hora da morte, nem há qualquer acesso reconhecível

a uma pessoa depois que ela morre, a conclusão é que a morte é o fim da existência e ponto final. Convicções em contrário seriam naturalmente ridicularizadas e combatidas, como ocorre hoje em círculos de filósofos naturalistas evolucionistas de forma geral. Por isso, inclusive, a defesa da historicidade da ressurreição de Jesus Cristo permanece um dos temas fundamentais da apologética cristã.

Ocorre que a mentalidade que fundamenta a ideia da mortalidade da alma, segundo os crentes na Bíblia, é bastante diversa e tem seu fundamento na coerência entre a revelação divina e a realidade. A morte é real, entrou no mundo no contexto do pecado de Adão e Eva, de forma que pecadores morrem e não há pecadores imortais. Assim, a morte é o *fim da vida* tal qual a experimentamos (sim, às vezes chegamos ao ponto de realmente precisar dizer o óbvio).

Entretanto, no contexto da misericórdia divina e diante do fato de que Ele é o Deus vivo que dá vida ao que não tem vida e que promete ressuscitar os mortos, os crentes desde o Antigo Testamento e chegando ao Novo Testamento desenvolveram uma percepção mais ampla sobre o tema do que aquela dos filósofos gregos mortalistas.

A morte é o fim, sim, mas esse fim será interrompido por uma intervenção sobrenatural e poderosa de Deus através da ressurreição, que devolverá a vida aos mortos no contexto escatológico. Esse contexto já se iniciou em Cristo

e se completará na segunda vinda de Cristo com a ressurreição de todos os salvos mortos, que até lá permanecem inconscientes na sepultura.

Naturalmente, isso indica que, para tanto, o problema do pecado, que explica a realidade da morte, deverá ter sido tratado num contexto de expiação, redenção, perdão e superação. Mas uma vez que Deus promete e pode realizar todas essas coisas, Ele pode devolver a vida aos mortos. Já o Antigo Testamento indica insofismavelmente a ideia de que haverá ressurreição dos mortos, mesmo dos injustos, ainda que para subsequente punição e não para salvação (cf. Is 26:19; Dn 12:1-3).

Dessa forma, uma perspectiva da mortalidade da alma que negue por completo o sentido, a lógica e a realidade do juízo futuro é absolutamente diversa da convicção segundo a qual após a morte há uma inconsciência absoluta da parte de quem morre até a ressurreição. Na visão cristã/adventista haverá, sim, juízo, ressurreição, além de recompensa e punição em desdobramentos contados a partir da primeira ou da segunda ressurreição, segundo a divisão bíblica entre crentes e descrentes, fieis e infiéis, salvos e perdidos (Ap 20:5-6, 11-15).

Mais um argumento se faz necessário aqui. Não é ponto pacífico que os oponentes da igreja em 2 Pedro eram epicureus e mantinham todas as convicções dessa escola filosófica destacadas acima.

Thielman (2207, p. 630, grifo nosso) arremata a discussão dizendo que "*qualquer conexão entre os oponentes e o epicurismo deva permanecer como especulação*, embora algo similar a essa filosofia pode prover os oponentes de Pedro com o arcabouço teórico que precisam para seu falso ensinamento".

Ou seja, os falsos mestres podem ter sido, ou não, epicureus. Ou podem ter sido simplesmente pessoas influenciados pela ideia de forma mais secundária, mas sem crer em tudo o que a escola acreditava e, sobretudo, sem necessariamente representá-la apropriadamente.

Por fim, é importante destacar que se os céticos que negavam a vinda de Cristo em conexão com o juízo fossem imortalistas, suas convicções também fariam todo o sentido de acordo com sua visão do que ocorre com o homem após a morte. Explico.

Se o pressuposto dos falsos mestres fosse a de que a alma é naturalmente perfeita, imortal e viverá para sempre num mundo espiritual ideal após a morte, nenhum conceito de "juízo" deveria ser pressuposto ou concluído em conexão com a morte ou com uma suposta segunda vinda de Jesus. Pois, assim fazê-lo não faria sentido, uma que vez que das implicações desse juízo poderiam vir a negar a perfeição da alma, a descrença em sua sobrevivência ou um ceticismo sobre a suposta experiência prazerosa da alma ao se ver livre do corpo, sua prisão. Especialmente a convicção

cristã da ressurreição de Cristo e dos demais seres humanos era facilmente oposta à visão imortalista grega comum na época em que 2 Pedro foi escrita.

Vale lembrar que Pedro, adiante, em sua carta, fará referência à clássica imagem da morte como um sono (3:4), em harmonia com vários outros textos bíblicos. Veja o comentário sobre o verso nos comentários a respeito do capítulo 3.

Portanto, não é explícito qual escola filosófica era a predileta entre os falsos mestres combatidos por Pedro, nem qual o contorno exato de sua visão sobre o pós-morte. Mas fica claro que o ceticismo quanto à vinda de Jesus Cristo pode ser contraposto, dentre outras coisas, pelo testemunho ocular dos apóstolos a respeito da majestade de Cristo, especialmente em conexão com o testemunho de Pedro, Tiago e João no chamado monte da transfiguração (Mt 17:1-8; Mc 9:2-8; Lc 9:28-36).

Thielman (2007, p. 637) diz que "não fica inteiramente claro como a lembrança da transfiguração apoia a veracidade do testemunho apostólico da segunda vinda", mas a ideia provavelmente é que o testemunho dessa cena já era tema conhecido da igreja de forma geral como prenunciando a vinda do Reino de Deus na *parousia*. Ou seja, a glória e a aprovação divina a Cristo, manifestas no monte da transfiguração, deverão se manifestar novamente na segunda vinda de Jesus.

1:19-21 – APELO À PALAVRA PROFÉTICA INSPIRADA PELO ESPÍRITO SANTO

> Além disso, temos a palavra profética, que é totalmente segura, e vocês fazem bem em dar atenção a ela, como a uma lâmpada que brilha em lugar escuro, até que o dia amanheça e a estrela da alva nasça no coração de vocês. Antes de tudo, porém, saibam que nenhuma profecia da Escritura provém de interpretação pessoal; porque jamais qualquer profecia foi produzida pela vontade humana; entretanto, homens falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo.

A outra fonte de autoridade evocada por Pedro para fazer frente ao ceticismo dos oponentes é a "palavra profética". A expressão certamente inclui o Antigo Testamento, caso não se refira exclusivamente a ele nesse contexto.

Tal palavra é firme e se deve recorrer a ela como uma lâmpada que brilha em lugar escuro. Haverá um dia em que uma estrela da alva nascerá no coração dos leitores, mas para isso é necessário saber que as profecias não são de interpretação individual nem vieram à existência por vontade humana. Os homens que falaram foram levados a fazê-lo pelo Espírito Santo e expuseram um conteúdo cuja origem é Deus.

A seguir, no capítulo 2, Pedro está prestes a fazer referência a várias passagens do Antigo Testamento a fim de exemplificar as convicções espirituais cristãs, mas já aqui fica pressuposto que os leitores da carta já possuem instrução de que a vinda de Cristo é objeto não apenas do testemunha ocular dos apóstolos, mas também de profecias mais antigas. A ideia parece ser que a antiguidade e o sentido dessas profecias podem ser investigadas e seu conteúdo pode ser provado como fazendo referência a aspectos da vida, morte, ressurreição e retorno de Cristo ao mundo.

Isso torna o testemunho ocular apostólico mais autoritativo, uma vez que ele é baseado em profecias cuja relevância, história e confiabilidade fizeram o povo judeu preservar, estudar e promover tais textos.

O Novo Testamento faz referência a vários textos do Antigo Testamento como prova de que os eventos em torno da vida, morte e ressureição de Cristo foram preditos (cf. Rm1:1-4; 9:27-33; 10:4-18; 15:4-6), e isso se torna um pressuposto que permite aos apóstolos revestir de autoridade as profecias neotestamentárias, segundo as quais Jesus virá outra vez.

A interpretação das profecias não é mera questão de exercício intelectual individual. Se assim fosse, indivíduos diferentes que lessem as profecias de formas contraditórias entre si, como supostamente significando coisas mutuamente excludente, tornariam a profecia inócua e simplesmen-

te sem significado objetivo. Esse relativismo contraditório deixaria todos diante da obrigação de serem, no máximo, agnósticos quanto ao significado das predições bíblicas.

É mais do que óbvio que as subjetividades dos leitores afetam sua leitura dos textos, mas os textos em si não são afetados por isso. Dessa forma, as profecias permanecem verdadeiras mesmo que haja intérpretes individuais que pretendam encontrar nelas o que nelas não está, ou que pretendam oferecer explicações contraditórias entre si.

Um bom exemplo disso é que a visão bíblica da mortalidade da alma permanece intacta apesar de intérpretes se esforçarem por enxergar almas imortais de seres humanos pecadores em determinados textos da Bíblia.

Nesse contexto, é significativo que o apelo de Pedro às profecias do Antigo Testamento termina fortalecendo a convicção segunda o qual a carta não deve ser usada para fazer frente ao ensino veterotestamentário sobre o que ocorre com as pessoas quando elas morrem, por exemplo.

Seria absolutamente incoerente da parte de Pedro defender as profecias do Antigo Testamento, mas ensinar que suas doutrinas podem ser simplesmente negadas e descartadas sem maiores considerações através de uma postura fortemente eisegética para com os textos. Esse quadro é impensável.

Mesmo que Pedro viesse a concordar que a vinda de Cristo inicia o tempo escatológico e tem implicações para

a superação de determinadas práticas voltadas aos judeus da parte dos membros gentios da igreja, a distância entre defender isso e defender que a alma é imortal, frontalmente contra o ensino do Antigo Testamento, é gigantesca.

Os profetas do Antigo Testamento falaram "movidos por Deus" e não defenderam ou ensinaram teorias de origem e interpretação humana em nome de Deus. Isso se aplica, naturalmente, também ao que tais profetas falaram a respeito da morte.

2:1-3 - FALSOS PROFETAS CONDENADOS NO PASSADO E FALSOS MESTRES A SEREM CONDENADOS NO FUTURO

> Mas também surgiram falsos profetas no meio do povo, assim como haverá falsos mestres entre vocês. Eles introduzirão secretamente heresias destruidoras, chegando até a renegar o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição. E muitos seguirão as suas práticas libertinas, e, por causa deles, o caminho da verdade será difamado. Movidos por ganância, eles explorarão vocês com palavras enganadoras. Sua condenação, pronunciada há muito tempo, não tarda, e sua destruição não caiu no esquecimento.

Pedro parte de um fato histórico para defender o que ele pretende ser uma realidade a se concretizar no futuro, como profecia recebida da parte de Deus. A ideia é simples: houve falsos profetas e haverá falsos mestres.

O fato de já existirem falsos mestres atuando em meio à comunidade, e de Pedro já estar respondendo aos desafios levantados por eles, não retira o caráter de predição da imagem, mas pode indicar que os falsos mestres presentes cumprem profecias feitas no passado e, talvez até mesmo por isso tentem desqualificar as profecias em geral, postura combatida nos versos anteriores no capítulo1.

Mero pensamento lógico aliado à mentalidade biblicamente informada (cf. Ec 1:9) também pode ser a fonte da afirmação do apóstolo. Seja com for, Pedro espera e prevê que esse tipo de manifestação enganosa acompanhe a igreja em toda a sua peregrinação, e cada falso mestre na história da igreja cumpre sua parte na profecia feita pelo apóstolo.

A ideia de que os falsos mestres trarão heresias condenadas para dentro da comunidade indica uma atuação a partir de dentro da igreja e que, inicialmente, não é percebida de forma direta como negação da fé. A imagem é bastante perturbadora e faz soar um alerta de desconfiança interna que nem sempre se coaduna bem com a necessidade de unidade, amor e serviço mútuos entre os membros do corpo de Cristo. Suspeitas de origem maligna (1Tm 6:4)

podem querer se intrometer na igreja sob o disfarce de zelo contra os ensinos heréticos, pelo que se deve estar duplamente alerta contra o perigo.

McGrath (2014, p. 21) define heresia como "uma forma de crença cristã que, mais por acaso do que por desígnio, acaba por subverter, desestabilizar ou até mesmo destruir o núcleo da fé cristã". Se isso parece confuso ao leitor, vamos esmiuçar a ideia um pouco mais.

Se em nome do amor cristão (uma forma de crença cristã), uma pessoa ou grupo começa a imaginar lentamente, e inicialmente com boas intenções (por acaso), implicações de liberdade sexual entre os membros do grupo até o ponto de tornar a igreja subvertida, desestabilizada ou mesmo destruída em sua identidade sagrada, nos termos da sexualidade e em contraposição às crenças e estilos de vida comuns aos homens sem Deus (o núcleo da fé cristã), então estamos diante de uma heresia.

Inúmeros outros exemplos poderiam ser oferecidos em diversas questões doutrinárias envolvendo Deus, Cristo, o Espírito Santo, a salvação, a missão e muito mais. O importante é identificar que essas ideias nascem na igreja em diversos contextos e por motivos complexos, e em muitos casos só mais tarde amadurecem em práticas absolutamente antagônicas ao verdadeiro cristianismo.

Heresias de perdição, ou de condenação, nesse caso, são heresias cujas consequências teóricas e práticas condu-

zem à negação da fé, ainda que inicialmente seus proponentes talvez realmente não consigam perceber claramente onde suas doutrinas os conduzem. Com o tempo, porém, tais ideias inevitavelmente amadurecem em compreensões e práticas antagônicas ao evangelho de forma que seus proponentes neguem o Senhor que os resgatou.

Não se limita aqui o amor de Deus, a graça de Cristo ou a influência do Espírito Santo sobre tais pessoas. O que é indicado aqui é que a própria postura dos hereges os coloca num caminho de antagonismo contra o Senhor, que já pagou o preço por seus pecados e imundícies (2:20), pelo que serão destruídos repentinamente caso perseverem na infeliz direção em que se encontram.

As heresias "destruidoras" são descritas em paralelismo como "práticas libertinas" em 2:2. Isso indica a conexão entre teoria e prática na sua identificação. A ortodoxia caminha ao lado da ortopraxia, enquanto a heresia não consegue se dissociar das consequências práticas de suas próprias convicções. Em resumo, as ideias importam e têm consequências práticas; mais cedo ou mais tarde mesmo as heresias mais teóricas revelam frutos de morte na prática.

Pedro antecipa que muitas pessoas seguiriam essas doutrinas e práticas anticristãs após uma experiência inicial na igreja, e que em função disso "o caminho da verdade seria blasfemado", ou cairia em descrédito (BJ). A ideia pa-

rece ser de que a sociedade ao redor da igreja era perspicaz em identificar a incoerência dos hereges em relação às doutrinas da igreja e seu estilo de vida.

Dessa forma, os falsos mestres terem se apresentado um dia como cristãos, ao mesmo tempo em que criam e praticavam aquilo que não se harmonizava com a fé professada, fazia com que a confusão, zombaria e desmerecimento fossem lançados sobre a comunidade cristã como um todo. O mesmo ocorre até hoje em casos de escândalos financeiros, sexuais ou de outras ordens variadas.

A vida cristã é vista como um "caminho". O caminho da verdade (2:2), da retidão (2:15) e da justiça (2:21). Os falsos mestres se desviaram desse caminho. Segundo Thielman (2007, p. 632) "o fim desse caminho é de importância fundamental para Pedro", de maneira que os crentes devem trilhá-lo a fim de receber o prêmio referido nas grandes promessas de Deus: a entrada no Reino eterno de Cristo. Esse fim fará com que escapem das imundícies do mundo de forma definitiva e da destruição escatológica que se abaterá sobre os ímpios no "Dia de Deus" (3:12).

A "avareza" é destacada em 2:3, o que ironicamente torna os crentes em objeto de comércio da parte dos falsos mestres. É como se os hereges estivessem tentando comprar ou vender os membros da igreja para lucrar em cima deles. Se os hereges pudessem fazer com que todos os ir-

mãos pensassem e agissem como eles, não haveria que se falar em contradição entre a doutrina e a prática da parte deles comparativamente aos demais cristãos. Isso daria a eles alívio de acusações e pressões sociais, beneficiando-os.

Além disso, quanto mais cristãos pudessem ser convencidos a seguir no caminho dos hereges, mais poder de influência eles teriam sobre a igreja e sobre os demais, se beneficiando disso também.

Muitos outros sentidos e contextos poderiam ser achados de maneira a tentar dar forma à exploração dos hereges com seus discursos cuidadosamente ensaiados para tornar os irmãos em objetos de negociação. Mas entendo que a ideia é clara o suficiente para os leitores modernos, ainda que contextualizada no nível de conhecimento e experiências particulares dos leitores com os hereges da atualidade que agem da mesmíssima forma, como nos tempos do apóstolo Pedro.

O consolo, em certo sentido, é saber que o juízo e a destruição dos falsos cristãos, negados pelos falsos mestres de outrora bem como de hoje, não dorme. Ou seja, a condenação dos malfeitores não descansa até que atinja a todos e a cada um deles de forma definitiva e irreversível.

A ideia da condenação, porém, não é evocada para que os salvos alimentem qualquer noção de prazer pessoal sádico na imagem da perdição dos outros. Em vez disso, para

que tenham certeza de que a obra vergonhosa dos hereges, com suas amplas implicações negativas para a identidade, comunhão e missão da igreja, terá o fim merecido aos olhos de Deus de forma cabal e justa.

2:4–8 – EXEMPLOS DOS PECADOS PASSADOS JÁ PUNIDOS, MAS AGUARDANDO JUÍZO DEFINITIVO NO FUTURO

> Pois se Deus não poupou os anjos que pecaram, mas, lançando-os no Tártaro, prendeu-os com correntes de escuridão, a fim de serem reservados para o juízo; e se não poupou o mundo antigo, mas preservou Noé, pregador da justiça, e mais sete pessoas, quando enviou o dilúvio sobre o mundo dos ímpios; e se, reduzindo a cinzas as cidades de Sodoma e Gomorra, condenou-as à destruição, tendo-as posto como exemplo do que está para sobrevir aos ímpios; e se livrou o justo Ló, que ficava aflito com a conduta libertina daquelas pessoas sem princípios (porque esse justo, vivendo entre eles, se atormentava em sua alma justa, dia após dia, por causa das iniquidades que via e ouvia).

A presente seção da carta envolve uma argumentação que forma a base de Pedro para confrontar doutrinaria-

mente os falsos mestres e profetizar sua perdição no futuro, seguindo a mesma lógica do "assim foi, assim será", já identificada anteriormente nos comentários sobre 2:1.

Os falsos mestres, como veremos adiante, faziam deduções errôneas da regularidade dos acontecimentos do mundo e não levavam em conta as várias mudanças radicais que já desafiaram a mesmice rotineira na interação ontológica e histórica entre o céu e a Terra.

Por exemplo, anjos, até então perfeitos servos de Deus, vieram a pecar. Esse acontecimento quebrou a rotina conhecida até aquele momento na história e inaugurou desdobramentos cujas implicações finais ainda aguardam as cenas dos próximos capítulos.

Entretanto, já ocorreu juízo e punição sobre o evento, pelo menos em primeira instância, de maneira que negar as mudanças, bem como o juízo e a punição, não é apenas negar uma perspectiva ingênua e facilmente refutável, mas negar a própria história. E se esse tipo de coisa já ocorreu no passado, pode-se presumir que pode voltar a ocorrer no futuro, mesmo seguindo a lógica da repetição rotineira do que ocorre no mundo.

Portanto, os falsos mestres estariam simplesmente interpretando a realidade de forma seletiva e enfatizando somente aspectos que poderiam lhes dar vantagem argumentativa para defender seu caso contra a noção do juízo divino e da

punição futura, em função de aspectos aparentemente imutáveis da experiência humana analisados superficialmente.

Pedro não permite que os falsos mestres escapem com tanta facilidade e indica que Deus não poupou esses anjos que quebraram a rotina na história até então, mas os puniu lançando-os no Tártaro, onde estão presos, em abismo de trevas.

A punição presente dos anjos, em realidade, desde que pecaram e caíram, aliada à linguagem do Tártaro, termo em muitas traduções vertido como "inferno", povoa a mente de leitores da Bíblia com imaginações populares bastante disseminadas e até mesmo já tradicionais no momento atual da história da igreja.

Muitos veem em 2 Pedro 2:4 a imagem do inferno de fogo onde anjos e almas humanas "imortais" são torturadas em última instância e pela eternidade sem fim, em uma condição de miséria absoluta numa punição que jamais alivia sua intensidade em qualquer momento ou contexto.

Não deve ser difícil identificar que, nesse caso, criam-se incongruências gigantescas com as narrativas bíblicas sobre a natureza humana e sua experiência na morte, mas também sobre a experiência dos próprios demônios que agem, aparentemente, de forma mais ou menos livre no mundo enganando, tentando, seduzindo, possuindo e maltratando homens, animais e a natureza em diversos contextos conforme explícito nas narrativas bíblicas (Gn 3:1-15; Jó 1-2; Mt 8:28-34; Lc 8:26-34).

É no mínimo implausível que os demônios ajam dessa forma enquanto já mergulhados, ao mesmo tempo, no contexto de uma punição definitiva e em última instância já infligida no exato tipo de inferno mais comum na imaginação popular.

Se os anjos que pecaram foram lançados no "inferno" após seu pecado, presume-se que eles lá estão desde o primeiro momento de sua queda original. Como, então, poderia se explicar os termos de sua atuação relatada literalmente de Gênesis a Apocalipse?

O Diabo, sofrendo tortura absurda no inferno, está, ao mesmo tempo, conversando calma e ardilosamente com Eva no jardim do Éden? O Diabo e seus asseclas deram uma escapadinha da tortura a fim de se apresentar diante de Deus por para derrubar as paredes da casa onde estavam os filhos de Jó, e voltaram ao forno logo depois disso? Ou, por que os demônios, já no inferno de tortura brutal desde a queda (ou seja, já há muito tempo), estariam reclamando sobre uma possível intenção de Jesus em atormentá-los "antes do tempo"? Qual o sentido disso tudo? Nenhum, ao meu ver.

Dessa forma, abre-se o espaço para ler o texto de forma mais natural.

A queda é descrita aqui como um ser lançado no Tártaro, termo paralelamente entendido como um abismo de trevas, no qual se permanece reservado para um juízo futu-

ro. Comparado com o Céu, experimentado pelos anjos antes do seu pecado, a queda de sua condição original é adequadamente descrita nesses termos. Adicione-se a imagem de que os anjos são lançados à Terra, descrita inicialmente como um abismo (cf. Gn 1:2), onde estão confinados desde sua vitória sobre o casal no Éden, e as coisas parecem tão mais simples de entender.

Nessa visão, Satanás e seus anjos foram lançados ao mundo de pecado, na mais degradante esfera de existência possível para seres com experiência prévia de luz e glória, presos numa cadeia de circunstâncias em função de seus próprios pecados e em função de terem espalhado esses pecados aqui, através da tentação no jardim e da subsequente queda dos homens.

A punição, já presente em certo sentido, é descrita em linguagem filosófica e metafórica, e refere-se à realidade das trevas morais e espirituais que consistem no mundo em que vivem e na obra que realizam.

Mas o juízo final e o derradeiro lago de fogo permanecem perspectivas horrendas do seu futuro, e não realidades presentes. Dessa forma, explica-se com muito mais facilidade as imagens de que outra forma permanecem contraditórias e incompreensíveis.

O pedido dos demônios para não serem enviados ao abismo (Lc 8:31) poderia ser usado para tentar se contrapor

ao argumento proposto aqui, entretanto é importante identificar que o termo abismo, além de se referir à Terra, em diversos contextos (Gn 7:1; Sl 71:20; 106:9; Is 63:3), também significa um local de punição temporária futura quando a obra satânica de enganar será restringida (Ap 20:1-3).

Dessa forma, os demônios poderiam estar se referindo à segunda acepção aqui identificada, rogando para não terem sua obra interrompida naquele momento. Assim, os demônios não estariam, necessariamente, fazendo qualquer referência a um universo paralelo imaginário de punição de onde eles supostamente saem e onde entram alternada e aleatoriamente, mas a um momento futuro no qual sua obra será restringida e cujo momento ainda não havia chegado.

Seja como for, se o Tártaro fosse um local de onde os demônios podem sair, ainda assim ele ainda não representaria o inferno da tortura definitiva, eterna e sem alívio da visão tradicional. A revelação de que os anjos já foram lançados nesse local abissal, mas ainda estão aguardando o juízo futuro ao qual estão reservados, coloca a questão acima de qualquer disputa. Ser lançado no Tártaro não pode ser sinônimo de ser lançado no inferno da imaginação popular cristã.

Portanto, é contraproducente criar uma complexa teoria esdrúxula sobre os anjos caídos presentemente no "inferno", ao mesmo tempo que atuantes na história do mun-

do, simplesmente com base na tradução do verbo "lançar ao Tártaro", que só ocorre nesse texto em toda a Bíblia e tem carga conceitual bastante carregada a partir de sua etimologia, tal qual expressa em diversos léxicos, mas que não precisa ser importada à cosmovisão bíblica simplesmente por o termo grego aparecer no texto.

A referência é melhor entendida como indicando a condição moral e espiritual após a queda, circunscrita ao mundo de pecado em função da própria atuação satânica e, dessa forma, longe da condição original da criação de Deus (Gn 1:31; cf. Jd 6).

Pedro, então, aponta para o dilúvio e a destruição de Sodoma e Gomorra, bem como para o livramento de Noé e Ló naqueles contextos, como provas de que historicamente há juízos e punições divinas aos ímpios como livramento aos justos, mesmo na história humana. O foco da argumentação é que os juízos passados servem de exemplo a ser esperado relativamente os ímpios presentes e futuros, e que os justos podem esperar livramento desses juízos.

Isso não implica que Pedro tivesse uma noção simplista da relação entre Deus e o homem em termos de desobediência e punição versus obediência e recompensa. Como se o homem merecesse ser livre de tribulações e ganhasse a salvação por sua justiça, em contraposição aos ímpios merecedores de punições imediatas e da condenação futura.

O ponto de Pedro é estabelecer precedentes históricos bíblicos para defender sua posição contra os falsos mestres, bem como enraizar o princípio condicional da colheita na mentalidade dos cristãos ajudando-os a se comportar com temor e responsabilidade espiritual (cf. Dt 28:1, 15; Pv 11:18; 22:8-9; Os 8:7; Gl 6:7-10).

Em nenhum momento a intenção do apóstolo é discutir ou, menos ainda, negar a primazia da graça, da fé e do arrependimento no contexto da redenção como único caminho para a paz com Deus e para a salvação eterna (veja adiante o comentário sobre 3:11-14).

A redução de Sodoma e Gomorra às cinzas como exemplo aos ímpios do futuro tem implicações interessantes para a ideia do "fogo eterno" tão alardeada pelos imortalistas de forma geral. As famosas cidades ímpias foram totalmente consumidas pelo fogo e não estão ardendo em chamas até o presente momento em algum rincão do mundo, muito menos arderão por toda a eternidade. Esse, portanto, é um quadro de aniquilação e não de sofrimento eterno.

Interessantemente, porém, temos um "alma atormentada" nessa porção do texto. Ló é descrito como deprimido (BJ) e atormentado por causa das ações contrárias à lei de Deus por parte dos ímpios. Ou seja, a única alma atormentada em 2 Pedro 2 refere-se à experiência mental de um justo enquanto em vida, que se entristecia dada a impiedade

das pessoas na sociedade onde ele vivia. Não há qualquer referência a qualquer alma imaterial fora do corpo após a morte sofrendo tortura e punição no texto de 2 Pedro.

2:9–22 – EXEMPLOS DE PECADOS PRESENTES JÁ PUNIDOS, MAS AGUARDANDO JUÍZO DEFINITIVO NO FUTURO

> Assim, o Senhor sabe livrar da provação os piedosos e manter os injustos sob castigo, para o Dia do Juízo, especialmente aqueles que seguem os desejos impuros da carne e desprezam a autoridade.
>
> Atrevidos e arrogantes, não temem difamar os gloriosos seres celestiais, enquanto os anjos, embora maiores em força e poder, não proferem contra eles sentença difamatória na presença do Senhor. Esses, porém, como animais irracionais – seres guiados pelo instinto e que nascem para serem capturados e mortos –, falando mal daquilo que não entendem, serão destruídos na sua destruição, sofrendo a justa retribuição de sua injustiça. Consideram prazer a devassidão em plena luz do dia. São manchas e defeitos, encontrando satisfação nas suas próprias mentiras, enquanto se banqueteiam com vocês. Eles têm os

olhos cheios de adultério e são insaciáveis no pecado. Seduzem os instáveis e têm o coração exercitado na avareza. Malditos! Tendo abandonado o reto caminho, desviaram-se e seguiram o caminho de Balaão, filho de Bosor, que amou o pagamento pela injustiça. Mas ele foi repreendido pela sua transgressão: um animal de carga mudo, falando com voz humana, refreou a insensatez do profeta.

Esses tais são fontes sem água, névoas levadas pela tempestade, para os quais está reservada a mais profunda escuridão. Porque, falando palavras pomposas, mas vazias, seduzem com desejos libertinos da carne aqueles que por pouco estão conseguindo escapar dos que vivem no erro. Prometem-lhes liberdade, quando eles mesmos são escravos da corrupção, pois aquele que é vencido fica escravo do vencedor. Portanto, se, depois de terem escapado das contaminações do mundo mediante o conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, são novamente enredados e vencidos por elas, o seu último estado se tornou pior do que o primeiro. Pois teria sido melhor que eles nunca tivessem conhecido o caminho da justiça do que, após conhecê-lo, darem as costas para o santo mandamento que lhes havia sido transmitido. Com

> eles aconteceu o que diz certo provérbio muito verdadeiro: "O cão volta ao seu próprio vômito." E: "A porca lavada volta a rolar na lama."

A presente seção da carta traz a imagem mais usada pelos imortalistas para pregar sua noção antropológica favorita. Argumenta-se que a possível leitura de que em 2:9 se faz referência a uma punição presente indique que as almas imortais dos ímpios, fora de seus respectivos corpos, estejam sob punição presente, desde o exato momento de sua morte e mesmo antes de sua ressurreição, num estado intermediário. Mas será que as coisas são realmente assim?

A leitura presente do verbo *kolazomenos*, também preferida neste trabalho pelos motivos explicados logo adiante, não é a única leitura possível do texto. Pelo contrário, muitos trabalhos acadêmicos e Bíblias de referência (veja tradução anotada de 2:9) fazem a leitura de que a punição, nesse texto, é futura, dado o sentido da frase preposicional, lida como subsequente por esses materiais. A ideia é que os ímpios estariam reservados para serem futuramente punidos no dia do juízo.

As duas leituras são plausíveis e defensáveis a partir do texto original, mas preferi a leitura presente neste livro em função de motivos mais contextuais, em torno dos objetivos da obra, do que meramente linguísticos.

Meu objetivo é demonstrar que a escolha pela leitura presente do particípio não implica em imortalidade da alma, nem em uma suposta parte imaterial da natureza humana sofrendo punição desde o momento da morte de seu corpo e antes de sua ressurreição. Ou seja, a leitura mortalista do texto não depende de uma tradução futura desse particípio específico, conquanto tal leitura seja absolutamente possível, para dizer o mínimo.

Por fim, como a tradução no presente é preferida pelos imortalistas, achei prudente trabalhar com ela no desenvolvimento da argumentação, antevendo possíveis críticas e objeções secundárias quanto ao mérito da discussão no caso da escolha contrária.

A proposta de tradução para esse texto ficou da seguinte forma: "Assim, o Senhor sabe livrar da provação os piedosos e manter os injustos sob castigo, para o Dia do Juízo."

A pergunta chave aqui é sobre quem é invocado o castigo aqui referido. O contexto esclarece essa questão de maneira clara e insofismável, e fere de morte o uso imortalista do texto.

Quem está, no presente, sob punição são os injustos que seguem a carne, andam em imundas paixões, menosprezam qualquer governo. Pessoas atrevidas, ignorantes e que não temem difamar autoridades superiores (2:10), mais tarde identificadas de forma mais ampla como cometendo outros pecados variados (2:12-22). Ou seja, pessoas

que àquele momento estavam vivas e vivendo em pecado. Esses são os ímpios "sob punição" em 2 Pedro 2:9 (veja análise léxico-sintática do verso, adiante).

As implicações da leitura acima destacada são devastadoras para o imortalismo, que se vê absolutamente divorciado do texto e do contexto para tentar inferir a existência de almas imortais, separadas de seus corpos, em contexto de punição no estado intermediário entre a morte e a ressurreição, em alguma espécie de mundo espiritual como um inferno, purgatório ou algo semelhante a isso.

A única objeção que resta aos proponentes da leitura imortalista do texto, neste momento, é questionar de forma sarcástica e irônica qual a natureza dessa punição. Especialmente, porque as pessoas descritas em 2:12-22 estão vivas, e aparentemente "muito bem", desfrutando de prazeres pecaminosos livremente e sem medo algum do Juízo e do castigo futuros, aos quais negam abertamente. Isso não se perece com a noção tradicional de punição no inferno, não é mesmo?

Sim, é verdade que a imagem aqui defendida é muito diferente daquela pressuposta pelos imortalistas e erroneamente tida como ortodoxa e tradicional por alguns. Há amplos pontos de divergência entre as duas visões, mas o principal deles é que a minha visão conta com a boa e confiável exegese bíblica em sua defesa, enquanto a visão

imortalista tem apenas a imaginação contaminada com falsos pressupostos e a eisegese como aliadas. Explico.

A ideia de que os ímpios começam a ser punidos imediatamente após a morte na condição de almas imateriais e imortais é bem difundida, mas não há texto bíblico em sua defesa. Essa ideia se constrói através da junção de inúmeros pressupostos, geralmente maquiados com uma linguagem bíblica de textos melhor entendidos sem a imposição dessas ideias pré-concebidas (veja capítulos 4 e 5). A grande quantidade de pessoas que assume a visão imortalista sem questionar seus fundamentos, suas metodologias e conclusões faz com que muitos proponentes dessa ideia julguem não precisar defender melhor sua teoria predileta.

Assim, muitos cristãos creem em algo mal fundamentado e que não têm capacidade de defender com coerência e profundidade, mas cuja pressão social dentro de suas comunidades faz com que se mantenha o paradigma intocado e pressuposto como biblicamente correto. Traga a ideia de fora da Bíblia e tente mesclá-la com passagens da Escritura, como no caso de 2 Pedro 2:9, e a maioria se dá por satisfeita. Mas qual a melhor alternativa para lidar com a questão?

O pecado na experiência dos ímpios com todas as suas consequências inevitáveis já é, na mentalidade bíblica, uma punição presente. Paulo deixa isso claro quando fala dos ímpios a quem Deus entregou à paixões infames. A senten-

ça é que no próprio desfrute dessas paixões, muitas delas de natureza sexual, mas não somente, tais pessoas já recebem, em si mesmas, a punição merecida por seu erro (Rm 1:26-27, ARA).

Dessa forma, o pecado é, sim, uma punição ao pecador, e no caso de 2 Pedro isso ainda traz alguns agravantes. Os ímpios ali descritos nos versos 9 e 10 são descritos como tendo, em algum momento de seu passado, escapado das contaminações do mundo mediante o conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo (2:20), para então apostatarem e retornarem à crenças heréticas e às práticas imorais descritas ao longo da carta toda quanto aos inimigos da fé.

Viver em pecado, mesmo após conhecer a verdade, é uma punição gigantesca que os falsos mestres já estão sofrendo desde o exato momento de sua apostasia e retorno ao pecado. E isso ocorre em vida, e não posteriormente, na condição de almas imateriais fora do corpo após a morte sofrendo punição.

O próprio lucro, prazer sexual, e as próprias vantagens que eles parecem estar recebendo enquanto vivem nessa vida de pecado, são parte da punição deles. Além de serem relativas e acompanhadas também pelos resultados inevitáveis do pecado na vida deles, que nunca traz somente prazer, felicidade carnal, lucro e vantagens mundanas, mas também doenças, problemas e escravidão às forças espirituais do mal.

A punição presente, neste caso, é plenamente compreensível sem nenhuma referência aos pressupostos e conclusões imortalistas de forma geral. Eles são punidos ganhando o mundo e perdendo a "alma", ou seja, perdendo a vida eterna (cf. Mc 8:34-38). Além disso, a punição presente não nega que há desdobramentos punitivos futuros a serem experimentados pelos ímpios.

Por exemplo, ímpios já punidos com o seu próprio pecado, mais cedo ou mais tarde, vão ser punidos com a morte, e isso também é fruto da vida pecaminosa (Rm 5:12; 6:23).

Além disso, entre a morte e a ressurreição, esses mesmos ímpios estarão inativos, sem memória, sem sensações, sem prazer, absolutamente incapazes de cometer quaisquer dos pecados que amaram e pelos quais trocaram o Reino eterno de Jesus Cristo.

E ainda por cima, ao final experimentarão a segunda ressurreição, o juízo final e a aniquilação completa e irreversível no lago de fogo da qual não haverá ressurreição.

Por isso, inclusive, há justificativa conceitual para a leitura futura do particípio em 2:9, mas isso não é necessário, pois o contexto se ajusta bem com a ideia de punição como escravidão ao pecado, especialmente de pessoas que um dia conheceram o perdão e poder de Cristo (cf. Hb 6:4-8; 10:26-31).

O pecado é descrito adequadamente como punição experimentada desde o momento em que o apóstata nega

a fé em troca dos pecados que prefere à comunhão com o Senhor, sem prejuízo algum dos desdobramentos finais e futuros dessa infeliz escolha.

Não há, no contexto todo de 2:9, nenhuma referência à morte dos ímpios como uma separação entre sua alma e seu corpo, nem à pretensa punição num local intermediário imaginário no momento entre a morte e a ressurreição. Concluir esse tipo de coisa a partir de um texto assim é puro exercício eisegético, que impõe sobre o texto categorias estranhas de pensamento e de interpretação.

Seja qual for a leitura escolhida em relação ao particípio e à frase preposicional conectada a ele, no contexto, não há nenhuma necessidade de pressupor e concluir nada na direção das convicções imortalistas para que o texto faça pleno sentido, sem minimizar ou negar nenhuma de suas ênfases peculiares.

Os ímpios sob castigo do verso 9 são descritos detalhadamente dos versos 10-22. Há uma grande quantidade de verbos no particípio presente descrevendo as atitudes desses falsos mestres no então "presente", em sua postura para com a verdade e vontade de Deus. Tais ímpios *procedem* de acordo com a carne, *desprezam* a autoridade superior, *não hesitam em blasfemar*, *têm* os olhos cheios de adultério, *procuram seduzir* almas instáveis, *vivem* no erro, *prometem* liberdade enquanto eles mesmos são escravos, *se*

deixam vencer. Essa é a descrição de suas escolhas de pecado que representam, ao mesmo tempo, punição presente e correspondente por seus erros.

Pedro faz um contraste entre a postura desses homens e a dos anjos fiéis que não levantam injúrias contra as autoridades que eles desdenham (2:11), e os compara com Balaão, famoso falso profeta do Antigo Testamento (2:15-16). Um quadro geral das acusações do apóstolo contra os falsos mestres inclui: carnalidade, paixões imundas, desprezo pela autoridade, atrevimento, presunção, irracionalidade, injúria naquilo em que se é ignorante, injustiça, impureza e perversão sexual, sedução de outros ao caminho errado, apostasia, avareza, jactância, cegueira espiritual e escravidão à corrupção.

O ápice da argumentação de Pedro, nessa seção, indica com seriedade ímpar que seria melhor que eles não tivessem conhecido o caminho da justiça, como conheceram, para se desviar dessa forma e nesse grau. Seu estado posterior ficou, ao final das contas, pior e mais culpável do que o inicial. Eles vieram a experimentar fuga das imundícies do mundo mediante o conhecimento de Cristo como Senhor, receberam um santo mandamento a fim de obedecê-lo e, agora, são descritos como apóstatas comparáveis a cães que voltam ao próprio vômito e porcas que voltas a chafurdar na mais imunda lama.

A implicação é absolutamente clara e irrefutável. Esses falsos mestres foram, um dia, verdadeiramente cristãos, mas apostataram da fé de forma vergonhosa e radical. Além disso, ainda trabalhavam ativamente a fim de atrair outros para fora do caminho através de enganos, seduções e maus exemplos variados em natureza e expressão conforme o que foi expresso acima e conforme o que ainda será exposto nos comentários sobre o capítulo 3.

3:1-2 - APELO AO TESTEMUNHO PROFÉTICO E APOSTÓLICO

> Amados, esta já é a segunda carta que escrevo a vocês. Em ambas, procuro, por meio de lembranças, despertar a mente sincera de vocês, para que se lembrem das palavras ditas de antemão pelos santos profetas, e do mandamento do Senhor e Salvador, que os apóstolos de vocês lhes ensinaram.

Nessa porção do texto, Pedro atesta que essa é a segunda epístola que escreve aos leitores originais. Isso indica que talvez os destinatários das duas cartas canônicas sejam idênticos, mas a teoria é especulativa e Pedro pode ter escrito outra carta a essas pessoas, mas que não sobreviveu ou foi incluída na Bíblia.

Entretanto, resta pelo menos uma possibilidade de que 2 Pedro também possa ter sido escrita com vistas à audiência cristã de maioria gentílica "da Dispersão, do Ponto, da Galácia, da Capadócia, da Ásia e da Bitínia" (1Pe 1:1). Isso poderia implicar uma manifestação especial de heresias e falsos mestres atuando nessas regiões e a produção da carta com o objetivo de alertar a igreja a esse respeito e fornecer subsídios para ajudar aos crentes a enfrentar as convicções errôneas e as tentações à apostasia.

Pedro apela à sinceridade dos leitores como quem os conhece e como quem suplica a eles para que façam uma leitura saudável da revelação e busquem avaliar os movimentos que ocorrem em suas comunidades à luz de seus ensinos e exemplos.

O apóstolo descreve a revelação em ordem cronológica e não de importância, falando dos santos profetas, de Jesus Cristo e, por fim, dos apóstolos. Muito provavelmente Pedro concordaria com Paulo que, nesse esquema, os apóstolos estão em último lugar (cf. 1Co 4:9), estando, Cristo, acima de tudo, tendo Sua vida, morte e ressurreição já tendo sido profetizadas de antemão pelos profetas e agora atestadas por aqueles que Jesus escolheu como Suas testemunhas e que propagam os Seus ensinos.

A presciência de Deus é que contextualiza toda a manifestação profética do Antigo Testamento. Há uma revelação

de antemão da vida e obra de Cristo. O objetivo é que se creia nEle como Senhor e Salvador no contexto do cumprimento dessas profecias. O que fundamenta, por sua vez, a confiança nas orientações que veem da mesma fonte a respeito do que ainda ocorrerá no futuro.

Os mandamentos do Senhor (ἐντολῆς τοῦ κυρίου) fazem referência a tudo que Jesus ensinou, especialmente em termos práticos, ao cumprimento do mandamento do amor como a essência da lei de Deus (cf. Mt 22:36-40) e nos diversos desdobramentos dos princípios pregados por todo o ministério de Cristo e fortemente cristalizados no chamado sermão da montanha (Mt 5–7). Os mandamentos de Cristo, porém, também tomam forma pelas instruções dadas pelo Espírito Santo através dos apóstolos no contexto da necessidade das comunidades diante dos problemas concretos que estavam enfrentando. São, provavelmente, exatamente esses justos mandamentos (ἁγίας ἐντολῆς) que os falsos mestres estavam deixando para trás em sua apostasia.

3:3-4 – PROFECIA APOSTÓLICA SOBRE O CETICISMO DOS ESCARNECEDORES NO FUTURO

> Antes de tudo, saibam que, nos últimos dias, virão zombadores com suas zombarias, andando segundo

> as próprias paixões e dizendo: "O que houve com a promessa da sua vinda? Porque, desde que os pais morreram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação."

O ceticismo dos falsos mestres indica que as profecias prévias a esse respeito presentes no Antigo Testamento, e as profecias atuais na mesma direção da parte dos apóstolos, estão se concretizando na realidade de maneira que os crentes já estão vivendo nos últimos dias. O contexto é de escatologia inaugurada, uma vez que os desdobramentos últimos da história ainda aguardam a segunda vinda de Cristo.

Escárnios e zombarias são manifestações psicológicas usadas para justificar uma vida desenfreada e vivida "segundo as próprias paixões". O foco da zombaria estaria na promessa da vinda de Cristo ainda não cumprida e na suposta regularidade aparentemente imperturbada e imutável dos acontecimentos históricos que permanecem "como desde o princípio da criação". Essa imagem é evocada como implicando que para os falsos mestres não haverá intervenção sobrenatural ou juízo futuro para perturbar essa suposta regularidade.

O verbo usado para falar de que desde que os pais "morreram" (ἐκοιμήθησαν) as coisas permanecem a mesmas é, literalmente, o verbo "dormir" (*komaiomai*). O verbo é usado no Novo Testamento para se referir tanto ao sono

natural (Mt 28:13; Lc 22:45) quanto à morte (Mt 27:52; At 7:60; 13:36; 1Co 7:39; 11:30; 15:6, 18, 20; 1Ts 4:13-15). A ambiguidade é evidente, tanto que ao Jesus dizer que Lázaro havia "dormido" os discípulos confundiram a informação e acharam que ele estava falando do sono natural, então Jesus precisou declarar explicitamente que Lázaro havia morrido e que ele iria ressuscitá-lo (Jo 11:11-15).

Na tradução grega do Antigo Testamento, a Septuaginta, temos o mesmo verbo se referindo à morte em: Gênesis (47:30); Deuteronômio (31:16); 2 Samuel (7:12); 1 Reis (17:21); 2 Reis (4:20); 1 Crônicas (17:11); 2 Crônicas (9:21); Jó (21:13); Salmos (57:4); Isaías (14:18); Lamentações (2:21); e Ezequiel (31:18). A lista não é exaustiva, apenas representativa.

Os dados bíblicos relativamente à aplicação do verbo "dormir" para se referir à morte em muitos contextos, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, sugerem questões importantes a serem endereçadas brevemente a seguir:

1. Há continuidade da compreensão a respeito do tema da morte nos dois Testamentos?
2. A imagem do "sono" para se referir à morte se aplica à questão da inconsciência do homem após a morte e antes da ressurreição?

3. Há legitimidade de se inferir a natureza real da experiência do homem na morte a partir desse tipo de metáfora na Palavra de Deus?

Falarei mais sobre esse tipo de questão nos capítulos 4 e 5, porém, no contexto da elucidação de 2 Pedro 3:4, creio que seja legítimo defender previamente que:

1. Sim, há continuidade sobre a visão do ocorre com os mortos entre o Antigo e o Novo Testamento. Isso preserva a unidade e coerência da revelação, que de outra forma ficaria absolutamente prejudicada.
2. A imagem do sono se encaixa perfeitamente com a noção bíblica de que os mortos estão inconscientes enquanto aguardam a ressurreição.
3. A ideia de que os mortos estão dormindo no sentido de não terem sensações ou percepções conscientes no período entre a morte e a ressurreição não é uma mera inferência construída com base nas implicações com base na metáfora do "sono".

As bases dessa ideia estão presentes na linguagem descritiva da Escritura sobre isso em forma de revelação divina (cf. Ec 9:5-6, 10) e não são deixadas ao cargo da mera aplicação de uma metáfora por parte de qualquer pessoa. Bem entendida, todavia, a metáfora do sono é perfeita para endereçar a questão, tanto que foi usada por Jesus Cristo, Paulo, Pedro e tantos outros homens divinamente inspirados para lidar com a morte.

O sentido de 2 Pedro 3:4 é simples: na perspectiva dos céticos, o mundo permanece o mesmo há gerações, não há alteração na dinâmica essencial das coisas. Os "pais" morreram e a geração atual continua a morrer e/ou a caminhar na direção da morte – não há alteração alguma. Dessa forma, é irracional esperar que qualquer promessa de julgamento e ressurreição se cumpra na realidade. Melhor é aproveitar a vida enquanto ela dura, nem que seja de forma desregrada de acordo com aquilo que se tiver vontade de fazer.

Na visão dos falsos mestres, deve-se sempre zombar e escarnecer de quem espera qualquer coisa diferente disso que é o curso inalterável da existência no mundo supostamente desde a criação primordial.

Nesse ponto, inclusive, talvez os falsos mestres deixavam deliberadamente de lado a noção da criação perfeita original na qual o homem era condicionalmente imortal, e o seria para sempre, se não comesse do grupo da árvore do conhecimento do bem e do mal (cf. Gn 2:16-17).

A implicação inevitável do ensino bíblico é que sem o pecado original, o primeiro casal estaria vivo até hoje. Ou seja, a morte só entrou no mundo, inaugurando a trágica rotina reconhecida e destaca pelos falsos mestres, numa segunda instância e em função do pecado, ao qual os falsos mestres se apegam pressupondo que não colherão nenhum juízo em função disso, pelo que se enganam gravemente.

3:5-7 – APELO À CRIAÇÃO E AO DILÚVIO COMO EXEMPLO E PROFECIA SOBRE O FOGO VINDOURO

> Acontece que, de propósito, ignoram que, há muito tempo, pela palavra de Deus, os céus vieram à existência e a terra foi formada da água e através da água. Por meio dessas coisas o mundo daquele tempo foi destruído, inundado por água. Pela mesma palavra, os céus e a terra que agora existem estão reservados para o fogo, guardados para o Dia do Juízo e da destruição dos ímpios.

Pedro desconstrói o ceticismo dos oponentes com referências à criação, ao dilúvio e, afinal, ao "Dia do Juízo e da destruição dos homens ímpios". O apelo à criação, seguida do dilúvio, coloca duas coisas importantes em perspectiva.

A queda e o juízo divino, segundo o qual, o mundo não segue um único curso imutável desde seu início fundamental.

Reveses e juízos ocorrem de maneira que a morte, por exemplo, que inicialmente não fazia parte da criação, veio a existir. Assim também, a geração antediluviana arrogante e pecaminosa, sofreu juízo e condenação em meio a um evento que fugiu à ordem normal e corriqueira da natureza e da história.

Os exemplos são tão cabais e irrefutáveis que só resta a Pedro indicar que, sob tais fundamentos, os falsos mestres devem estar absolutamente errados também quanto ao futuro. Então, ele usa a ocasião para simplesmente afirmar profeticamente a perspectiva do grande dia do juízo e da destruição dos homens ímpios.

No termo "destruição" (ἀπωλείας), temos uma referência direta à natureza do castigo que aguarda os ímpios, e este, em 2 Pedro, não é o da tortura de uma alma imortal separada do corpo no inferno da imaginação popular, algo jamais inferido ou referido em qualquer momento no texto.

O termo grego *apoleias* é usado em vários textos do Novo Testamento (Mt 7:13; Mc 14:4; Jo 17:2; At 8:20; Rm 9:22; Fp 1:28; 3:19; Hb 10:39; e Ap 17:8, 11), além das ocorrências em 2 Pedro (2:1, 3; 3:7, 16). Destacamos também aqui a ocorrência do termo em 2 Tessalonicenses 2:3, onde se fala do filho da "perdição", cujo destino é ser *morto* por

Jesus com um mero sopro de sua boca (2:8). Ou seja, ser "destruído" pode implicar simplesmente em ser morto, o que é muito elucidativo para esclarecer a imagem da "segunda morte", que é o lago de fogo (Ap 20:14).

Bem entendidas, essas as imagens conduzem à ideia de que o lago de fogo é o local da morte definitiva no sentido de aniquilação. Uma morte da qual não haverá ressurreição e na qual não haverá consciência, ou seja, na qual não haverá lembrança, memória, sensações boas ou ruins e dor e, isso, por toda a eternidade.

Em 1 Timóteo 6:9 se fala de homens afogados na ruína e na "perdição". Logo adiante, no mesmo contexto, se diz que Cristo, o Soberano Senhor, é o único que possui, de fato, a imortalidade (6:14-16). Seria um absoluto contrassenso indicar que a "perdição" no verso 9 se refere ao tormento eterno no inferno da imaginação popular de uma alma naturalmente imortal e indestrutível, revelando assim que todo e qualquer ser humano, na verdade, tem a "imortalidade", ainda que alguns a desfrutarão no inferno.

Além disso, o termo "imortalidade" só ocorre no Novo Testamento, além desse contexto, em 1 Coríntios 15:43-44. Ali Paulo fala daquilo que é sujeito à morte como sendo "revestido de imortalidade", e somente quanto tal ocorrer é que a morte terá sido tragada pela vitória. Ou seja, na Bíblia a imortalidade só pertence ao homem salvo após a

ressurreição como concessão da graça de Cristo e jamais ao perdido destinado, por suas próprias escolhas de pecado e descrença, à segunda morte.

Dessa forma, o sentido de 2 Pedro 3:7 é cristalino. Os ímpios serão julgados em função de seus pecados deliberados, e serão achados culpados. Depois então serão destruídos com aniquilação completa e definitiva na segunda morte, ou seja, serão destruídos no lago de fogo para não mais existirem por toda a eternidade.

3:8-10 – A SUPERIORIDADE DE DEUS E REAFIRMAÇÃO DA PROFECIA SOBRE O FOGO VINDOURO

> Mas há uma coisa, amados, que vocês não devem esquecer: que, para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos são como um dia. O Senhor não retarda em cumprir a sua promessa, ainda que alguns a julguem demorada. Pelo contrário, ele é paciente com vocês, não querendo que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento. Porém, o Dia do Senhor virá como um ladrão, no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos serão desfeitos pelo fogo, e a terra e as obras que nela existem serão reveladas.

Nessa seção, Pedro demonstra que sua intenção não é meramente refutar os falsos mestres, mas também trazer à luz a superioridade de Deus, que explica os dilemas que contextualizam os tropeços dos oponentes.

No caso dos falsos mestres, o que parece ocorrer é que eles, conforme sua mentalidade filosófica cética, simplesmente tinham uma visão de Deus segundo a qual não fazia sentido pressupor ou concluir que Ele iria intervir no mundo através do julgamento final no contexto de uma suposta segunda vinda de Cristo.

Dessa forma, a zombaria dos falsos mestres em relação à demora da proclamada volta de Jesus, e à permanência de todas as coisas da mesma forma desde a criação, eram apenas maneiras de tentarem revestir sua cosmovisão de sentido e força na hora de explicar o que ocorre no mundo. A ideia era justificar sua descrença numa ruptura da ordem das coisas, tais quais eles as percebiam. Dessa forma, eles poderiam permanecer em sua rotina de pecado imperturbados.

Pedro então apela para a superioridade de Deus como algo importante de ser considerado nesse contexto. O próprio tempo é percebido pelo Criador de forma diferente do que pela criatura humana. Isso faz com que os juízos humanos relativos ao tempo envolvendo a criação, a queda, o desenrolar da história e o momento da segunda vinda

de Cristo sejam percebidos e referidos de uma perspectiva muito mais limitada do que a perspectiva divina inclui.

O que é um tempo enorme para os homens é pouco tempo para Deus. Também o Senhor consegue perceber o que parece ser pouco tempo ao homem, como uma enorme quantidade de tempo na perspectiva humana. Deve-se evitar aqui qualquer tentação a aplicações matemáticas específicas sobre a relação de mil para um na comparação entre a percepção de tempo entre criador e criatura, mas deve-se simplesmente tomar consciência da diferença qualitativa entre Deus e os homens diante da natureza do tempo e do desenrolar da história.

Comentando a ideia de que, para Deus, mil anos é como um dia e, um dia, como mil anos, Bauckham (1983, p. 310) diz que "a eternidade de Deus e a natureza transitória da vida humana significam que as pessoas, quando deixam de levar em consideração a natureza eterna de Deus, tornam-se inevitavelmente impacientes com o tempo do Senhor".

Os cristãos são chamados a se inteirar da perspectiva divina das coisas através da revelação e, dessa forma, se manterem confiantes e fiéis quando as coisas não acontecerem no tempo ou da forma como eles inicialmente imaginavam. É a consciência da superioridade divina que permite ao homem descansar nas mãos de Deus diante do desenrolar da história.

Pedro então apela para a tradição de Habacuque (cf. Hb 2:3). A visão não tardará, se concretizará no tempo determinado, ainda que da perspectiva humana pode ser percebida como estando atrasada ou como sendo demorada. O dever do homem informado pela inspiração é esperar com a certeza de que o cumprimento da promessa divina chegará e não falhará.

Na resolução da tensão entre as perspectivas divinas e humanas, Pedro indica que o que realmente ocorre, e nem sempre é levado em conta pela criatura, é que Deus é paciente para com todas as pessoas e não deseja que ninguém pereça, mas trabalha para que todas cheguem ao arrependimento, sem contudo forçar as criaturas para isso. Tais imagens têm implicações gigantescas para a teologia cristã.

A paciência de Deus é exercida com vistas a propósitos de misericórdia que abarcam todas as pessoas, sem exceção, contrariamente à perspectiva calvinista. O arrependimento, por sua vez, é visto aqui como a porta de entrada de tudo aquilo que conduzirá o homem de fé, arrependido do pecado, à salvação no Reino eterno. É para trazer o máximo de pessoas a esse destino que Deus age como se estivesse demorando, especialmente da perspectiva dos salvos.

Mas Deus não está demorando, de fato. O Senhor não retarda Sua promessa, apenas há alguns que a consideram demorada, pois aparentemente gostariam que a mensagem da salvação se concretizasse rapidamente com vistas à reso-

lução fácil de todos os seus problemas e desfrute da alegria eterna proposta.

Entretanto, se Deus o fizesse apressadamente, muitos que ainda serão alcançados pelo evangelho, mas ainda não o foram, pereceriam, e Deus não o deseja.

É simples fato que, pela presciência de Deus, muitas pessoas que serão salvas e estarão com Cristo por toda a eternidade, não o seriam se o Senhor colocasse um ponto final à história do pecado antes de sua existência e conversão.

Dessa forma, Deus guia a história no tempo em que Ele julga ser o mais adequado para a concretização daquilo que porá fim ao mal e inaugurará o Reino eterno da glória de nosso Senhor Jesus Cristo. Deus aparentemente tem muito mais urgência e pressa do que nós, nessa direção (cf. Lc 12:49), ao mesmo tempo que tem muito mais consciência das coisas do que nós sobre as implicações dessa intervenção radical, decisiva e definitiva sobre a história do mundo.

A consciência divina faz com que Deus exerça Sua soberania na condução da história, mesmo que as pessoas mal interpretem isso. Alguns se desanimam em certa medida (no caso dos salvos) e outros escarnecem das promessas (no caso dos falsos mestres), mas a postura ideal é a daqueles que dão razão a Deus diante de Sua sabedoria, e se mantêm aguardando e "apressando" os eventos profetizados (ver comentários sobre 3:11-14 na seção seguinte).

Não importa a quantidade de sinais e cronogramas proféticos que sejam desenvolvidos com base nas informações bíblicas, o Dia do Senhor virá inesperadamente, como um ladrão. Nesse dia, os céus passarão com um grande barulho. Então os elementos, a Terra e as obras que nelas há serão queimadas pelo fogo.

É interessante perceber que a imagem do fogo em 2 Pedro é voltada aos elementos naturais e físicos, e jamais faz referência a almas desencarnadas em tortura sem fim no inferno da imaginação popular. A ideia de uma punição eterna dos ímpios no inferno de fogo no sentido de uma tortura eterna de sua alma separada do corpo, muito popular na cultura cristã de forma geral, simplesmente inexiste em 2 Pedro.

3:11-14 – EXORTAÇÃO À SANTIDADE EM MEIO À PERSPECTIVA DO FIM

> Uma vez que todas essas coisas serão assim desfeitas, que tipo de pessoas vocês devem ser, em santa conduta e piedade, esperando e apressando a vinda do Dia de Deus! Por causa desse dia, os céus serão desfeitos pelo fogo e os elementos se derreterão pelo calor. Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita

> a justiça. Portanto, amados, visto que esperam estas coisas, esforcem-se para serem encontrados por ele em paz, sem mácula e sem culpa.

Pedro, nessa seção, parte do pressuposto de que "todas essas coisas serão, assim, desfeitas", para então tirar conclusões a respeito do tipo de vida que os cristãos devem ter, tendo tal perspectiva em mente. A conduta recomendada é aquela santa e piedosa, da parte de quem espera e apressa o "Dia de Deus". Deve haver esforço para que ao final, os crentes sejam encontrados por Cristo em paz, sem mácula e sem culpa.

Thielman (2007, p. 633) diz que a concepção da vida cristã, como retirada dos textos presentes nessa seção (3:11-14) foi, muitas vezes, severamente criticada no contexto teológico evangélico.

A ideia desses estudiosos críticos é que esse tipo de mensagem da carta seria "incompatível com a importante concepção teológica articulada em outros textos do Novo Testamento em que a justificação do ímpio por Deus fundamenta-se apenas da graça do Senhor". É como se Pedro, na visão desses críticos, estivesse instigando o cristão "a se tornar um gladiador que batalha pela virtude e, no fim do processo, faz sua entrada no reino com pompa e circunstância, em que Deus será o mestre de cerimônias". Pedro, dessa

forma, teria "substituído a noção de que um pecador pode fugir para o refúgio da graça de Deus por uma atmosfera de pânico cuja intenção é amedrontar as pessoas para que abracem um comportamento piedoso". Segundo Thielman, tais estudiosos "fazem uma leitura equivocada da carta de Pedro, quanto do desafio que os ensinamentos dos falsos mestres representavam para ele".

Esse contexto traz à luz e ressoa algumas discussões homéricas entre os adventistas do sétimo dia no que tange às questões de preparação para a volta de Jesus, pecado, justificação pela fé e santificação. O espaço não é suficiente para um tratamento mais amplo da questão, mas em resumo podemos dizer que:

1. A escatologia bíblica cristã é, sim, fonte de importantes implicações éticas para o comportamento dos crentes por todo o Novo Testamento (Mt 24:10-28; Mc 13:32-37; Lc 21:14-19; Jo 17:14-22; Rm 13:11-14; Fp 3:17-21; Cl 3:1-17; 2Tm 3:1-5; Tg 3:6-18; 1Jo 3:2-6). Fazer uma leitura, segundo a qual tais imperativos éticos dentro do contexto escatológico conduzem à negação da justificação pela fé, é criar tensão e contradição teológica no coração do Novo Testamento.

2. A relação entre justificação pela fé (cf. Rm 3:24, 28; Gl 3:11), julgamento pelas obras (2 Co 5:10; Ap 22:12) e necessidade de santificação (cf. Hb 12:14) é dilema extremamente profundo e interessante. Seja como for, deveria ser ponto pacífico que se espera boas obras daquele que foi justificado/salvo pela graça mediante a fé (cf. Ef 2:8-10; Tt 2:14), e que isso não implica na substituição da justificação pela fé pela santificação pelas obras no processo da salvação (cf. At 26:18) em nenhum de seus estágios até a glorificação na vinda de Cristo.

3. A exortação às boas obras, mesmo em perspectiva do fim do mundo e do destino dos pecadores não arrependidos, não deve ser descaracterizada como significando a imposição da "piedade" mediante o medo. Além disso, a referência a tais obras no contexto de juízo simplesmente evidencia os frutos práticos da fé que salva (cf. Tg 2:14-26), e não a defesa de uma salvação pelas obras.

4. Pecadores arrependidos, crentes, batizados, e que confessam seus pecados quando erram, e eles erram, estão em paz com Deus (cf. Rm 5:1). Estão perfeitos em Cristo (Cl 2:10; 4:12), santificados, sem mácula e irrepreensíveis (1 Jo 1:9), pela fé. Caso algum falso cristão, porém, desejar se apoiar nessas verdades bíblicas para se sentir seguro enquanto ama o pecado e despreza a Cristo, podemos saber de que esse falso cristão será desmascarado na vinda de Cristo a despeito de suas pretensões. Mas a desventura do falso cristão não muda, nem de longe, as verdades bíblicas que contextualizam a segurança da salvação pela graça mediante fé na experiência dos verdadeiros crentes.

Por fim, o apelo de Pedro à santidade parece ser o apelo à coerência e não à perfeição, à manifestação prática da fé e não à tentativa de ganhar o favor divino por um desempenho comportamental legalista.

Também, a ideia de que os crentes fieis apressam a vinda do Dia de Deus remonta ao tema da presciência divina, que relaciona-se com todas as escolhas de todas as criaturas

no estabelecimento dos fatos e limites da história, sob a supervisão da soberania divina.

Deus decidiu que Cristo retornaria ao mundo após a pregação do evangelho (Mt 24:14), e conhece o tempo determinado exclusivamente por Sua autoridade para tal (At 1:7), de forma que Sua ação através da igreja, nesse contexto, significa que Cristo só voltará quando tal obra estiver concluída, em comprimento de Sua Palavra.

Isso não tem por implicação que a igreja, vista como ajuntamento humano de crentes, determina a data da volta de Jesus, mas, sim, que Deus, agente por detrás da igreja, leva em conta, em função de Sua presciência, o cenário mais amplo de todo o quadro. Nele, o cumprimento da missão torna "cada vez mais próximo" o Dia do Senhor, mas a figura retórica não implica em condicionalidade ou mutabilidade da data de antemão conhecida e estabelecida por Deus.

Há na imagem toda um profundo sinergismo entre Deus e a igreja, ainda que os resultados sejam previamente conhecidos por Deus, de maneira que a onisciência divina garante que a data da volta de Cristo está fixa na mente do Senhor desde a eternidade passada e se cumprirá exatamente quando a missão da pregação do evangelho chegar à sua maturidade final, no dia estabelecido por Deus para julgar os segredos dos homens (cf. Rm 2:6). Pensar de outra forma em contornos gerais é arruinar a onisciência divina.

Pedro, portanto, destaca a realização do juízo futuro. Indica que a impressão de demora é perspectiva humana e que Deus tem uma percepção diferente do tempo, agindo sempre com intenção de salvar. Os céus é que são ameaçados com o fogo, e não as supostas almas imortais dos homens, coisa que não existe em 2 Pedro, nem em qualquer outro lugar da Bíblia.

Os crentes devem ser fiéis com vistas a tais fatos, e ao assim agirem estão aguardando corretamente a vinda do Senhor. Assim, a cada dia que a igreja cumpre sua missão, ela está cada vez mais perto da *parousia* e, em certo sentido, está apressando a volta de Jesus.

3:15-16 – EXORTAÇÃO À FIDELIDADE NA LEITURA DAS CARTAS DE PAULO E CONDENAÇÃO ÀS DISTORÇÕES DAS ESCRITURAS

> E considerem como salvação a paciência de nosso Senhor, como também o nosso amado irmão Paulo escreveu a vocês, segundo a sabedoria que lhe foi dada, ao falar a respeito destes assuntos, como, de fato, costuma fazer em todas as suas cartas. Nelas há certas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis deturpam, como fazem também com as demais Escrituras, para a própria destruição deles.

Nesse trecho, se diz que Deus é paciente com vistas à nossa salvação, como Paulo também ensinou. Não é claro quais cartas de Paulo já teriam sido produzidas quando 2 Pedro foi escrita, ou se Pedro se refere ao conhecimento que ele tinha do que o apóstolo dos gentios ensinava oralmente. Seja como for, a paciência de Deus é referida por Paulo em cartas presentes no Novo Testamento (cf. Rm 2:4; 9:22; 1Tm 1:16).

Pedro destaca que Paulo recebeu a sabedoria que tem, implicando que Deus é a fonte dessa sabedoria pela qual seu possuidor não tem mérito ou glória com a qual se ensoberbecer. Conclusão com a qual o próprio Paulo concordaria, sem sombra de dúvida (cf. 1 Co 4:7).

A referência a Paulo provavelmente implica que os oponentes talvez estivessem apelando para interpretações pessoais de certos ensinos paulinos mais complexos como se eles, de alguma forma, tivessem implicações no sentido de relativizar determinadas verdades tomadas como fato por outros cristãos.

Um passo adiante nessa direção e os falsos mestres vieram a questionar questões fundamentais da fé cristã como o juízo divino e a segunda vinda de Cristo, ainda que Paulo tenha afirmado claramente as mesmas coisas (cf. 2Co 5:10; 1Ts 4:13-18).

Que o apóstolo Paulo tenha dito coisas difíceis de entender da perspectiva de Pedro e de outros é algo compreen-

sível dada a quantidade de coisas que ele disse e escreveu, junto com as gravíssimas implicações que o evangelho de Jesus Cristo trouxe ao mundo e do qual Paulo foi porta voz, em muitos momentos. “Ignorantes” e “instáveis” são dois adjetivos raros no Novo Testamento e só ocorrem em 2 Pedro. Provavelmente referem-se à pessoas que falam do que pouco conhecem, e que têm opiniões e percepções inconstantes com tendência ao erro.

A deturpação das palavras de Paulo bem como das “demais Escrituras” equipara os ensinos do apóstolo dos gentios às Escrituras, eliminando qualquer base para a convicção de que Pedro e Paulo foram inimigos em função dos embates teológicos e sociológicos presentes, por exemplo, na questão antioquena em Gálatas 2.

Há uma longa tradição de intérpretes críticos que leem a teologia cristã primeva sob o prisma da diversidade e falta de harmonia e coerência interna, tendo por base exatamente o tipo de tensão evocada em Gálatas 2 entre Paulo e Pedro. Ao equiparar o que Paulo ensinou com as Escrituras, porém, Pedro demonstra que as eventuais discordâncias entre eles não se tornaram rivalidade pessoal ou cisma em termos de doutrina e prática. Pedro manteve Paulo em alta conta, como se vê pela referência mais que elogiosa ao apóstolo dos gentios em seu testamento, produzido nos momentos finais de sua vida.

A destruição, cuja natureza já foi referida mais explicitamente acima e ainda será mais amplamente discutida nos capítulos 4 e 5, é a destinação daqueles que deturpam as Escrituras aparentemente com o objetivo de justificarem suas incredulidades e infidelidades.

3:17-18 - EXORTAÇÃO FINAL E DOXOLOGIA

> Portanto, amados, sabendo disso antecipadamente, tenham cuidado para que não sejam arrastados pelo erro desses homens sem princípios e caiam de sua posição segura. Pelo contrário, cresçam na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja a glória, tanto agora como no dia da eternidade.

O objetivo de Pedro em suas instruções é deixar os amados irmãos alertas e cientes de antemão a respeito do atual estado de coisas e dos desdobramentos e consequências futuras relativamente ao erro dos falsos mestres. Os cristãos devem ter cuidado. Ideias e práticas errôneas podem parecer inocentes, prazerosas e sem maiores consequências em um primeiro momento, mas cair de uma posição segura e ser arrastado pelo erro coloca em perspectiva a perda daquilo que tem se construído com afinco pela fé.

O exemplo dos falsos mestres comprova não apenas que "cair" da salvação cristã é possível, mas nos provê de exemplos práticos da queda. Neles se cumpre o provérbio segundo o qual o cão voltou ao vômito e a porca à lama. Espantoso é o pensamento quando se leva em conta que as pessoas assim descritas tinham "fugido das imundícies do mundo mediante o conhecimento de Jesus Cristo" (2:20, 22).

Pedro não deseja que isso ocorra com os demais, pelo contrário, deseja que eles cresçam na graça e no conhecimento do Senhor e Salvador, a quem pertence a glória tanto agora como no dia da eternidade. Pedro, aquele que tantas vezes foi descrito como inconstante na narrativa evangélica, terminou sua vida com confiança inabalável no senhorio, na salvação e no Reino de Jesus Cristo.

III

PRESSUPOSTOS IMORTALISTAS E SEU USO DE 2 PEDRO 2

Neste capítulo, a proposta é identificarmos os pressupostos imortalistas e seu uso do texto de 2 Pedro de forma breve e direta. A discussão não será tão profunda quanto poderia ser, sob pena de desvirtuar o livro numa direção diferente daquela que foi inicialmente proposta, que é a de se concentrar no texto foco de nossas considerações.

Entretanto, seria um desperdício de oportunidade não endereçar algumas coisas importantes a respeito de como os imortalistas raciocinam e argumentam sobre a imortalidade da alma em geral e, depois, sobre a forma como eles usam 2 Pedro. O importante é que o leitor seja capaz de identificar que os intérpretes imortalistas sempre inferem seus pressupostos particulares no texto bíblico para depois os imporem à interpretação desses mesmos textos. Isso deve ser identificado e exposto com clareza para todos os estudantes da Bíblia.

Pressupostos são um dos níveis mais profundos de convicções que formam as ideias mais íntimas de uma pessoa ou grupo, moldando sua cosmovisão. Pressupostos não são apenas opiniões superficiais, mas convicções mais profundas e importantes. Opiniões podem ser mudadas mais facilmente, enquanto a mudança de pressupostos termina mexendo no próprio alicerce da compreensão do mundo que uma pessoa ou grupo de pessoas mantém e defende.

A ideia da imortalidade da alma ajuda a formar a própria visão de mundo dos imortalistas, tanto por questões bíblico-teológicas, mas também como explicação a respeito do que ocorre conosco quando morremos, que é um tópico que envolve uma ampla atmosfera psicológica de medo, esperança e incerteza para as pessoas de forma geral.

A ideia da imortalidade da alma ajuda as pessoas a explicarem a seus filhos o que supostamente ocorre na morte e onde um parente falecido "está" neste momento. A ideia também ajuda as pessoas a se convencerem de que a morte não é o fim para seus amados que já se foram, e isso as auxilia a vislumbrarem sua própria morte de maneira menos traumática e mais esperançosa. Quem poderia se levantar contra uma doutrina com frutos aparentemente tão úteis e positivos?

Ocorre que há milhões de adeptos de crenças não cristãs, por exemplo, que entendem receber o mesmo tipo de benefício a partir de suas filosofias e religiões anticristãs. Isso também deveria fazer com que deixássemos tais crenças inquestionadas por fornecerem a seus adeptos uma gama de "explicações" a respeito da vida e da morte que os satisfazem? Que implicações uma postura assim teria para o cumprimento da missão cristã?

O fato é que o tema da morte e da suposta imortalidade é muito amplo e de graves implicações para nossa com-

preensão de algumas das questões mais fundamentais com as quais nos deparamos na experiência da vida.

Dessa forma, a revelação divina através da Bíblia Sagrada não ficaria silenciosa quanto ao tema, e é a ela que dedicaremos nossa atenção naquilo que se segue. Vamos nos concentrar mais na questão da imortalidade e não tanto na questão da natureza e duração do castigo aos ímpios no futuro, uma vez que a segunda ideia é, em grande medida, implicação direta da primeira. Elimine-se o fundamento da primeira e a segunda cai consequentemente. Seja como for, as duas ideias serão trabalhadas suficientemente para lançar luz sobre as suas principais implicações, ainda que cada ponto possa ser mais aprofundado no futuro em outras publicações.

Dessa forma, passaremos a identificar os quatro principais pressupostos imortalistas e como eles tentam se utilizar da narrativa bíblica de uma forma geral, não exaustiva. Depois identificaremos como esses pressupostos atuam, sequestrando a linguagem de 2 Pedro em alguns versos para tentar passar às pessoas a impressão de que o texto apoia a ideia da imortalidade da alma e, consequentemente, do castigo eterno.

Apesar das muitas variações nos detalhes da narrativa entre os diversos grupos que acreditam na imortalidade da alma, em resumo, os imortalistas cristãos pressupõe que:

1. A alma é uma espécie de "entidade imaterial" que corresponde à essência ou parte da natureza humana que sobrevive à morte.
2. Após a morte, a alma, separada do corpo, permanece viva e plenamente consciente em um "mundo espiritual" de prazer ou dor, a depender se for salva ou não.
3. Os salvos ressuscitarão no futuro e terão sua alma de volta ao corpo, agora glorificado, para desfrutar da vida eterna.
4. Os perdidos, na qualidade de almas imortais, sofrerão um castigo brutal no inferno separados de Deus, sem nenhum alívio ou fim, por toda a eternidade.

Essas pressuposições são construídas, acima de tudo, com base numa tradição cristã que foi fortemente influenciada pela filosofia após a morte dos apóstolos. Os textos bíblicos selecionados para defender a imortalidade da alma são aqueles que os imortalistas julgam mais adequados para serem lidos de forma enviesada, pressupondo suas ideias a fim de impor sentidos específicos à sua interpretação.

Aproveitando-se da força da compreensão popular e tradicional do termo "alma", como significando uma parte imortal da natureza humana, equiparando-a ao termo "espírito" com o mesmo sentido, e evitando sentidos possíveis que destruiriam sua leitura particular, os imortalistas tentam enxergar alma imortais saindo de seus corpos em textos bíblicos variados, recorrentemente usados.

Vamos levantar os principais dados sem interferências críticas, por ora.

A ALMA COMO ENTIDADE IMATERIAL QUE SOBREVIVE À MORTE

Todos os textos bíblicos usados pelos imortalistas a fim de tentarem defender a ideia da imortalidade da alma ensinariam que a alma é uma entidade imaterial que sobrevive à morte.

Por exemplo, a "alma" que sai de Raquel ao morrer (Gn 35:18-19); a "alma" do menino morto que volta a ele de forma que ele revive (1Rs 17:21-22); o "espírito" que volta a Deus, que o deu, quando o homem morre e o pó volta à terra (Ec 12:7); a "alma" que não é deixada na morte (Sl 16:10); e a "alma" que é incontestavelmente de natureza imortal (Mt 10:28).

APÓS A MORTE, A ALMA DOS SALVOS, SEPARADA DO CORPO, PERMANECE VIVA E EM COMUNHÃO COM DEUS E COM CRISTO

No que tange à ideia do chamado "estado intermediário", os imortalistas defendem, por exemplo, que: Deus toma a pessoa que morre "para Si" (Sl 49:15); faculdades sensoriais que se manifestam em forma de consciência e conhecimento pertencem à "alma" e sobrevivem à morte (Pv 2:10); os mortos estão conscientes e comunicativos em seu estado desencarnado, estando os justos em prazer e descanso (Lc 16:19-31); os salvos vão ao céu em forma de alma/espírito no mesmo dia em que morrem (Lc 23:43); Paulo desejava morrer para desencarnar imediatamente e então "estar com Cristo" (Fp 1:23); e as "almas" desencarnadas e posicionadas "debaixo do altar" conversam com Deus, demonstrando estar conscientes e ativas (Ap 6:9-11).

OS SALVOS RESSUSCITARÃO NO FUTURO E TERÃO SUA ALMA DE VOLTA AO CORPO PARA DESFRUTAR DA VIDA ETERNA

A ideia bíblica da ressurreição (Is 26:19; Dn 12:2; Jo 5:28-29; 1Ts 4:13-18) é mantida pelos imortalistas cristãos em ge-

ral, mas como um estágio posterior dos desdobramentos da existência na condição de "alma" desencarnada. Os salvos ressuscitarão e terão corpos gloriosos para sempre, em contraposição ao infortúnio dos ímpios.

OS PERDIDOS, NA QUALIDADE DE ALMAS IMORTAIS, SOFRERÃO ETERNAMENTE, SEPARADOS DE DEUS

A ideia da punição eterna, entendida como castigo consciente de duração eterna também se baseia nos bíblicos sobre o "castigo eterno" (Mt 25:46, cf. Mc 9:42-48); e sobre o tormento "pelos séculos dos séculos" (Ap 14:10-11; 20:10).

O USO DE 2 PEDRO POR PARTE DOS IMORTALISTAS

Como exemplo de como os imortalistas usam o texto de Pedro, reproduzo o comentário de Black e Black (1998, 2Pe 2:9, grifos nossos), onde os autores cristãos dizem que:

> Depois de quatro afirmações "se" [2:4-8], Pedro finalmente provê a conclusão "então". Se Deus foi fiel no

passado, então Ele o será no futuro. Os justos, Noé e Ló, foram resgatados das mais graves punições divinas contra os injustos. Isso deve ter sido reconfortante para os leitores de Pedro, que estavam sendo expostos ao ensino de que não haveria nenhum juízo final para os imorais e, portanto, nenhuma salvação ou proteção aos que estão preocupados e aflitos por causa da imoralidade.

O termo grego traduzido como "sob punição", também pode ser entendido como significando que os ímpios serão punidos no dia do juízo (em vez de enquanto o aguardam). Todavia, a NVI escolheu o entendimento gramatical mais natural e que é apoiado por 2:4.

Os injustos "que estão sendo punidos" enquanto aguardam o juízo incluem, pelo menos, os anjos caídos que foram lançados no abismo de trevas. Mas isso *implica* que Pedro ensina que todos os *injustos mortos* estão experimentando punição enquanto aguardam o juízo? *Essa, provavelmente, era a sua intenção, uma vez que essa era a opinião dos cristãos primitivos, e uma vez que a afirmação parece se referir a mais do que simplesmente aos anjos caídos.*

O exemplo é perfeito para ilustrar como os pressupostos imortalistas funcionam e como eles sequestram a lin-

guagem de 2 Pedro para dizer o que os textos não dizem, nem de longe. A refutação virá no próximo capítulo.

CONCLUSÃO

Adiante voltaremos de forma breve, mas suficiente, a todos os textos citados neste capítulo. O importante, por ora, é identificar claramente alguns dos textos bíblicos mais usados pelos defensores do imortalismo, além de estar alerta quando à forma mais elaborada de argumento que tem por objetivo convencer os leitores de que Pedro teria "em mente" a imortalidade em 2:9. Por isso, supostamente deveríamos concluir que ali temos uma referência ao ímpio sofrendo desencarnado após a morte, já no "estado intermediário", à espera de um inferno de fogo eterno após os desdobramentos finais do juízo. Todavia, é salutar perguntar: será que as coisas são realmente assim?

IV

REFUTAÇÃO DOS PRESSUPOSTOS E DO USO IMORTALISTA DE 2 PEDRO 2

Refutar um ensino errôneo é uma arte e um empreendimento que pode se tornar bastante complexo, dada a profundidade que o referido ensino atinja na consciência e na tradição das pessoas ou grupos que o mantêm. Em geral, gasta-se muito mais tempo e espaço para refutar um erro do que para expor suas convicções equivocadas.

Neste momento, portanto, vamos gastar um pouco mais de tempo e espaço para refutar os pressupostos imortalistas e seu uso de 2 Pedro. Entretanto, como já explicado no capítulo anterior, isso será feito da forma mais breve e objetiva possível, a fim de não desvirtuar demais o foco central do livro, que é o texto de 2 Pedro.

Na base das discordâncias entre as diversas tradições e convicções religiosas cristãs está a pluralidade de entendimentos a partir da leitura bíblica em inúmeras direções. Quais textos são relevantes em quais discussões? Esses textos estão bem atestados em termos de crítica textual? Estão bem traduzidos nas versões da Bíblia para as línguas modernas? Como definir qual a melhor acepção de um termo em determinado texto diante das variadas possibilidades trazidas pelos léxicos e dicionários? Podemos confiar cegamente em gramáticas, léxicos e dicionários, ou eles também são escritos com base em pressupostos, metodologias e conclusões que podem estar equivocados? Determinada interpretação compreende bem o contexto no qual o texto foi produzido e está inserido?

As dúvidas persistem. Era a intenção do autor desse texto enfatizar os pontos que o leitor moderno está enfatizando? Os sentidos do texto para a audiência original estão mantidos nas leituras e interpretações modernas? Como funciona o mundo da argumentação em torno dos textos bíblicos? Como se formulam as doutrinas que utilizam-se dos textos como "provas" de seus pontos de vista? Existem aplicações legítimas ou ilegítimas de determinados textos? Quem define qual é a correta exegese de um texto? Quem define quais são as melhores práticas, abordagens e convicções hermenêuticas na hora de lidar com um texto ou tema? Quais as implicações de determinadas leituras de alguns textos para seu próprio contexto original, para a construção doutrinária de uma tradição teológica, e para a igreja contemporânea de forma mais ampla? Realmente compreendemos bem a posição contrária à qual pretendemos refutar ou simplesmente fazemos uma leitura preconceituosa e caricata daquilo que nos parece estranho, diferente ou até mesmo perigoso?

Essas perguntas, dentre muitas outras, são levantadas aqui para tentar colocar diante do leitor um pouco dos desafios que ler, interpretar, sistematizar, aplicar e ensinar a Bíblia impõem aos que se dedicam a essa tarefa. Não tenho aqui nenhuma pretensão de responder a todas essas perguntas com a profundidade que elas merecem, mas desejo simplesmente identificar que, mais cedo ou mais tarde, é a

um universo muito mais amplo de pensamento que precisamos remeter quando nos deparamos com problemas similares aos que vamos enfrentar aqui.

A primeira problemática que irei tratar tem que ver com as implicações dos pressupostos imortalistas identificados no capítulo 4. Depois iremos tratar brevemente com cada texto bíblico presente no capítulo anterior. E, por fim, vamos avaliar mais atentamente o uso de 2 Pedro 2:4-9 destacado anteriormente.

AS IMPLICAÇÕES DA DOUTRINA DA IMORTALIDADE DA ALMA

A doutrina que entende a alma como de natureza imaterial e imortal, cuja sobrevivência à morte se dá na forma de uma separação entre corpo e alma, com essa segunda desfrutando de plena consciência, lembranças, sensações e podendo desfrutar atividades variadas, tem implicações gigantescas para a leitura da Bíblia de forma bastante ampla, inclusive, impondo profundas releituras dos textos bíblicos em direções jamais pretendidas ou imaginadas pelos escritos inspirados.

Também a ideia de que a alma imortal sofrerá eternamente no inferno traz perguntas difíceis para o caráter de

Deus. A seguir, vamos destacar de forma bastante resumida algumas dessas principais implicações.

A CONEXÃO ENTRE O PECADO E A MORTE

A Bíblia atribui a realidade da morte à manifestação do pecado. A história é contada no livro de Gênesis (1:26–5:5). O homem inicialmente criado à imagem de Deus, agora vem ao mundo segundo a imagem de Adão, o transgressor. Dessa forma, o homem é pecador/mortal desde sua natureza, a partir de sua entrada no mundo e só pode escapar dessa condição pela graça de Deus mediante fé no evangelho de Cristo, o único imortal em Si mesmo (1Tm 6:16), e o único que traz à luz a imortalidade mediante as boas-novas (2Tm 1:10).

Paulo explica a identidade e obra graciosa de Cristo como Salvador recorrendo à história da queda e do pecado como explanação para a realidade da morte. Paulo demonstra que o pecado entra no mundo através de Adão, mas também se contextualiza na individuação universal do pecado na vida de todo e cada filho de Adão, com a única exceção sendo o próprio Cristo (Lc 3:23-38). Somente depois disso é que ele enfatiza que a vida eterna só vem me-

diante a justiça de Jesus Cristo, nosso Senhor, no reino da Sua graça (Rm 5:12-21).

As implicações da doutrina da imortalidade da alma para essas verdades bíblicas são devastadoras e impõem uma releitura da Palavra de Deus de tal magnitude que desfigura os textos de seu sentido óbvio. Vejamos algumas.

A queda e o pecado não trouxeram a morte ao homem; no máximo apenas trouxeram morte à "parte material" do homem e não à sua "alma imortal e imaterial".

O homem não é "totalmente depravado", mas mantém parte ou a essência de sua natureza, a alma, sem a corrupção do pecado de forma que esta não sofre a morte, que é o salário do pecado.

Cristo não é o único que possui a imortalidade; todos os homens a possuem. Além disso, a imortalidade do homem não vem através do evangelho, mas lhe é concedida no exato momento exato da criação de sua própria alma indestrutível.

A criação do homem tal qual narrada na Bíblia é, no mínimo, parcial, uma vez que se refere ao contexto mais amplo da criação do que seria o corpo material e não se refere em momento ou texto algum à misteriosa criação da alma imortal, jamais referida diretamente nas páginas sagradas.

A universalidade do pecado como explicação da universalidade da morte se torna uma "verdade" bem menos esclarecedora e importante do que de fato é, dada a pressuposição de

que tal se refere unicamente a aspecto supostamente secundário, descartável e menos importante da natureza humana, ou seja, ao corpo.

Toda alma é imortal, a despeito do evangelho e da graça de Cristo, e sem referência a tais, mas como dom de sua própria natureza essencial desde sua criação original.

Em resumo, o paradigma da imortalidade esvazia e nega várias verdades essenciais da conexão entre o pecado e a morte de forma que todo pecador seja mortal.

Dessa forma, com base bíblica sólida podemos afirmar que nenhum homem tem uma essência ou parte imortal, da mesma forma como não tem nenhuma essência ou parte intocada pelo pecado. A crença na imortalidade da alma termina negando que o pecador encontra apenas no evangelho da graça de Cristo o caminho para a salvação que conduz à vida e à imortalidade.

A MORTE REDENTORA E SUBSTITUTIVA DE JESUS CRISTO

A mensagem central do evangelho é que Cristo *morreu* pelos nossos pecados (1Co 15:3, cf. Rm 5:6; 8:34; 14:9; 14:15; 1Co 8:11; 2Co 5:14-15; 1Ts 4:14; 5:9-10; 1Pe 3:18; 1Jo 3:16; 5:11). No entanto, se a morte atinge apenas um aspecto da natureza humana, a saber o corpo, e não a alma, que seria a essência ou

a "parte mais importante" das duas que constituem o homem, então Cristo, em Sua essência, ou em sua parte humana mais importante, sequer experimentou a morte. A redenção, dessa forma, seria fruto da morte de apenas parte da natureza humana de Cristo, cuja alma imortal, em tese, permaneceu absolutamente alheia à morte em um estado desencarnado.

Em resumo, inferir a doutrina da imortalidade da alma e impor essa ideia sobre o evangelho lança dúvidas e sombras sobre a linguagem bíblica da morte de Cristo. Ou será que deveríamos nos referir meramente à morte do corpo físico de Cristo, dado que Sua alma imaterial jamais experimentou, de fato, a morte? Onde esse tipo de ideia se apresenta no evangelho?

A profecia bíblica dizia que o Servo Sofredor derramaria Sua alma (vida) na morte (Is 53:12), o evangelho descreve Cristo dizendo de Si mesmo que Sua alma (mente) estava profundamente triste até a morte (Mt 26:38; Mc 14:34), e é somente em referência à ressurreição de Cristo que se diz que Sua alma não foi deixada na morte (At 2:24-36). Na Bíblia, não há nenhuma palavra referindo-se à suposta imortalidade e imaterialidade da alma humana de Cristo que tenha saído de Seu corpo imediatamente após a crucifixão.

Além disso, cristãos que tentam confundir a questão trazendo à discussão específica a noção da divindade de Jesus se esquecem de que Cristo e os demais filhos de Adão não podem ser comparados nesse quesito.

Dessa maneira, ainda que fosse possível postular que a divindade de Cristo foi intocada pela morte após uma embasada e extensa discussão desse ponto, não se poderia estender a mesma conclusão aos demais homens, como se eles também tivessem uma natureza divina a sobreviver à morte. Isso seria confundir cristologia e antropologia, negligenciando as diferenças entre o Criador e as criaturas, entre o Cristo divino e humanamente sem pecado e os demais seres humanos nada divinos e pecadores.

Portanto, pressupor a doutrina da imortalidade da alma cria complexidades, tensões e contradições para a linguagem bíblica a respeito da morte redentora e substitutiva de Jesus Cristo pelos pecadores mortais.

FÉ NO EVANGELHO COMO ÚNICO CAMINHO PARA A VIDA ETERNA

Conforme já adiantado anteriormente, Cristo é aquele que traz à luz a imortalidade mediante o evangelho (2Tm 1:10). Pressupor a doutrina da imortalidade da alma é negar isso, uma vez que no paradigma imortalista, todo e qualquer homem é um ser imortal a despeito de sua postura relativamente ao evangelho, pelo simples fato de já ter sido criado como alma imortal desde sua criação original, seja lá em que contexto essa criação acontece.

Dessa forma, o evangelho, no contexto da graça de Jesus Cristo crida e apropriada pela fé, deixa de ser visto como o único caminho para que o homem transcenda à morte, e isso no contexto da ressurreição. O homem já seria imortal em si, mesmo sem qualquer referência ao evangelho e à ressurreição. Isso seria condição natural dada sua suposta capacidade de viver fora do corpo e separado dele eternamente. É importante admitir também que no caso hipotético de não haver uma ressurreição, isso não prejudicaria a imortalidade da referida alma, o que nos leva ao próximo tópico.

A IMPRESCINDÍVEL RESSURREIÇÃO DO CORPO PARA A VIDA ETERNA

A Bíblia é absolutamente clara quando fala da ressurreição dentre os mortos, sejam salvos ou ímpios (Is 26:19; Dn 12:2; Jo 5:28-29). Mas nunca fala da morte como separação entre um corpo material mortal e uma alma imaterial e imortal, ainda que alguns gostem de pressupor esse conceito e inferi-lo em certas passagens bíblicas, algumas das quais serão melhor trabalhadas mais adiante.

Para o nosso objetivo neste momento, porém, basta que o leitor perceba que mesmo para que os ímpios sejam punidos depois de sua morte é prescrita uma ressurreição deles "para

a vergonha e o horror eternos", ou para a "condenação". Isso indica que a leitura segundo a qual os ímpios estariam sendo punidos num estado desincorporado na condição de "almas imortais" no purgatório ou no inferno, ou em qualquer lugar que o valha, é simplesmente fantasiosa e falsa.

A necessidade de ressurreição de salvos e perdidos para que os desdobramentos finais da salvação ou da perdição se concretizem indica que entre a morte e a ressurreição deles não existem recompensas ou punições conscientemente desfrutadas em termos das concepções populares das almas no céu ou no inferno. Somente no contexto da ressurreição é que as realidades bíblicas do céu e do inferno se tornarão realidades, isso com a vida eterna dos salvos e com a aniquilação total e definitiva dos condenados à segunda morte, conforme o relato de Apocalipse 20.

A MORTE COMO O ÚLTIMO INIMIGO A SER DESTRUÍDO

Paulo ensina claramente que "o último inimigo a ser destruído é a morte" (1Co 15:26), o que só ocorrerá na ressurreição, que é quando tal palavra se cumprirá (15:50-55). O texto indica claramente, portanto, que a vitória contra a morte só se dá após a ressurreição, ao final da história, com

a destruição da morte, inimiga de Deus, ocorrendo em último lugar. Conquanto a argumentação de Paulo seja simples, sua consequência é devastadora para a ideia da imortalidade da alma.

No paradigma imortalista, a alma nunca "vence" a morte, uma vez que simplesmente a alma nunca foi realmente ameaçada de morte ou foi sequer capaz de morrer. Almas imortais não morrem de nenhuma forma e sob nenhum pretexto. Almas imortais são necessariamente imunes à morte, em sentido absoluto. A morte nunca existiu e jamais existirá para elas, que jamais poderiam ser minimamente confrontadas com seu poder, perspectiva e manifestação prática. O mais importante é que isso é assim desde que a alma imortal vem à existência em primeiríssima instância, pois no exato instante de sua criação ela já é absolutamente alheia à morte e incapaz de morrer, e assim será para sempre, de outra sorte ela não seria chamada de "imortal", convenhamos.

Ou seja, a narrativa bíblica a respeito da morte é absolutamente falsa do ponto de vista da alma imortal.

A última inimiga a ser vencida é a morte? Não nesse paradigma. A morte nunca sequer existiu ou poderia existir para a alma em nenhum momento desde sua criação original.

A morte só será vencida ao final, após a ressurreição? Não, como já dito, na visão imortalista a alma é imortal des-

de o primeiro instante de sua existência. Mesmo a morte do corpo não a afeta de nenhuma forma, e ela “vive” sem corpo e viveria para sempre, sem ele, caso não houvesse ressurreição ao final das contas.

O TORMENTO ETERNO LANÇA PROFUNDAS DÚVIDAS SOBRE A SABEDORIA, MISERICÓRDIA E AMOR DE DEUS

As imagens bíblicas sobre o sono (Jo 11:11-15), o silêncio (Sl 115:17), a destruição completa (Sl 92:7) e aniquilação (Sl 37:20) dos ímpios no contexto da primeira e da segunda morte nos permitem entender e defender plenamente o caráter de Deus como justo ao punir o mal e misericordioso ao extingui-lo por completo (cf. Tg 2:13).

Por outro lado, se a resposta divina ao problema viesse na forma da violência brutal e eterna contra o mal, inúmeros problemas gravíssimos se seguiriam.

A primeira implicação é que todas as imagens bíblicas acima destacadas seriam falsas e enganosas em última instância. A segunda é que o mal seria perpetuado por toda a eternidade, agora infligido por Deus às criaturas, e jamais seria superado de forma definitiva e verdadeira. Por fim, não seria possível defender a sabedoria, misericórdia e

amor de Deus pelos perdidos de forma minimamente coerente. Esses são preços muito caros a se pagar por uma interpretação da Bíblia, no mínimo duvidosa, e que falsamente pretende representar a mais pura verdade revelada pelo Senhor em Sua Palavra.

CONCLUSÃO

A conclusão desta primeira seção do presente capítulo é que sequer é possível manter coerentemente a doutrina da imortalidade da alma e do tormento eterno quando se toma consciência das suas implicações. Naturalmente, é possível aos proponentes de tais teorias tentar relativizar e tentar diminuir retoricamente a importância dessas questões, mas no mérito. Não é possível manter a noção da natureza imortal e imaterial da alma humana, cujo destino, no caso dos perdidos, é a tortura eterna, sem, com isso, se colocar em graves dificuldades diante dos conceitos bíblicos de forma bastante ampla e profunda.

Em resumo, a doutrina da imortalidade da alma e do sofrimento eterno viram a narrativa bíblica de cabeça para baixo, contradizendo afirmações absolutamente claras e simples da Escritura Sagrada. Ainda assim tais noções são mantidas como "ortodoxas" por pessoas e tradições cris-

tãs que juram, em teoria, manter a fé de que a Bíblia é a inerrante Palavra de Deus, mas negam na prática os frutos desse juramento de fé, mantendo como verdade o que é nitidamente falso do ponto de vista da revelação divina.

A maioria dos cristãos não parecem, porém, conscientes disso. A impressão é que poucos pensam com seriedade na enorme diferença que o paradigma da imortalidade da alma e da tortura eterna criam para a narrativa bíblica em inúmeros particulares. Para deixar isso ainda mais claro, todavia, é importante analisar, pelo menos brevemente, alguns dos principais textos bíblicos usados pelos imortalistas para defender que sua visão é bíblica. A isso passaremos a nos dedicar naquilo que se segue.

BREVE ANÁLISE DE TRECHOS BÍBLICOS SELECIONADOS

Neste momento, comentarei alguns dos principais textos bíblicos usados para apoiar a doutrina da imortalidade da alma e do castigo eterno dos ímpios.

A ideia aqui é fazer referência breve a como os textos são usados, como a noção da mortalidade da alma lida com eles e, em geral, trazer uma ou mais citações de estudiosos não adventistas. Sendo assim, buscaremos eviden-

ciar que a interpretação mantida pela Igreja Adventista do Sétimo Dia é opção plenamente viável e defensável em termos de exegese e hermenêutica bíblicas, sem nenhuma referência aos escritos de Ellen White, a convicções unicamente adventistas, ou coisas parecidas.

Estudiosos da Bíblia, sem nenhuma influência das convicções adventistas, mantêm percepções que se harmonizam perfeitamente com nosso entendimento em relação a tais textos, mesmo que eles mesmos mantenham teologia diferente da nossa em outros quesitos.

Assim, portanto, muitas acusações infundadas de que nossas doutrinas, nesses pontos, sejam singulares, estranhas, heréticas, exclusivistas e sectárias são refutadas pela clara indicação de que é o texto bíblico, bem compreendido, que permite ou mesmo exige as convicções por nós esposadas.

Dessa forma, defendo que a Igreja Adventista não deveria ser acusada de negar a Bíblia por evangélicos imortalistas cuja inclinação parece ser a de se apropriar dos preconceitos religiosos contra a Igreja Adventista e Ellen White a fim de pretenderem superioridade doutrinária sem nada refutar-nos no mérito das presentes discussões teológicas. Ao contrário do que pretendem nossos antagonistas, não negamos a Palavra de Deus em nenhum ponto, apenas a compreendemos melhor que eles, pelo

que só lhes resta o fanatismo religioso para tentarem denegrir nossa imagem e teologia, ao que responderão por seus motivos e práticas diretamente a Deus em tempo oportuno. Enquanto esse tempo não chega, entretanto, vamos dedicar nossa atenção a alguns dos textos bíblicos mais usados pelos imortalistas.

GÊNESIS 35:18-19 E 1 REIS 17:21-22

Há traduções bíblicas que parecem indicar que a "alma" de Raquel saiu dela ao ela experimentar a morte no contexto do nascimento de seu filho (Gn 35:18-19). Entretanto, o sentido é simplesmente que a "vida" saiu dela, numa referência meramente à sua morte. Hindson e Kroll (1994, Gn 35:18-19) identificam o cerne do texto com facilidade dizendo que "a frase 'ao sair-lhe a alma' não indica que a alma era considerada com entidade separada do corpo, com existência própria, mas apenas que a vida a estava deixando".

Em outro texto bíblico muito usado para defender algo semelhante ao primeiro caso, imortalistas tentam enxergar na Bíblia, na experiência da ressurreição veterotestamentária do filho da viúva de Sarepta, algo como uma alma imortal que sai do corpo e depois volta a ele (1Rs 17:21-22). O sentido, todavia, é simplesmente que

Elias orou para que a respiração do menino, que já havia lhe deixado em função de sua morte, voltasse a ele. Clarke (1999, 1 Rs 17:21-22) o admite de forma simples e direta, afirmando que aqui "certamente o termo 'alma' aqui não significada nada além de respiração".

ECLESIASTES 12:7

O texto de Eclesiastes 12:7 é extremamente usado para pregar a ideia de uma alma ou espírito imortal voltando a Deus no momento da morte. O texto, porém, nada fala a esse respeito e simplesmente indica que o fôlego de vida, dado por Deus para animar a vida do homem, sai dele na hora da morte e é recolhido por Deus. Murphy (2002, Ec 12:7) esclarece esse ponto lembrando que

> o processo descrito aqui é o reverso de Gênesis 2:7. O fim da vida é a dissolução. [...] os seres humanos voltam ao pó (Gn 3:19) de onde vieram, enquanto o fôlego concedido por Deus volta ao seu dono original. Isso é um quadro de dissolução, não de imortalidade. Não há alma aqui, mas um fôlego divinamente concedido, o que é uma categoria completamente diferente de pensamento.

SALMOS 16:10 E 49:15

A ideia de que Deus não deixaria a "alma" de Davi na morte é usada para pregar a imortalidade da alma a partir da Bíblia, mas a ideia é simplesmente que Davi confiava em Deus de que viria a morrer cedo, no contexto da produção do salmo em questão. Constable (2003, Sl 19:10) indica que é "óbvio que Davi não queria dizer aqui que iria viver para sempre, mas que não morreria prematuramente naquele momento".

Por outro lado, a imagem de que Deus redime a alma do poder da morte, também usada para dizer que a alma não morre, quer dizer, segundo Walvood e Zuck (1983, grifo nosso), que "Deus redimirá os justos da sepultura. Novamente o contraste com a ruína dos ímpios. Inclui uma forma de germe da esperança da *ressurreição*". Ou seja, a ideia do texto não é que a alma não morre, e sim que Deus redime a alma da morte através da ressurreição, momento quando Deus tomará o salvo para Si. Não há referência a uma alma desencarnada tomada pelo Senhor no momento da morte e antes da ressurreição.

PROVÉRBIOS 2:10

A ideia de que o conhecimento pertence à "alma" é usada para inferir que a entidade imaterial é a sede das ca-

pacidades racionais, intelectuais e sentimentais do homem. Tudo isso, na visão imortalista, sobreviveria à morte na forma de uma entidade separada do corpo. A alma, após a morte, permaneceria cheia de experiências racionais, intelectuais e sentimentais mesmo antes da ressureição. Mas esse tipo de ideia não está, nem de longe, contida nesse texto. Walvood e Zuck (1983) são tão simples quanto precisos ao identificar que nesse texto a alma se refere simplesmente à mente e/ou ao coração do homem vivo. Em suas palavras, "a sabedoria habitará no coração do homem".

MATEUS 10:28

Esse texto é, provavelmente, o mais usado pelos imortalistas, pela impressão que algumas traduções dão de que Jesus estaria defendendo a imortalidade da alma. O texto, porém, não afirma o que os imortalistas leem nele. Chouinard (1997, Mt 10:28, grifo nosso), comentando o evangelho de Mateus, diz que:

> a intenção de Jesus não é argumentar em favor de um entendimento extremista da natureza humana, i.e., que os homens podem ser divididos em duas partes não relacionadas entre si, o "corpo" e a "alma". Ao invés disso, o ponto é que os perse-

> guidores podem fazer mal ao corpo, mas não tem nenhum poder sobre a pessoa como um todo, composta de corpo e alma. Conquanto possam matar o corpo, *só Deus pode destruir total e finalmente a pessoa completa* no *geena*. Dado que só Deus tem a jurisdição última sobre o destino eterno, parece ser o caminho mais sábio temer a Deus ao invés daqueles que apenas podem acabar com a vida física.

A explicação do teólogo evangélico é internamente contraditória, ao meu ver, mas toca no ponto central da questão de forma correta. Jesus, aqui, não defende a imortalidade da alma, uma vez que ameaça o homem de "destruição total de sua pessoa completa", composta de "corpo e alma", nas palavras do comentarista.

É importante notar também aqui que o texto paralelo em Lucas 12:4 passa a mesma ideia do texto de Mateus 10:28 sem qualquer referência à suposta imortalidade da alma. Isso indica que os imortalistas, no mínimo, tomam um aspecto secundário do texto, forçando-o a se tornar central e o interpretam em uma direção que não apenas não foi intencionada por Mateus/Jesus, mas ainda carrega implicações heréticas bastante graves. A prova disso é que a leitura imortalista entra em contradição interna com a imagem da morte/destruição da alma no inferno da parte de Deus.

O máximo que a leitura superficial evangélica poderia sustentar é que homens são incapazes de matar a alma, mas Deus é capaz de fazê-lo. Ainda assim, sua teologia do verso não é acertada, sequer nessa inferência.

Seja como for, se Deus é capaz de matar a alma e ameaça de fazer exatamente isso "no inferno", então tanto a noção da imortalidade da alma quando da tortura eterna ficam gravemente prejudicadas pela palavra de Jesus. A alma do perdido será aniquilada no inferno, a segunda morte. Os cristãos fieis, portanto, nada têm a temer da parte dos homens a despeito do seu poder de persegui-los e matá-los.

MATEUS 25:46

Outro texto bastante usado para defender a ideia do tormento eterno é Mateus 25:46, dado que algumas traduções dão a impressão de que Cristo esteja se referindo a uma tortura sem fim sobre os perdidos. Carson (1994, Mt 25:46, grifo nosso), porém, é cirúrgico ao expor que

> "eterno" pode significar "para sempre", ou mais genericamente significa "na era porvir". É mais uma afirmação de qualidade do que de duração. *Esse verso, portanto, não resolve a disputa entre os que entendem o*

inferno como tormento consciente sem fim e os que o veem como aniquilação e fim da existência.

Ou seja, aquilo que é "claro" na Bíblia na mentalidade dos imortalistas menos atentos à exegese do texto, é questionável do ponto de vista da tradução e do sentido, abrindo espaço para a hipótese de que a condenação eterna não implique necessariamente em tormento sem fim, como muitos tomam como pressuposto em sua leitura superficial e desatenta do texto.

MARCOS 9:42–48

As imagens em Marcos 9:42-48 são muito usadas para defender a ideia de que no inferno de fogo há vermes de tal natureza que são capazes de corroer as almas imortais dos perdidos por toda a eternidade sem fim, seja lá o que isso signifique e implique na prática.

Os comentaristas, porém, reconhecem de forma praticamente unânime a linguagem metafórica e hiperbólica das recomendações de Cristo no contexto imediato sobre arrancar as mãos, os pés e os olhos, para evitar pecados e tropeços, por exemplo. A própria imagem dos vermes, aqui, está conectada à ideia de que vermes corroem o corpo material dos mortos. Além disso, toda a linhagem da passagem é física: pedra, pescoço, mar, mão, verme, pé, olhos, fogo.

O texto não faz referência em nenhum momento a almas imateriais separadas dos seus corpos que deveriam temer vermes e fogo igualmente imateriais e espirituais supostamente capazes de lhes causar mal eternamente, tal qual fogo literal e verme literais causam mal ao corpo literal na experiência humana no mundo físico.

A saída dos imortalistas, portanto, é fazer uma leitura fortemente espiritualizada do texto em geral. Assim, os tais vermes são tomados metaforicamente para implicar algo como a existência espiritual de "vermes imateriais eternos" que corroem "almas imateriais imortais" em meio a um lago de fogo necessariamente metafórico, uma vez que fogo literal não teria efeito algum sobre almas imateriais.

Ou seja, a única forma de ler o texto no paradigma imortalista é espiritualizando a linguagem de praticamente toda a passagem e considerando-a forçosamente metafórica em grande medida, a não ser no aspecto do sofrimento eterno que a imagem supostamente implicaria.

Nesse ponto específico o texto demandaria inescapavelmente uma leitura literal e eterna desse sofrimento da alma imaterial imortal separada do corpo e em companhia de vermes e fogo igualmente imateriais e imortais. Essa é uma metodologia dúbia, no mínimo, e que em última instância torce a evidência de forma a justificar paradigmas concebidos de antemão.

Evans (2002, Mc 9:43) diz que Jesus está citando Isaías 66:24 e usa linguagem gráfica e hiperbólica para alertar contra a gravidade das ofensas contra Deus. Ele então arremata dizendo que "o texto sugere que a geena é o local da destruição eterna, sem esperança de alívio". Evans mantém a compreensão imortalista do tormento eterno, mas sua linguagem aqui pode ser ajustada para dar vazão a uma compreensão mais correta.

Se a "destruição eterna" for lida de forma a implicar na ausência de esperança de retorno da destruição, então a imagem faz todo o sentido. Nesse caso, na segunda morte, os ímpios serão destruídos literalmente por vermes e/ou fogo literais, e nunca mais ressuscitarão. O fogo inextinguível seria, nesse caso, apenas uma referência a um fogo que não paga até exterminar por completo seu combustível. Nada no texto demanda necessariamente que os ímpios serão torturados eternamente na condição de almas imateriais e imortais.

LUCAS 16:19-31

A cena do rico e do Lázaro, em Lucas 16, é também uma das mais evocadas pelos imortalistas para defender a ideia de um estado intermediário consciente de almas imortais em contextos de descanso ou tormento imediatamente após a morte.

O texto, porém, tem por objetivo defender a revelação do Antigo Testamento e a ideia de que quem rejeita a Palavra de Deus ali revelada não seria convencido pela ressurreição de um morto a fim de alertá-los de seus perigos espirituais devido aos seus pecados e arrogância contra os aparentemente menos afortunados. Tanto que Jesus ressuscitou dentre os mortos, e nem por isso todos os judeus (muitos deles ricos e orgulhosos) O aceitaram como Messias, Senhor e Salvador, dando cumprimento cabal e literal da moral da história relatada por Lucas.

Black (1996, Lc 16:19-31), em uma simplicidade ímpar, sentencia de forma direta: "Essa não é uma descrição da vida após a morte, mas um aviso àqueles que não compartilham seus bens com os pobres."

LUCAS 23:43

Conquanto Lucas 23:43 não fale absolutamente nada sobre "alma", esse é um texto muito usado para pressupor o conceito. Seu sentido bíblico real, porém, não é complexo ou difícil de entender. No momento de sua morte, naquele dia ali chamado de "hoje", Jesus estava garantindo a salvação do ladrão que reconheceu seus pecados, bem como a justiça de sua morte como pecador e chama a Cristo de Senhor (23:40-43).

Nolland (2002, Lc 23:43) diz que

> é tentador encontrar aqui a visão de que Jesus veio em Seu reino no dia de Sua morte, mas provavelmente é melhor correlacionar o uso do "hoje" com instâncias anteriores no evangelho e ver, em vez disso, uma afirmação de que mesmo na hora de Sua morte Jesus traz salvação.

Black (1996, Lc 23:43), por sua vez, destaca que a frase aqui analisada

> provavelmente significa que como resultado dos eventos daquele dia esse homem receberia a salvação. É possível que Jesus estivesse dizendo que eles estariam juntos logo após a morte, mas a passagem não exige necessariamente essa interpretação.

Dessa forma, fica demonstrado que a leitura imortalista, que vê nessa passagem uma descrição "óbvia" da imortalidade da alma, pressupõe o conceito e tenta forçá-lo sobre os textos de forma inadvertida e potencialmente inadequada. A admissão do teólogo evangélico de que tal interpretação não é exigida pelo texto lança as pretensões dos imortalistas fundamentalistas por terra e

abre margem para a leitura mortalista natural, sem pressupostos estranhos ao texto bíblicos tidos como óbvios e autoevidentes por si mesmos por leitores desatentos que parecem não se dar conta de aonde seus pressupostos lhes conduzem.

FILIPENSES 1:23

Outro texto, que nada fala sobre “alma”, mas é muito usado para inferir a ideia da entidade imaterial que sai do corpo na hora da morte, é Filipenses 1:23. Silva (2005, Fp 1:23), em seu comentário à carta de Paulo aos Filipenses, diz que no que se refere à discussão do sono da alma ou da consciência no estado intermediário e o uso dessa passagem, muitos estudiosos entendem ser “pouco sábio usar esse verso para determinar essa questão, que muito provavelmente não estava aqui na mente do apóstolo de forma alguma”. Nesse ponto, eu não poderia concordar mais com os estudiosos referidos por Moisés Silva.

Ou seja, imortalistas tomam um texto que nada, em absoluto, fala do tema e inferem toda a sua cosmovisão nele, como se indicasse ou até mesmo provasse que Paulo tinha a crença na imortalidade da alma. Essa é uma forma vergonhosa de fazer teologia.

APOCALIPSE 6:9-11

Uma leitura literal de Apocalipse 6:9-11 faz com que alguns vejam almas imortais na Bíblia. O contexto simbólico, porém, bastante atrelado às imagens do Antigo Testamento de forma geral, depõe contra essa maneira de ler o último livro da Bíblia. Swete (1907, Ap 6:9) diz simplesmente que "as almas são vistas debaixo do altar, pois segundo o ritual levítico, o sangue, que é a alma (Lv 17:11), era derramado no pé do altar de ofertas queimadas".

Ou seja, a imagem das alma aqui, como tantas outras ao longo de todo o livro, é tirada do Antigo Testamento. É interessante que a concepção de alma, nesse caso, é material e tem que ver com sangue e não com nenhuma espécie de entidade imaterial desincorporada passeando em esferas celestiais e reclamando com Deus.

Além disso, o texto de Hebreus identifica que o sangue de Jesus "fala" coisas superiores ao que fala o próprio (sangue de) Abel (Hb 12:24). Isso não quer dizer que o sangue/alma têm existência própria fora do corpo e conversam com Deus, mas sim que o sangue "clama" diante do Senhor, como chamando a atenção de Deus em termos da injustiça no derramamento do sangue, à qual ele responderá através da ressurreição do justo que morreu nas mãos do ímpio (cf. Gn 4:9-10)

APOCALIPSE 14:9-10

A presente passagem é, sem dúvida, a preferida pelos imortalistas para defender a noção de uma punição consciente e eterna por parte dos ímpios. Todavia, há questões importantes a serem consideradas a fim de rechaçar a ideia.

Garland (2006, Ap 14:11) diz que a frase que evoca a imagem do tormento cuja fumaça sobe pelos séculos dos séculos "fala do juízo eterno, como aquele que em última instância cai sobre a terra de Edom e sobre a cidade da Babilônia (Is 34:10; Ap 19:3)".

Ocorre que o destino de Edom é referido em outros textos bíblicos, como por exemplo, Malaquias, como destruição (1:1-5). No mesmo livro defende-se o destino reservado aos ímpios como sendo o de aniquilação completa no fogo (4:1). A Babilônia do Apocalipse, cuja fumaça sobe pelo século dos séculos, também é descrita como consumida pelo fogo (18:8, 10, 18). Além disso, a imagem é relacionada e oposta à fumaça do incenso que sobe com as orações dos justos em 8:3-5. Tudo isso indica que a imagem em Apocalipse 14:9-11 é simbólica e não está em contradição com a imagem da aniquilação.

Além disso, caso a leitura literal devesse prevalecer, o destino particular só poderia ser descrito como indicando apenas os seres humanos que adoraram a besta e receberam sua marca, ao fim da história, e não a todos os ímpios de todos

os tempos. Por fim, não há referência às almas dessas pessoas separadas de seus corpos em momento nenhum do texto.

APOCALIPSE 20:10

A imagem do tormento ininterrupto pelo séculos dos séculos nesse texto é, com certeza, mais uma das cenas bíblicas evocadas pelos imortalistas que concluem que os ímpios serão atormentados num lago de fogo para sempre na condição de almas imortais separadas, ou não, de seus corpos. Há divergência entre os imortalistas sobre a tortura eterna somente da alma ou do corpo e da alma.

Deveria ser desnecessário apontar que o texto nada fala a respeito de almas desincorporadas dos ímpios de forma geral e indiscriminada e, no caso presente, limita-se ao Diabo, à Besta e ao Falso Profeta. Mas os imortalistas parecem cegos ao texto. O verso anterior (20:9) fala que aqueles que ressuscitaram na segunda ressurreição marcharam sobre a terra rumo à cidade santa foram *consumidos ao cair sobre eles o fogo do céu*.

Nem aqui há qualquer ideia de almas imateriais e indestrutíveis lançadas em um lago de "fogo". Mills (1987, Ap 20:10) identifica o ponto principal dessa ideia com facilidade ao apontar que "o verbo 'atormentados' não é confinado a Satanás, mas inclui a besta e o falso profeta de igual forma".

Ou seja, não há descrição de tormento eterno de almas nessa passagem do Apocalipse. Isso indica claramente que as imagens mais fortes usadas pelos imortalistas para defender seus pressupostos, simplesmente não falam do que eles pretendem. Uma simples leitura dos textos indica isso com facilidade.

Mesmo que não pudéssemos defender que a imagem do tormento eterno é metafórica nesse texto, ainda assim, só poderíamos aplicar sua revelação diretamente ao Diabo, à Besta e ao Falso Profeta. Essas três entidades não são humanas, de forma que o tormento eterno, nesse caso, se referiria a uma classe de seres/personagens/instituições do livro do apocalipse absolutamente diversa daquela que os imortalistas julgam enxergar, demonstrando a natureza primária de seu erro de julgamento.

Mesmo que, em desespero argumentativo, alguns tentassem tornar a Besta e o Falso Profeta em seres humanos, só estaríamos autorizados a concluir que esses seres humanos específicos seriam atormentados para sempre, não todos os ímpios. Além disso, também não se faz referência à almas imateriais da parte da Besta e do Falto Profeta em lugar nenhum da revelação.

Seja como for, aos imortalistas que reclamam da defesa de que na visão mortalista essa ideia bíblica do tormento eterno é meramente metafórica, como se ela esvaziasse a

realidade do texto, deve-se lembrar que o mesmo se dá com a relação entre a alma imaterial e o "fogo do inferno" no caso de sua leitura predileta.

Vejamos, se as almas são imateriais, então elas são, por definição, intocadas pelo fogo, que é material. Pretender que almas sejam tocadas e atormentadas por fogo é fazer uma leitura metafórica da própria natureza do fogo ali evocado. Isso não seria também uma afronta à literalidade do termo fogo no texto? Ou apenas os mortalistas não teriam direito à leitura metafórica enquanto os imortalistas dela poderiam usar quando lhe fosse útil e necessário?

Essas e outras incoerência demonstram que, longe do que pretendem os imortalistas e defensores do conceito do tormento eterno, não há imagens bíblicas realmente claras e inquestionáveis a apontar na direção de suas conclusões doutrinárias cujas implicações, para a narrativa bíblica e para o caráter de Deus, seriam absurdamente tenebrosas.

Quanto à objeção de que a eternidade do tormento precisa ser equiparada à eternidade da recompensa dos salvos na vida eterna, a ideia não merece prosperar por diversos fatores. Os principais motivos são:

1. A vida eterna e a morte eterna são tão distintas entre si quanto a vida atual é distinta da morte natural. Na vida atual,

a pessoa experimenta tudo que pertence à vida. Na morte natural, a pessoa não experimenta nada que pertence à vida. Confundir as duas coisas através da pressuposição da existência de uma alma imortal a sair do corpo com a morte simplesmente faz com que não exista mais distinção significativa entre vida e morte, nem que seja pelo menos da perspectiva da "alma".

2. A eternidade da punição, no caso dos ímpios, não é questionada no paradigma defendido neste livro. O que se questiona é a natureza da punição. No aniquilacionismo adventista, os perdidos serão, sim, punidos de acordo com suas más obras. Mas depois de a punição ser satisfeita, eles serão aniquilados por toda a eternidade, e jamais serão mantidos em tortura e dor conscientes eternamente. Após sofrerem a justa punição por seus pecados, os ímpios simplesmente deixarão de existir em última instância, e isso por toda a eternidade, sem jamais

> virem a ser ressuscitados em qualquer momento do futuro sem fim.

2 PEDRO 2:4-9

Sem pretender retomar toda a discussão sobre esses versos na parte do nosso comentário, é importante destacar mais algumas coisas a mais à luz da argumentação provida pelo exemplo do nosso capítulo anterior a respeito do trecho. Black e Black (1998, 2Pe 2:9) admitem claramente que "o termo grego traduzido como 'sob punição', também pode ser entendido como significando que os ímpios serão punidos no dia do juízo (em vez de enquanto o aguardam)". Mas, depois disso, indicam que a NVI escolheu o entendimento gramatical mais natural na tradução do termo, defendendo a ideia como fazendo referência a "injustos 'que estão sendo punidos' enquanto aguardam o juízo".

Por fim, em sua visão, estes injustos incluem, com certeza, pelo menos os anjos caídos, mas possivelmente também incluiriam os injustos já mortos, porém conscientes e atormentados num estado intermediário na forma de almas imortais e imateriais. A justificativa para a conclusão é que isso deve estar implícito no texto em função desse ter sido, supostamente, um entendimento comum entre os cristãos primitivos.

É impressionante como uma enorme quantidade de pressupostos obscuros e problemáticos como esses consegue passar desapercebido pela leitura de tantos cristãos. Parece que tais cristãos não estão conscientes do contorcionismo exegético vergonhoso demandado para inferir coisas desse tipo a partir desse texto de Pedro (2:9). Vejamos.

1. A indicação de que a frase pode ser traduzida e lida legitimamente como fazendo referência a uma punição presente ou a uma punição futura já indica que, no máximo, a punição presente aqui é uma hipótese dentre duas possibilidades igualmente válidas. Dessa forma, a prudência básica faz concluir que não há motivos para um dogmatismo exagerado em torno do tempo verbal e da tradução do particípio presente nessa frase preposicional.

2. Mesmo que se decida em favor de uma leitura exegética tal, que entenda a referência temporal do verbo como sendo presente, nada há no texto que se refira a pessoas mortas cujas almas imateriais e imateriais estariam em tormento entre

o período de sua morte e ressurreição. Isso tem implicações devastadoras para o uso imortalista desse texto. Veja as opções de entendimento dessa “punição presente” em nossa seção de comentários sobre esse verso.

3. Black e Black admitem que a ideia da imortalidade da alma num estado de sofrimento presente no estado desincorporado é aqui meramente uma inferência. Ou seja, estamos diante de uma conclusão em torno de um conceito que, no máximo, estaria implícito e precisaria ser pressuposto no texto, mas que não está presente nele em momento algum. Todos os alertas vermelhos e sirenes policiais deveriam se manifestar na cabeça do estudante que se deparasse com uma interpretação construída com esse tipo de “base”.

4. Não há no texto dos autores evangélicos qualquer comprovação das convicções imortalistas dos primeiros cristãos, nem nenhum tratamento de como tais

> convicções seriam trabalhadas por eles diante de textos do Antigo e do Novo Testamento que indicam de forma cristalina e insofismável a mortalidade da alma humana em diversos contextos (Ez 18:4; Tg 5:20, etc.).

Ou seja, nesse caso há uma necessidade de se pressupor o conceito da imortalidade da alma para inferi-lo sobre o texto. Isso indica que estamos diante de uma metodologia eisegética imortalista no caso concreto, ou seja, uma metodologia que impõe à compreensão de um texto significados que vêm de fora do texto. É exatamente dessa forma que a tradição dos homens vai tomando o lugar da Palavra de Deus e as opiniões humanas vão substituindo as convicções que deveriam ser formadas pela obediência a Cristo no contexto da revelação bíblica (2Co 10:5; cf. Jo 10:35).

Nesse tipo de exemplo, o imortalista torce para que ninguém escrutine seus argumentos de forma muito criteriosa e espera encontrar entre seus leitores pessoas que, assim como ele, pressuponham a mesma ideia e deixem as falhas na argumentação por isso mesmo. A ideia parece ser a de fortalecer uma convicção prévia já estabelecida sem maiores questionamentos.

CONCLUSÃO

As passagens bíblicas aqui analisadas de forma breve, mas suficiente, conquanto muito usadas para defender a doutrina da imortalidade da alma e do tormento eterno, podem e devem ser lidas com base em convicções tiradas da Palavra (exegese) e não impostas sobre ela (eisegese). Caso essa fosse a postura de todos os intérpretes não teríamos tantos erros grosseiros sendo disseminados como se fossem verdades bíblicas e, portanto, divinamente inspiradas.

V

TEXTO GREGO

O texto grego apresentado a seguir foi extraído da edição do Novo Testamento grego publicada pela Sociedade de Literatura Bíblica e editada por Michael W. Holmes (2010) e, depois, adaptado. A razão para tal escolha está relacionada à licença mais flexível dessa obra em comparação com outras publicações do Novo Testamento grego. A referida licença diz:

> O texto eletrônico do SBLGNT pode ser baixado gratuitamente em http://sblgnt.com. [...] Você poderá distribuir gratuitamente *The Greek New Testament: SBL Edition* (SBLGNT), mas não tem permissão para vendê-lo, seja em formato impresso ou eletrônico. [...] Se o SBLGNT constituir menos de 25% do conteúdo de uma obra impressa ou eletrônica maior, você poderá vendê-lo como parte dessa obra (HOLMES, 2010, p. iv).

Além disso, a fonte está disponível em formato *Unicode*, permitindo que seja facilmente utilizada em qualquer editor de texto eletrônico, sem que se precise pagar pela licença.

O texto grego que será apresentado a seguir foi construído com base nas mais conceituadas edições do Novo Testamento grego, tanto atuais como históricas, e produzidas nos últimos 160 anos. As edições atuais são a da So-

ciedade de Literatura Bíblica (2010), a quinta edição de *O Novo Testamento Grego* publicado pelas Sociedades Bíblicas Unidas (2014), que corresponde à 28ª edição de Nestle-Aland (2012), e a da Tyndale House, Cambridge (2017). As edições históricas são as de Samuel Tregelles (1857-1879), Constantin von Tischendorf (1869-1894), West e Hort (1881-1882), Bernhard Weiss (1902), José Bover (1968) e Augustinus Merk (1992), além da terceira (1975) e da quarta (1994) edição publicadas pelas Sociedades Bíblicas Unidas, que correspondem, respectivamente, à 26ª (1979) e 27ª (1993) edições de Nestle-Aland.

O grau de certeza em relação às variantes (diferentes leituras do mesmo texto) está presente nas edições de *O Novo Testamento Grego*, publicado pelas Sociedades Bíblicas Unidas, e é representado por um sistema de probabilidades identificados pelas primeiras quatro letras do alfabeto:

> A letra A indica que é certo que o texto [original] é esse mesmo.
>
> A letra B indica que é quase certo que esse é o texto [original].
>
> A letra C, no entanto, indica que foi difícil para a Comissão decidir que variante deveria aparecer no texto.

> A letra D, que raramente aparece, indica que foi muito difícil para a Comissão tomar uma decisão.
>
> Em lugares onde foi inserido um losango (◊) não aparece nenhuma dessas letras entre chaves, porque não se viu possibilidade de alcançar uma decisão textual definitiva. [...] [Esse símbolo] aparece depois de uma palavra ou passagem em que duas variantes diferentes têm chances iguais de seres escolhidas como o texto inicial a ser reconstruído. [...] Assim sendo, a presença desse losango indica o grau mais elevado de incerteza (ALAND et al., 2018b, p. xvii).

Esse mesmo padrão, academicamente reconhecido, foi mantido na presente obra.

É importante que o leitor interessado nas questões presentes nesta seção do livro esteja ciente de que os livros bíblicos, originalmente escritos pelos apóstolos e profetas, não estão mais disponíveis para nós. Restando-nos uma variada quantidade de cópias, e cópias das cópias, dos referidos manuscritos originais. No processo histórico de cópia e recópia, entretanto, há o rastro de elementos humanos de erros e divergências entre copistas, criando-se grupos e variantes textuais dos livros

bíblicos em geral, cujo esclarecimento é objeto do estudo da área chamada de crítica textual.

O texto grego de 2 Pedro é bem atestado e suas versões foram extensamente estudadas para preparar a presente seção. Foram levadas em conta as convicções acadêmicas mais abalizadas atualmente sobre a carta, com vistas ao estabelecimento do seu melhor e mais seguro texto, com alto grau de certeza em termos das escolhas textuais realizadas. As incertezas em termos de crítica textual, todavia, foram apontadas nas notas de rodapé a fim de oferecer ao estudante mais avançado material para pesquisas posteriores, caso deseje se aprofundar. Lembrando aos leitores que a maioria dos problemas textuais referem-se a minúcias que sequer fazem diferença na tradução do texto para a língua portuguesa.

No que tange às questões da tradução oferecida nesta obra, desejo destacar ao leitor que as melhores versões da Bíblia presentes no mercado brasileiro mantêm alto grau de concordância entre si, divergindo em aspectos debatíveis, mas de menores implicações teológicas. Uma comparação minuciosa da tradução proposta neste material revelará uma grande harmonia com o texto bíblico ao qual provavelmente o leitor já tenha acesso. Todavia, na tradução do texto, após estabelecido o melhor texto grego disponível, foi realizada uma

leitura de palavra por palavra e uma tradução completa diretamente do texto grego para o português, com base nas mais conceituadas versões em português, inglês e espanhol. A ideia foi manter a tradução mais fiel ao original possível, ainda que com a preocupação de que a leitura fosse agradável em língua portuguesa.

No recente artigo "A equivalência nas traduções da Bíblia para o português: em busca de uma tradução que contemple o leitor", Priscila Souza Mota e Ricardo Cesar Toniolo (2019, p. 86) assim resumem suas considerações sobre a tarefa da tradução bíblica:

> Conclui-se que o ideal seria que a tradução apresentasse um equilíbrio entre a equivalência formal e a dinâmica [ou funcional]. Deve-se considerar a possibilidade da publicação de uma tradução em equivalência formal que traga uma breve e simples nota de rodapé com o sentido da expressão da língua fonte, ou uma tradução de equivalência dinâmica que forneça notas com a tradução formal. Uma edição assim elaborada, [sic] evitaria tanto o prejuízo da paráfrase com uma interpretação tendenciosa que retira do leitor a possibilidade de análise, quanto a incompreensibilidade do leitor promovida pelo distanciamento cultu-

> ral. Um procedimento como este, ao menos com respeito às expressões idiomáticas, possibilitaria uma melhor compreensão da Escritura por um número maior de pessoas que não teriam condições de adquirir uma Bíblia de estudo.

Essas mesmas convicções moldaram também a metodologia que resultou na tradução oferecida na presente obra.

Que os leitores sejam abençoados em função de terem acesso aqui a uma versão acadêmica e acessível da Palavra de Deus em sua própria língua com vistas ao seu crescimento intelectual e, acima de tudo, à sua edificação espiritual.

ΕΠΙΣΤΟΛΗ ΠΕΤΡΟΥ ΔΕΥΤΕΡΑ

1:1 Συμεὼν Πέτρος δοῦλος καὶ ἀπόστολος Ἰησοῦ Χριστοῦ τοῖς ἰσότιμον ἡμῖν λαχοῦσιν πίστιν ἐν δικαιοσύνῃ τοῦ θεοῦ ἡμῶν καὶ σωτῆρος Ἰησοῦ Χριστοῦ· 2 χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη πληθυνθείη ἐν ἐπιγνώσει τοῦ θεοῦ καὶ Ἰησοῦ τοῦ κυρίου ἡμῶν.

3 Ὡς πάντα ἡμῖν τῆς θείας δυνάμεως αὐτοῦ τὰ πρὸς ζωὴν καὶ εὐσέβειαν δεδωρημένης διὰ τῆς ἐπιγνώσεως τοῦ καλέσαντος ἡμᾶς ἰδίᾳ δόξῃ καὶ ἀρετῇ, 4 δι’ ὧν τὰ τίμια καὶ μέγιστα ἡμῖν ἐπαγγέλματα[a] δεδώρηται, ἵνα διὰ τούτων γένησθε θείας κοινωνοὶ φύσεως, ἀποφυγόντες τῆς ἐν τῷ κόσμῳ[b] ἐν ἐπιθυμίᾳ φθορᾶς. 5 καὶ αὐτὸ τοῦτο δὲ[c] σπουδὴν πᾶσαν παρεισενέγκαντες ἐπιχορηγήσατε ἐν τῇ πίστει ὑμῶν τὴν ἀρετήν, ἐν δὲ τῇ ἀρετῇ τὴν γνῶσιν, 6 ἐν δὲ τῇ γνώσει τὴν ἐγκράτειαν, ἐν δὲ τῇ ἐγκρατείᾳ τὴν ὑπομονήν, ἐν δὲ τῇ ὑπομονῇ τὴν εὐσέβειαν, 7 ἐν δὲ

a 1:4 τίμια καὶ μέγιστα ἡμῖν ἐπαγγέλματα – Bover, GNT3, Merk, Nestle, NTG4, NTG5, SBLGNT, Weiss, Westcott-Hort. τίμια ἡμῖν καὶ μέγιστα ἐπαγγέλματα – NTG5 (variante de igual valor), THGNT, Tischendorf, Westcott-Hort (margem). μέγιστα καὶ τίμια ἡμῖν – Tregelles.
b **1:4** ἐν τῷ κόσμῳ – Bover, GNT3, Merk, Nestle, NTG4, NTG5, SBLGNT, THGNT, Tischendorf, Tregelles, Weiss, Westcott-Hort. ἐν κόσμῳ – NTG5 (variante de igual valor).
c **1:5** αὐτὸ τοῦτο δὲ – Bover, GNT3, Merk, Nestle, NTG4 (grau de certeza B), NTG5, SBLGNT, Tischendorf, Tregelles, THGNT, Weiss, Westcott-Hort. αὐτὸ δὲ τοῦτο – NTG5 (variante de igual valor).

τῇ εὐσεβείᾳ τὴν φιλαδελφίαν, ἐν δὲ τῇ φιλαδελφίᾳ τὴν ἀγάπην· 8 ταῦτα γὰρ ὑμῖν ὑπάρχοντα καὶ πλεονάζοντα οὐκ ἀργοὺς οὐδὲ ἀκάρπους καθίστησιν εἰς τὴν τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ ἐπίγνωσιν· 9 ᾧ γὰρ μὴ πάρεστιν ταῦτα, τυφλός ἐστιν μυωπάζων, λήθην λαβὼν τοῦ καθαρισμοῦ τῶν πάλαι αὐτοῦ ἁμαρτιῶν.[a] 10 διὸ μᾶλλον, ἀδελφοί, σπουδάσατε βεβαίαν ὑμῶν τὴν κλῆσιν καὶ ἐκλογὴν ποιεῖσθαι· ταῦτα γὰρ ποιοῦντες οὐ μὴ πταίσητέ ποτε· 11 οὕτως γὰρ πλουσίως ἐπιχορηγηθήσεται ὑμῖν ἡ εἴσοδος εἰς τὴν αἰώνιον βασιλείαν τοῦ κυρίου ἡμῶν καὶ σωτῆρος Ἰησοῦ Χριστοῦ.

12 Διὸ μελλήσω ἀεὶ ὑμᾶς ὑπομιμνῄσκειν περὶ τούτων, καίπερ εἰδότας καὶ ἐστηριγμένους ἐν τῇ παρούσῃ ἀληθείᾳ. 13 δίκαιον δὲ ἡγοῦμαι, ἐφ' ὅσον εἰμὶ ἐν τούτῳ τῷ σκηνώματι, διεγείρειν ὑμᾶς ἐν ὑπομνήσει, 14 εἰδὼς ὅτι ταχινή ἐστιν ἡ ἀπόθεσις τοῦ σκηνώματός μου, καθὼς καὶ ὁ κύριος ἡμῶν Ἰησοῦς Χριστὸς ἐδήλωσέν μοι· 15 σπουδάσω δὲ καὶ ἑκάστοτε ἔχειν ὑμᾶς μετὰ τὴν ἐμὴν ἔξοδον τὴν τούτων μνήμην ποιεῖσθαι.

16 Οὐ γὰρ σεσοφισμένοις μύθοις ἐξακολουθήσαντες ἐγνωρίσαμεν ὑμῖν τὴν τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ δύναμιν καὶ παρουσίαν, ἀλλ' ἐπόπται γενηθέντες τῆς

---

a **1:9** ἁμαρτιῶν – GNT3, Merk, Nestle, NTG4, NTG5, THGNT, Weiss, Westcott-Hort. ἁμαρτημάτων – Bover, NTG5 (variante de igual valor), SBLGNT, Tischendorf, Tregelles, Westcott-Hort (margem).

ἐκείνου μεγαλειότητος. 17 λαβὼν γὰρ παρὰ θεοῦ πατρὸς τιμὴν καὶ δόξαν φωνῆς ἐνεχθείσης αὐτῷ τοιᾶσδε ὑπὸ τῆς μεγαλοπρεποῦς δόξης· Ὁ υἱός μου ὁ ἀγαπητός μου οὗτός ἐστιν,[a] εἰς ὃν ἐγὼ εὐδόκησα – 18 καὶ ταύτην τὴν φωνὴν ἡμεῖς ἠκούσαμεν ἐξ οὐρανοῦ ἐνεχθεῖσαν σὺν αὐτῷ ὄντες ἐν τῷ ἁγίῳ ὄρει.[b] 19 καὶ ἔχομεν βεβαιότερον τὸν προφητικὸν λόγον, ᾧ καλῶς ποιεῖτε προσέχοντες ὡς λύχνῳ φαίνοντι ἐν αὐχμηρῷ τόπῳ, ἕως οὗ ἡμέρα διαυγάσῃ καὶ φωσφόρος ἀνατείλῃ ἐν ταῖς καρδίαις ὑμῶν· 20 τοῦτο πρῶτον γινώσκοντες ὅτι πᾶσα προφητεία γραφῆς ἰδίας ἐπιλύσεως οὐ γίνεται, 21 οὐ γὰρ θελήματι ἀνθρώπου ἠνέχθη προφητεία ποτέ,[c] ἀλλὰ ὑπὸ πνεύματος ἁγίου φερόμενοι ἐλάλησαν ἀπὸ θεοῦ ἄνθρωποι.

2:1 Ἐγένοντο δὲ καὶ ψευδοπροφῆται ἐν τῷ λαῷ, ὡς καὶ ἐν ὑμῖν ἔσονται ψευδοδιδάσκαλοι, οἵτινες παρεισάξουσιν αἱρέσεις ἀπωλείας, καὶ τὸν ἀγοράσαντα αὐτοὺς δεσπότην ἀρνούμενοι, ἐπάγοντες ἑαυτοῖς ταχινὴν ἀπώλειαν· 2 καὶ πολλοὶ ἐξακολουθήσουσιν αὐτῶν ταῖς ἀσελγείαις, δι’ οὓς

---

a **1:17** Ὁ υἱός μου ὁ ἀγαπητός μου οὗτός ἐστιν – GNT3 (grau de certeza C), Nestle, NTG4 (grau de certeza B), NTG5 (grau de certeza B), SBLGNT, Weiss, Westcott-Hort. οὗτός ἐστιν ὁ υἱός μου ὁ ἀγαπητός – Bover, Merk, THGNT, Tischendorf, Tregelles.
b **1:18** τῷ ἁγίῳ ὄρει – Bover, GNT3, Nestle, NTG4, NTG5, SBLGNT, Tregelles, Weiss, Westcott-Hort. ὄρει τῷ ἁγίῳ – Merk, THGNT, Tischendorf.
c **1:21** προφητεία ποτέ – Bover, GNT3, Merk, Nestle, NTG4, NTG5, SBLGNT, THGNT, Tregelles, Weiss, Westcott-Hort. ποτέ προφητεία – NTG5 (variante de igual valor), Tischendorf.

ἡ ὁδὸς τῆς ἀληθείας βλασφημηθήσεται· 3 καὶ ἐν πλεονεξίᾳ πλαστοῖς λόγοις ὑμᾶς ἐμπορεύσονται· οἷς τὸ κρίμα ἔκπαλαι οὐκ ἀργεῖ, καὶ ἡ ἀπώλεια αὐτῶν οὐ νυστάζει.[a]

4 Εἰ γὰρ ὁ θεὸς ἀγγέλων ἁμαρτησάντων οὐκ ἐφείσατο, ἀλλὰ σειραῖς[b] ζόφου ταρταρώσας παρέδωκεν εἰς κρίσιν τηρουμένους, 5 καὶ ἀρχαίου κόσμου οὐκ ἐφείσατο, ἀλλὰ ὄγδοον Νῶε δικαιοσύνης κήρυκα ἐφύλαξεν, κατακλυσμὸν κόσμῳ ἀσεβῶν ἐπάξας, 6 καὶ πόλεις Σοδόμων καὶ Γομόρρας τεφρώσας καταστροφῇ[c] κατέκρινεν, ὑπόδειγμα μελλόντων ἀσεβέσιν[d] τεθεικώς, 7 καὶ δίκαιον Λὼτ καταπονούμενον ὑπὸ τῆς τῶν ἀθέσμων ἐν ἀσελγείᾳ ἀναστροφῆς ἐρρύσατο – 8 βλέμματι γὰρ καὶ ἀκοῇ ὁ δίκαιος ἐγκατοικῶν ἐν αὐτοῖς ἡμέραν ἐξ ἡμέρας ψυχὴν δικαίαν ἀνόμοις ἔργοις ἐβασάνιζεν – 9 οἶδεν κύριος εὐσεβεῖς ἐκ πειρασμοῦ ῥύεσθαι, ἀδίκους δὲ εἰς ἡμέραν κρίσεως κολαζομένους τηρεῖν, 10 μάλιστα δὲ

a **2:3** νυστάζει – Bover, GNT3, Merk, Nestle, NTG4, NTG5, SBLGNT, THGNT, Tischendorf, Tregelles, Weiss, Westcott-Hort. νυστάξει – NTG5 (variante de igual valor).
b **2:4** σειραῖς – GNT3 (grau de certeza D), NTG4 (grau de certeza C), NTG5 (grau de certeza C), SBLGNT. σιροις – Bover, Merk, Nestle, THGNT, Tischendorf, Tregelles, Weiss, Westcott-Hort.
c **2:6** καταστροφῇ – Bover, GNT3 (grau de certeza D, entre colchetes), Merk, Nestle, NTG4 (grau de certeza C, entre colchetes), NTG5 (grau de certeza C), SBLGNT, THGNT, Tischendorf, Tregelles, Weiss. Omitir καταστροφῇ – Westcott-Hort.
d **2:6** ἀσεβέσιν – GNT3 (grau de certeza C, σ entre colchetes), NTG4 (grau de certeza C, σ entre colchetes), SBLGNT, Westcott-Hort. ἀσεβεῖν – Bover, Merk, Nestle, NTG5 (grau de certeza C), THGNT, Tischendorf, Tregelles, Weiss.

τοὺς ὀπίσω σαρκὸς ἐν ἐπιθυμίᾳ μιασμοῦ πορευομένους καὶ κυριότητος καταφρονοῦντας.

Τολμηταὶ, αὐθάδεις, δόξας οὐ τρέμουσιν, βλασφημοῦντες, 11 ὅπου ἄγγελοι ἰσχύϊ καὶ δυνάμει μείζονες ὄντες οὐ φέρουσιν κατʼ αὐτῶν παρὰ κυρίῳ[a] βλάσφημον κρίσιν. 12 οὗτοι δέ, ὡς ἄλογα ζῷα γεγεννημένα φυσικὰ εἰς ἅλωσιν καὶ φθοράν, ἐν οἷς ἀγνοοῦσιν βλασφημοῦντες, ἐν τῇ φθορᾷ αὐτῶν καὶ φθαρήσονται, 13 ἀδικούμενοι[b] μισθὸν ἀδικίας· ἡδονὴν ἡγούμενοι τὴν ἐν ἡμέρᾳ τρυφήν, σπίλοι καὶ μῶμοι ἐντρυφῶντες ἐν ταῖς ἀπάταις αὐτῶν συνευωχούμενοι ὑμῖν, 14 ὀφθαλμοὺς ἔχοντες μεστοὺς μοιχαλίδος καὶ ἀκαταπαύστους ἁμαρτίας, δελεάζοντες ψυχὰς ἀστηρίκτους, καρδίαν γεγυμνασμένην πλεονεξίας ἔχοντες, κατάρας τέκνα, 15 καταλιπόντες εὐθεῖαν ὁδὸν ἐπλανήθησαν, ἐξακολουθήσαντες τῇ ὁδῷ τοῦ Βαλαὰμ τοῦ Βοσὸρ ὃς μισθὸν ἀδικίας ἠγάπησεν 16 ἔλεγξιν δὲ ἔσχεν ἰδίας παρανομίας· ὑποζύγιον ἄφωνον

---

a **2:11** *κατʼ αὐτῶν παρὰ κυρίῳ* – Bover, Merk, Nestle, NTG5, THGNT, Tischendorf, Tregelles, Weiss, Westcott-Hort. Omitir *παρὰ κυρίῳ* – NTG5 (variante de igual valor), SBLGNT, Westcott-Hort (margem). *παρὰ κυρίου* – GNT3 (grau de certeza D), NTG4 (grau de certeza C).
b **2:13** *ἀδικούμενοι* – Bover, GNT3 (grau de certeza C), Merk, Nestle, NTG4 (grau de certeza B), NTG5 (grau de certeza B), SBLGNT, Weiss, Westcott-Hort. *κομιούμενοι* – THGNT, Tischendorf, Tregelles.

ἐν ἀνθρώπου φωνῇ φθεγξάμενον ἐκώλυσεν τὴν τοῦ προφήτου παραφρονίαν.

17 Οὗτοί εἰσιν πηγαὶ ἄνυδροι καὶ ὁμίχλαι ὑπὸ λαίλαπος ἐλαυνόμεναι, οἷς ὁ ζόφος τοῦ σκότους τετήρηται. 18 ὑπέρογκα γὰρ ματαιότητος φθεγγόμενοι δελεάζουσιν ἐν ἐπιθυμίαις σαρκὸς ἀσελγείαις τοὺς ὀλίγως[a] ἀποφεύγοντας τοὺς ἐν πλάνῃ ἀναστρεφομένους, 19 ἐλευθερίαν αὐτοῖς ἐπαγγελλόμενοι, αὐτοὶ δοῦλοι ὑπάρχοντες τῆς φθορᾶς· ᾧ γάρ τις ἥττηται, τούτῳ[b] δεδούλωται. 20 εἰ γὰρ ἀποφυγόντες τὰ μιάσματα τοῦ κόσμου ἐν ἐπιγνώσει τοῦ κυρίου[c] καὶ σωτῆρος Ἰησοῦ Χριστοῦ τούτοις δὲ πάλιν ἐμπλακέντες ἡττῶνται, γέγονεν αὐτοῖς τὰ ἔσχατα χείρονα τῶν πρώτων. 21 κρεῖττον γὰρ ἦν αὐτοῖς μὴ ἐπεγνωκέναι τὴν ὁδὸν τῆς δικαιοσύνης ἢ ἐπιγνοῦσιν ὑποστρέψαι ἐκ τῆς παραδοθείσης αὐτοῖς ἁγίας ἐντολῆς· 22 συμβέβηκεν αὐτοῖς τὸ τῆς ἀληθοῦς

---

a **2:18** ὀλίγως – Bover, GNT3 (grau de certeza C), Merk, Nestle, NTG4 (grau de certeza A), SBLGNT, Tischendorf, Tregelles, Weiss, Westcott-Hort. ὄντως – NTG5 (grau de certeza C), THGNT.

b **2:19** τούτῳ – GNT3, Nestle, NTG4, NTG5, THGNT, Tischendorf, Weiss, Westcott-Hort. τούτῳ καὶ – Bover, Merk, SBLGNT, Tregelles.

c **2:20** κυρίου – Merk, Nestle, NTG5 (grau de certeza C), SBLGNT, THGNT, Tregelles, Weiss, Westcott-Hort. κυρίου ἡμῶν – Bover, GNT3 (grau de certeza C, ἡμῶν entre colchetes), NTG4 (grau de certeza C, ἡμῶν entre colchetes), Tischendorf, Westcott-Hort (margem).

παροιμίας· Κύων ἐπιστρέψας ἐπὶ τὸ ἴδιον ἐξέραμα, καί· Ὗς λουσαμένη εἰς κυλισμὸν[a] βορβόρου.

3:1 Ταύτην ἤδη, ἀγαπητοί, δευτέραν ὑμῖν γράφω ἐπιστολήν, ἐν αἷς διεγείρω ὑμῶν ἐν ὑπομνήσει τὴν εἰλικρινῆ διάνοιαν, 2 μνησθῆναι τῶν προειρημένων ῥημάτων ὑπὸ τῶν ἁγίων προφητῶν καὶ τῆς τῶν ἀποστόλων ὑμῶν ἐντολῆς τοῦ κυρίου καὶ σωτῆρος, 3 τοῦτο πρῶτον γινώσκοντες ὅτι ἐλεύσονται ἐπ᾽ ἐσχάτων[b] τῶν ἡμερῶν ἐν ἐμπαιγμονῇ ἐμπαῖκται κατὰ τὰς ἰδίας ἐπιθυμίας αὐτῶν πορευόμενοι 4 καὶ λέγοντες· Ποῦ ἐστιν ἡ ἐπαγγελία τῆς παρουσίας αὐτοῦ; ἀφ᾽ ἧς γὰρ οἱ πατέρες ἐκοιμήθησαν, πάντα οὕτως διαμένει ἀπ᾽ ἀρχῆς κτίσεως. 5 λανθάνει γὰρ αὐτοὺς τοῦτο θέλοντας ὅτι οὐρανοὶ ἦσαν ἔκπαλαι καὶ γῆ ἐξ ὕδατος καὶ δι᾽ ὕδατος συνεστῶσα τῷ τοῦ θεοῦ λόγῳ, 6 δι᾽ ὧν[c] ὁ τότε κόσμος ὕδατι κατακλυσθεὶς ἀπώλετο· 7 οἱ δὲ νῦν οὐρανοὶ καὶ ἡ γῆ τῷ αὐτῷ λόγῳ τεθησαυρισμένοι εἰσὶν πυρὶ τηρούμενοι εἰς ἡμέραν κρίσεως καὶ ἀπωλείας τῶν ἀσεβῶν ἀνθρώπων.

---

a **2:22** κυλισμὸν – Bover, GNT3, Merk, Nestle, NTG4, NTG5, SBLGNT, THGNT, Tischendorf, Tregelles, Weiss, Westcott-Hort. κύλισμα – NTG5 (variante de igual valor).
b **3:3** ἐσχάτων – Bover, GNT3, Merk, Nestle, NTG4, NTG5, SBLGNT, THGNT, Tischendorf, Tregelles, Weiss, Westcott-Hort. ἐσχάτου – NTG5 (variante de igual valor).
c **3:6** δι᾽ ὧν – Bover, GNT3, Merk, Nestle, NTG4, SBLGNT, THGNT, Tischendorf, Tregelles, Weiss, Westcott-Hort. δι᾽ ὃν – NTG5 (grau de certeza C).

8 Ἓν δὲ τοῦτο μὴ λανθανέτω ὑμᾶς, ἀγαπητοί, ὅτι μία ἡμέρα παρὰ κυρίῳ ὡς χίλια ἔτη καὶ χίλια ἔτη ὡς ἡμέρα μία. 9 οὐ βραδύνει κύριος τῆς ἐπαγγελίας, ὥς τινες βραδύτητα ἡγοῦνται, ἀλλὰ μακροθυμεῖ εἰς ὑμᾶς, μὴ βουλόμενός τινας ἀπολέσθαι ἀλλὰ πάντας εἰς μετάνοιαν χωρῆσαι. 10 ἥξει δὲ ἡμέρα[a] κυρίου ὡς κλέπτης, ἐν ᾗ οἱ οὐρανοὶ ῥοιζηδὸν παρελεύσονται, στοιχεῖα δὲ καυσούμενα λυθήσεται, καὶ γῆ καὶ τὰ ἐν αὐτῇ ἔργα εὑρεθήσεται.[b] 11 Τούτων οὕτως[c] πάντων λυομένων ποταποὺς δεῖ ὑπάρχειν ὑμᾶς[d] ἐν ἁγίαις ἀναστροφαῖς καὶ εὐσεβείαις, 12 προσδοκῶντας καὶ σπεύδοντας τὴν παρουσίαν τῆς τοῦ θεοῦ ἡμέρας, δι᾽ ἣν οὐρανοὶ πυρούμενοι λυθήσονται καὶ στοιχεῖα καυσούμενα τήκεται· 13 καινοὺς δὲ οὐρανοὺς καὶ γῆν καινὴν κατὰ τὸ ἐπάγγελμα αὐτοῦ προσδοκῶμεν, ἐν οἷς δικαιοσύνη κατοικεῖ.

---

a **3:10** ἡμέρα – Bover, GNT3, Nestle, NTG4, NTG5, SBLGNT, THGNT, Tischendorf, Tregelles, Westcott-Hort. ἡ ἡμέρα – Merk (ἡ entre colchetes), NTG5 (variante de igual valor), Weiss.
b **3:10** εὑρεθήσεται – Bover, GNT3 (grau de certeza D), Merk, Nestle, NTG4 (grau de certeza D), SBLGNT, THGNT, Tregelles, Weiss, Westcott-Hort. οὐχ εὑρεθήσεται – NTG5 (grau de certeza C). κατακαήσεται – Tischendorf.
c **3:11** Τούτων οὕτως – Bover, GNT3 (grau de certeza C), Merk, Nestle, NTG4 (grau de certeza C), NTG5 (grau de certeza C), SBLGNT, Weiss, Westcott-Hort. Τούτων οὖν – THGNT, Tischendorf, Tregelles.
d **3:11** ὑπάρχειν ὑμᾶς – Bover, GNT3 (grau de certeza C, ὑμᾶς entre colchetes), Merk, Nestle, NTG4 (grau de certeza C, ὑμᾶς entre colchetes), NTG5 (grau de certeza C), SBLGNT, THGNT, Tischendorf, Tregelles, Weiss, Westcott-Hort (ὑμᾶς entre colchetes).

14 Διό, ἀγαπητοί, ταῦτα προσδοκῶντες σπουδάσατε ἄσπιλοι καὶ ἀμώμητοι αὐτῷ εὑρεθῆναι ἐν εἰρήνῃ, 15 καὶ τὴν τοῦ κυρίου ἡμῶν μακροθυμίαν σωτηρίαν ἡγεῖσθε, καθὼς καὶ ὁ ἀγαπητὸς ἡμῶν ἀδελφὸς Παῦλος κατὰ τὴν δοθεῖσαν αὐτῷ σοφίαν ἔγραψεν ὑμῖν, 16 ὡς καὶ ἐν πάσαις ταῖς[a] ἐπιστολαῖς λαλῶν ἐν αὐταῖς περὶ τούτων, ἐν αἷς ἐστιν δυσνόητά τινα, ἃ οἱ ἀμαθεῖς καὶ ἀστήρικτοι στρεβλοῦσιν ὡς καὶ τὰς λοιπὰς γραφὰς πρὸς τὴν ἰδίαν αὐτῶν ἀπώλειαν. 17 ὑμεῖς οὖν, ἀγαπητοί, προγινώσκοντες φυλάσσεσθε ἵνα μὴ τῇ τῶν ἀθέσμων πλάνῃ συναπαχθέντες ἐκπέσητε τοῦ ἰδίου στηριγμοῦ, 18 αὐξάνετε δὲ ἐν χάριτι καὶ γνώσει τοῦ κυρίου ἡμῶν καὶ σωτῆρος Ἰησοῦ Χριστοῦ. αὐτῷ ἡ δόξα καὶ νῦν καὶ εἰς ἡμέραν αἰῶνος.[b]

a **3:16** ταῖς – Bover, NTG5, SBLGNT, Tischendorf. Omitir ταῖς – GNT3, Merk, Nestle, NTG4, THGNT, Tregelles, Weiss, Westcott-Hort.
b **3:18** αἰῶνος – Nestle, NTG5 (grau de certeza C), Tischendorf, Weiss, Westcott-Hort. αἰῶνος. ἀμήν – Bover, GNT3 (grau de certeza D, ἀμήν entre colchetes), Merk, NTG4 (grau de certeza C, ἀμήν entre colchetes), SBLGNT, THGNT, Tregelles.

ANÁLISE LÉXICO-SINTÁTICA DE VERSÍCULOS SELECIONADOS

Nesta seção faremos uma análise léxico-sintática dos dois versos mais importantes para a argumentação central desse tipo. Aquelas mais usadas erroneamente para pregar as noções de castigo eterno e de imortalidade da alma. O objetivo é que o estudo esclareça os estudantes mais avançados das Escrituras e que anime os demais a estudar mais as riquezas da Palavra de Deus.

2 PEDRO 2:4

1. εἰ – conjunção adverbial condicional.

Contida em: *cláusula subordinada*.

Lukaszewski (2007): uma *cláusula subordinada* é aquela que oferece nuança à cláusula principal. Não contém uma afirmação completa e, portanto, deve sempre estar em relação a uma cláusula independente.

Força sintática: *cláusula condicional subordinada*.

Lukaszewski (2007): uma *cláusula condicional subordinada* é uma cláusula usada para expressar uma condição sobre a qual o verbo principal ocorre.

Palavras modificadas por εἰ: a palavra εἰ modifica o verbo οἶδεν em 2:9 numa relação subordinativa-conjun-

tiva. A palavra εἰ modifica a conjunção καὶ em 2:5, 6 e 7, em uma relação conjuntiva.

Léxico – Louw e Nilda (1996): Um marcador de condicionalidade, real ou hipotética, de fato ou não.

Tradução: “se”.

A cláusula condicional se conecta a várias frases no contexto, criando a base para a conclusão em 2:9. Ou seja, se (εἰ) Deus não poupou os anjos, e (καὶ) nem o mundo antigo, e (καὶ) nem Sodoma e Gomorra é porque Ele sabe (οἶδεν) livrar os justos e punir os ímpios.

2. *γὰρ* – conjunção adverbial condicional.

Contida em: *cláusula subordinada*.

Força sintática: *conjunção explanatória*.

Lukaszewski (2007): uma *conjunção explanatória* é uma conjunção usada para introduzir uma explicação do elemento sentenciar mencionado previamente.

Léxico – Louw e Nilda (1996): Um marcador de causa ou relação entre eventos, ainda que em alguns contextos a relação seja frequentemente remota ou tênue.

Tradução: “pois”.

A conjunção adverbial condicional explica o termo anterior Eἰ e age junto com ele. Se, pois (γὰϱ), Deus não poupou os anjos.

3. ό – artigo, nominativo, singular, masculino

Contido em: *cláusula de segmento*.

Lukaszewski (2007): uma *cláusula de segmento* ocorre quando duas cláusulas do mesmo tipo são justapostas por uma conjunção ou em uma relação assindética.

Força sintática: *artigo atributivo*.

Lukaszewski (2007): um *artigo atributivo* é um artigo que se relaciona a um substantivo relevante no sentido de atribuir precisão a seu significado. Em certos casos, o aspecto definido está ausente e o substantivo em questão adquire força de categoria generalizada.

Palavras modificadas por ό: a palavra ό modifica θεὸς numa relação articular.

Léxico – Louw e Nilda (1996): artigo que faz referência a uma entidade, evento ou estado, claramente identificado pelo contexto linguístico ou não linguístico do enunciado.

Omitido na tradução.

4. θεὸς – substantivo, nominativo, singular, masculino

Contido em: *cláusula de segmento*.

Força sintática: *sujeito*.

Palavras modificadas por θεὸς: a palavra θεὸς é modificada pelo artigo ό numa relação articular.

Léxico – Louw e Nilda (1996): o único Ser supremo e sobrenatural, que criou o sustenta o universo.

Tradução: “Deus”.

Deus (θεὸς) é o sujeito da ação de não poupar os anjos que pecaram.

5. ἀγγέλων – substantivo, genitivo, plural, masculino.

Contido em: *cláusula participativa*.

Lukaszewski (2007): uma *cláusula participativa* é uma cláusula dependente, geralmente mas não sempre com força relativa, na qual o principal verbo participante é um particípio e o objeto é omitido.

Força sintática: *objeto genitivo*.

Lukaszewski (2007): um *objeto genitivo* é o uso de um genitivo para expressas o objeto, ou complemento, de um verbo.

Léxico – Louw e Nilda (1996): mensageiro, pessoa que faz um anúncio.

Tradução: “anjos”.

Os anjos (ἀγγέλων) são o objeto da ação divina, aqueles a quem Deus não poupou.

6. ἁμαρτησάντων – verbo, aoristo, ativo, particípio, plural, genitivo, masculino.

Contido em: *cláusula participativa*.

Força sintática: *particípio atributivo*.

Lukaszewski (2007): um *particípio atributivo* é o uso de um particípio para atribuir uma característica ou uma ação a outro elemento sentencial, geralmente um substantivo.

Léxico – Louw e Nilda (1996): ato contrário à vontade e à lei de Deus. Pecar, fazer o mal.

Tradução: “que pecaram”.

O mal feito é atribuído aos anjos. Dessa forma, eles são caracterizados como os anjos *que pecaram* (ἁμαρτησάντων).

7. οὐκ – conjunção lógica correlativa.

Contida em: *predicado*.

Força sintática: *negação*.

Lukaszewski (2007): uma *negação* é o uso de um particípio para significar que o elemento sentenciar sendo modificado por ele deve ser entendido no sentido oposto do que significaria de outra forma.

Palavras modificadas por οὐκ: o termo οὐκ modifica o verbo ἐφείσατο em 2:4.

Léxico – Louw e Nilda (1996): um marcador de proposições negativas.

Tradução: ”não”.

Declara-se que Deus não (οὐκ) poupou os anjos.

8. ἐφείσατο – verbo, aoristo, médio, indicativo, terceira pessoa, singular.

Contido em: *predicado verbal*.

Força sintática: *verbo finito*.

Lukaszewski (2007): um *verbo finito* é um verbo cuja forma se modifica para manter consonância com seu objeto.

Palavras que modificam ἐφείσατο: a palavra ἐφείσατο é modificada por οὐκ. A palavra ἐφείσατο é modificada pela conjunção ἀλλὰ em 2:4, em uma relação conjuntiva.

Léxico – Louw e Nilda (1996): um marcador de condicionalidade, real ou hipotética, de fato ou não.

Tradução: "poupar".

Deus *não* (οὐκ) *poupou* (ἐφείσατο) os anjos que pecaram.

9. ἀλλὰ – conjunção lógica correlativa.

Contida em: *cláusula subordinada*.

Força sintática: *conjunção adversativa*.

Lukaszewski (2007): uma *conjunção adversativa* é uma conjunção usada para expressas o contraste entre a cláusula imediata e a precedente.

Palavras modificadas por ἀλλὰ: a palavra ἀλλὰ modifica o verbo ἐφείσατο em 2:4 numa relação conjuntiva. A palavra ἀλλὰ modifica o verbo παρέδωκεν em 2:4 numa relação conjuntiva.

Léxico – Louw e Nilda (1996): um marcador de um contraste mais acentuado

Tradução: “mas”.

Deus não poupou os anjos que pecaram, *mas* (ἀλλὰ) lançou-os no Tártaro.

10. σειραῖς – substantivo, dativo, plural, feminino.

Contido em: *cláusula participativa*.

Força sintática: *dativo de locativo*.

Lukaszewski (2007): um *dativo de locativo* é o uso de um dativo para expressar lugar, tanto em termos estritamente geográficos, como em relação a outro elemento sentencial.

Palavras que modificam σειϱαῖς: a palavra σειϱαῖς é modificada pelo substantivo ζόφου em 2:4, em uma relação semelhante à adjetiva.

Léxico – Louw e Nilda (1996): corrente usada para amarrar.

Tradução: “correntes”.

Os anjos que não foram poupados por Deus, estão em *correntes* (σειϱαῖς) *de trevas* (ζόφου).

11. ζόφου – substantivo, genitivo, singular, masculino.

Contido em: *cláusula participativa*.

Força sintática: *genitivo descritivo*.

Lukaszewski (2007): um *genitivo descritivo* é parte de uma super categoria de vários usos do genitivo. Quando um genitivo não se enquadra em uma das subcategorias, a super categoria é usada como padrão.

Palavras modificadas por ζόφου: a palavra ζόφου modifica o substantivo σειραῖς em 2:4, em uma relação semelhante à adjetiva.

Léxico – Louw e Nilda (1996): uma condição de trevas associada a sentimentos de desespero e pressentimentos negativos.

Tradução: "de trevas".

Os anjos foram aprisionados em *correntes* (σειραῖς) *de trevas* (ζόφου).

12. ταρταρώσας – verbo, aoristo, ativo, particípio, plural, nominativo, masculino.

Contido em: *cláusula participativa*.

Força sintática: *particípio simultâneo* funcionando como *particípio antecedente*.

Lukaszewski (2007): um *particípio simultâneo* retrata a ação como ocorrendo no mesmo momento do verbo principal da cláusula que está sendo substituída. Um *particípio antecedente* retrata a ação como ocorrendo antes do verbo principal da cláusula imediata.

Palavras que modificam ταρταρώσας: o verbo ταρταρώσας é modificado pelo verbo τηρουμένους em 2:4, numa relação de particípio.

Léxico – Louw e Nilda (1996): lançar, ou fazer permanecer, no Tártaro.

Tradução: "lançar ao Tártaro".

Os anjos que pecaram foram *lançados ao Tártaro* (ταρταρώσας).

13. παρέδωκεν – verbo, aoristo, ativo, indicativo, terceira pessoa, singular.

Contido em: *predicado*.

Força sintática: *verbo finito*.

Palavras que modificam παρέδωκεν: o verbo παρέδωκεν é modificado pela conjunção ἀλλὰ em 2:4, numa relação conjuntiva.

Léxico – Louw e Nilda (1996): entregar à autoridade.

Tradução: "prendeu".

Mas (ἀλλὰ) Deus *prendeu* (παρέδωκεν) os anjos com correntes de escuridão.

14. εἰς – preposição.

Contida em: *frase preposicional*.

Lukaszewski (2007): uma *frase preposicional* é aquela iniciada por uma preposição e que, assim, é governada pela mesma em sua função e força.

Força sintática: *preposição temporal*.

Lukaszewski (2007): uma *preposição temporal* é usada para expressar um aspecto do tempo ou da contagem do tempo.

Palavras modificadas por εἰς: a palavra εἰς modifica o verbo παρέδωκεν em 2:4, em uma relação preposicional.

Léxico – Louw e Nilda (1996): a extensão contínua do tempo até determinado ponto.

Tradução: “para”.

Os anjos estão reservados *para* (εἰς) o juízo.

15. κρίσιν – substantivo, acusativo, singular, feminino.

Contido em: *frase preposicional*.

Força sintática: *objeto preposicional*.

Lukaszewski (2007): um *objeto preposicional* é o substantivo que está relacionado ao principal sentido da sentença por meio da preposição.

Tradução: “juízo”.

Léxico – Louw e Nilda (1996): o conteúdo do processo de julgamento; juízo.

O objeto marca o foco da preposição. Os anjos estão reservados *para* (εἰς) o *juízo* (κρίσιν).

16. τηρουμένους – verbo, presente, passivo, particípio, plural, acusativo, masculino.

Contido em: *frase preposicional*.

Força sintática: *particípio circunstancial*.

Lukaszewski (2007): um *particípio circunstancial* é o uso do particípio para expressar as condições, ou circunstâncias, sob as quais a ação ocorre ou o substantivo existe na cláusula relevante.

Palavras modificadas por τηρουμένους: o verbo τηρουμένους modifica o verbo ταρταρώσας em 2:4, numa relação de particípio.

O verbo ταρταρώσας é modificado pela preposição εἰς em 2:4, em uma relação preposicional.

Léxico – Louw e Nilda (1996): mantido em custódia; reservado.

Tradução: "reservados".

2 PEDRO 2:9

1. οἶδεν – verbo, perfeito, ativo, indicativo, terceira pessoa, singular.

Contido em: *cláusula de aposição*.

Lukaszewski (2007): uma *cláusula de aposição* é geralmente relativa, mas também pode ser subordinada ou infinitiva, que é vista como funcionando epixegeticamente

ou, em outros casos, em alguma outra nuança em relação a outro componente da mesma sentença.

Força sintática: *verbo finito*.

Palavras que modificam οἶδεν: o verbo οἶδεν é modificado pela conjunção *eì* em 2:4, numa relação subordinativa-conjuntiva.

Léxico – Louw e Nilda (1996): ter conhecimento; saber realizar uma atividade particular e atingir determinado objetivo.

Tradução: "sabe".

Se Deus não poupou os anjos que pecaram (2:4) é porque o Senhor *sabe* (οἶδεν) livrar os justos e reservar os ímpios, sob punição, para o dia do juízo.

2. κύριος – substantivo, nominativo, singular, masculino.

Contida em: *cláusula de aposição*.

Força sintática: *sujeito*.

Palavras modificadas por κύριος:

Léxico – Louw e Nilda (1996): título para Deus ou Cristo. Aquele que exerce autoridade sobrenatural sobre a humanidade.

Tradução: "Senhor".

3. εὐσεβεῖς – adjetivo, acusativo, plural, masculino.

Contida em: *cláusula de aposição*.

Força sintática: *adjetivo substantivado* funcionando como *objeto direto*.

Lukaszewski (2007): um *adjetivo substantivado* é um adjetivo cumprindo função de adjetivo.

Léxico – Louw e Nilda (1996): o devoto com uma expressão correta de crenças religiosas.

Tradução: “justo”.

4. ἐκ – preposição.

Contida em: *frase preposicional*.

Força sintática: *objeto preposicional*.

Palavras modificadas por ἐκ: a preposição ἐκ modifica o verbo ῥύεσθαι em 2:9 numa relação preposicional.

Léxico – Louw e Nilda (1996): um marcador de dissociação, no sentido de independência de.

Tradução: “da”.

O Senhor sabe livrar *da* (ἐκ) *provação* (πειρασμοῦ).

5. πειρασμοῦ – substantivo, genitivo, singular, masculino.

Contida em: *frase preposicional*.

Força sintática: *objeto preposicional*.

Léxico – Louw e Nilda (1996): tentativa de fazer alguém pecar; tentação.

Tradução: “provação”.

6. ῥύεσθαι – verbo, presente, médio ou passivo, infinitivo.

Contida em: *cláusula infinitiva*.

Lukaszewski (2007): uma *cláusula infinitiva* é uma cláusula dependente, na qual um infinitivo é o verbo principal.

Força sintática: *objeto direto*, ou *infinitivo complementar*.

Lukaszewski (2007): um *infinitivo complementar* refere-se ao uso do infinitivo para completar o significado ou a força do verbo ao qual é conectado.

Palavras que modificam ῥύεσθαι: o verbo ῥύεσθαι é modificado pela preposição ἐκ em 2:9, numa relação preposicional. O verbo ῥύεσθαι é modificado pela conjunção δὲ em 2:9, em uma relação conjuntiva.

Léxico – Louw e Nilda (1996): resgatar do perigo; livrar.

Tradução: "livrar".

7. ἀδίκους – adjetivo, acusativo, plural, masculino.

Contido em: *cláusula infinitiva*.

Força sintática: *objeto direto*.

Palavras que modificam ἀδίκους: o adjetivo ἀδίκους é modificado pelo verbo κολαζομένους em 2:9, numa relação verbo-adjetivo. O adjetivo ἀδίκους é modificado pelo artigo τοὺς em 2:10, em uma relação articular.

Léxico – Louw e Nilda (1996): injustos.

Tradução: "injustos".

Os injustos (ἀδίκους) estão sob castigo (κολαζομένους), especialmente aqueles (τοὺς) que andam após a carne.

8. δὲ – conjunção lógica contrastiva.

Contida em: *cláusula infinitiva*.

Força sintática: *conjunção adversativa* ou *conjunção continuativa*.

Lukaszewski (2007): uma *cláusula condicional subordinada* é uma cláusula usada para expressar uma condição sobre a qual o verbo principal ocorre.

Palavras modificadas por δὲ: a conjunção δὲ modifica o verbo ῥύεσθαι em 2:9, numa relação conjuntiva. A conjunção δὲ modifica o verbo τηρεῖν em 2:9, em uma relação conjuntiva.

Léxico – Louw e Nilda (1996): um marcador de relação aditiva, mas com a possibilidade de algum contraste.

Tradução: "e".

9. εἰς – preposição.

Contida em: *frase preposicional*.

Força sintática: *preposição temporal*.

Palavras modificadas por εἰς: a palavra εἰς modifica o verbo τηρεῖν em 2:9, em uma relação preposicional.

Léxico – Louw e Nilda (1996): a extensão contínua do tempo até determinado ponto.

Tradução: "para".

Os injustos estão mantidos, sob castigo, *para* (εἰς) o Dia do juízo.

10. ἡμέραν – substantivo, acusativo, singular, feminino.

Contido em: *frase preposicional*.

Força sintática: *objeto preposicional*.

Palavras que modificam ἡμέραν: o substantivo ἡμέραν é modificado pelo substantivo κρίσεως em 2:9, numa relação semelhante a um adjetivo.

Léxico – Louw e Nilda (1996): uma unidade de tempo indefinida, mas não particularmente longa; dia.

Tradução: "dia".

11. κρίσεως – substantivo, genitivo, singular, feminino.

Contido em: *frase preposicional*.

Força sintática: *genitivo descritivo* ou *objeto*.

Palavras modificadas por κρίσεως: o substantivo κρίσεως modifica o substantivo verbo ἡμέραν em 2:9, numa relação semelhante a um adjetivo.

Léxico – Louw e Nilda (1996): punição, com a implicação de ter sido achado culpado em julgamento; juízo.

Tradução: "juízo".

12. κολαζομένους – verbo, presente, passivo, particípio, plural, acusativo, masculino.

Contido em: *cláusula participativa*.

Força sintática: *particípio substantivado*.

Lukaszewski (2007): um *particípio substantivado* é quando um particípio é usado como um nome ou substantivo.

Palavras modificadas por κολαζομένους: o verbo κολαζομένους modifica o adjetivo ἀδίκους em 2:9, numa relação verbo-adjetivo.

Léxico – Louw e Nilda (1996): punir; castigar.

Tradução: “sob castigo”.

13. τηρεῖν – verbo, presente, ativo, infinitivo.

Contida em: *cláusula participativa*.

Força sintática: *infinitivo complementar*.

Palavras que modificam τηρεῖν: a palavra τηρεῖν é modificado pela conjunção δὲ em 2:9, numa relação conjuntiva. A palavra τηρεῖν é modificado pela preposição εἰς em 2:9, numa relação preposicional. A palavra τηρεῖν é modificado pelo advérbio μάλιστα em 2:10, numa relação adverbial.

Léxico – Louw e Nilda (1996): causar; manter.

Tradução: “manter”.

TRADUÇÃO ANOTADA

Segunda Carta de Pedro

PREFÁCIO E SAUDAÇÃO

1:1 Simeão Pedro, servo[a] e apóstolo de Jesus Cristo, aos que receberam uma fé de valor igual à nossa,[b] por meio da justiça de nosso Deus e Salvador Jesus Cristo.[c]

2 Que a graça e a paz lhes sejam multiplicadas, no pleno conhecimento[d] de Deus e de Jesus, nosso Senhor.

---

a **1:1** Ou *escravo*.

b **1:1** BJ, NAB; cf. LEB, Lourenço, TEB. Isto é, *fé igualmente preciosa* (A21, NAA; cf. NVI) ou *uma fé tão preciosa como a nossa* (NET, NIV, NRSV, NTLH, VFL).

c **1:1** Isto é, *Jesus Cristo, nosso Deus e Salvador* (NVT).

d **1:2** Literalmente, *conhecimento*. "A palavra ἐπίγνωσις (*epignōsis*) poderia significar simplesmente conhecimento, mas J. B. Mayor sugere que trata-se frequentemente de um conhecimento mais pleno, especialmente em referência a coisas relacionadas à verdade espiritual (*The Epistle of St. Jude and the Second Epistle of St. Peter* [Nova York: Macmillan, 1907], p. 171-174). [...] O termo é usado em 1:2, 3, 8; 2:20 (a forma verbal ocorre duas vezes, ambas em 2:21)" (NET, 2017, p. 2.367). Por essa razão, diversas versões em português traduzem a palavra como "pleno conhecimento" (A21, ARA, NAA, NVI, TB; cf. Lacueva, NET, Watson-Callan). As versões em inglês costumam traduzir simplesmente como "conhecimento". Também nas demais ocorrências do termo.

A VOCAÇÃO CRISTÃ

3 Seu[a] divino poder nos concedeu[b] todas as coisas [necessárias][c] à vida e à piedade,[d] pelo pleno conhecimento daquele que nos chamou por sua própria glória e excelência.[e] 4 Por meio delas,[f] ele nos concedeu as [suas] preciosas e grandiosas promessas, para que por elas vocês se tornem participantes da natureza divina, tendo escapado da corrupção que há no mundo por causa dos maus desejos.[g]

5 Por isso mesmo, concentrem todos os [seus] esforços para acrescentar[h] à sua fé a excelência de caráter;[i] à excelência de caráter, o conhecimento; 6 ao conhecimento, o domínio próprio; ao domínio próprio, a perseverança; à perseve-

---

a **1:3** Literalmente, *Como* [ou *visto que*] *o seu*. A "maioria dos comentaristas" entende que os v. 2 e 3 estão intimamente conectados (BAUCKHAM, 1983, p. 173), o que tem levado algumas importantes versões a traduzi-los como uma só frase (LEB, NASB). Desta forma, o sentido do v. 3 seria: *Posso fazer essa oração* [contida no v. 2] *porque o seu divino poder [...]* (NET).

b **1:3** Literalmente, *presenteou*. Também no v. 4.

c **1:3** LEB, NET, NRSV; cf. BJ, CNBB, CSB, NIV, NVI, TEB. Ou *que dizem respeito* (cf. A21, BLA, ESV, NASB, Lourenço).

d **1:3** Às vezes, interpretado como *para uma vida piedosa* (Bauckham, NIV; cf. NTLH, NVT).

e **1:3** Ou *excelência de caráter* ou *virtude*.

f **1:4** Literalmente, *por meio das quais*.

g **1:4** Ou *cobiça* ou *concupiscência*.

h **1:5** Literalmente, *concentrando todos os seus esforços, acrescentem*.

i **1:5** Ou *virtude*. A mesma palavra é traduzida no v. 3 como "excelência".

rança, a piedade; 7 à piedade, a afeição fraternal;[a] à afeição fraternal, o amor.[b] 8 Porque, se essas [qualidades] existirem em vocês e aumentarem cada vez mais, elas impedirão que vocês sejam[c] inativos ou infrutíferos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo. 9 Pois[d] aquele que carece destas [qualidades][e] é cego e míope,[f] tendo-se esquecido da purificação dos seus antigos pecados.

10 Por isso, irmãos, empenhem-se ainda mais para confirmar a vocação e a eleição de vocês; porque, fazendo isso, vocês jamais tropeçarão. 11 Pois desta maneira é que lhes será ricamente[g] concedida a entrada no Reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

---

a **1:7** Ou *fraternidade* ou *amor fraternal*.
b **1:5-7** Em grego, cada elemento (qualidade) é introduzido com "e". Assim, literalmente, *e à excelência de caráter, o conhecimento; e ao conhecimento [...]*.
c **1:8** Literalmente, *não fazem [vocês]*.
d **1:9** Tradução literal. Ou *Mas* (BJ, CNBB, NET, NIV; cf. NVI).
e **1:9** Literalmente, *aquele em quem estas coisas não estão presentes*.
f **1:9** Ou é cego. Isto é, míope (NET). Ou *tão míope que é cego* (ESV; cf. NVT). Ou *cego ou míope* (BLA, CNBB, NASB). Literalmente, *cego, sendo míope*. A palavra *míope* geralmente é traduzida, em português, como *vendo só o que está perto* (NAA; cf. A21, NVI). "A ordem das palavras é incomum. Poderíamos esperar que o autor tivesse dito 'é míope e cego' (como a NIV traduz), mas essa não é a ordem das palavras em grego. Talvez o autor tenha iniciado com uma declaração forte seguida de um esclarecimento, ou seja, que ser míope em relação a essas virtudes é ser praticamente cego" (NET, 2017, p. 2.368). É provável que o autor tenha usado ambos os termos como "praticamente sinônimos", para efeito de ênfase (BAUCKHAM, 1983, p. 189).
g **1:11** Ou *amplamente*.

O TESTEMUNHO DOS APÓSTOLOS E DOS PROFETAS

12 Por esta razão, estarei sempre pronto para fazer com que vocês se lembrem destas coisas, embora já as conheçam e estejam firmados na verdade que têm.[a] 13 Também considero justo, enquanto estou neste tabernáculo,[b] despertar essas lembranças em vocês, 14 porque sei que estou prestes a deixar o meu tabernáculo,[c] como nosso Senhor Jesus Cristo já me revelou. 15 E me esforçarei ao máximo para que sempre, [mesmo] depois da minha partida,[d] vocês se lembrem dessas coisas.

16 Porque não seguimos mitos[e] engenhosamente inventados[f] quando lhes demos a conhecer o poder e a vinda[g] de nosso Senhor Jesus Cristo,[h] mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade.[i] 17 Porque ele re-

---

a **1:12** Literalmente, *verdade presente*.
b **1:13** Ou *tenda* ou *habitação*. Isto é, *este corpo mortal* (NTLH). Também no v. 14.
c **1:14** Literalmente, *o abandono* [ou *despojamento*] *do meu tabernáculo é iminente*.
d **1:15** Literalmente, êxodo.
e **1:16** Ou *fábulas*.
f **1:16** Literalmente, *mitos sofísticos* (Green, Lourenço).
g **1:16** Isto é, *poderosa vinda* (NVT, VFL; cf. NTLH, TEB) ou *vinda [...] em poder* (Bauckham, NIV).
h **1:16** Literalmente, *não lhes demos a conhecer o poder e a vinda do nosso Senhor Jesus Cristo seguindo fábulas engenhosamente inventadas*.
i **1:16** Literalmente, *da majestade daquele*. "O pronome demonstrativo remoto ['daquele'] talvez seja usado para indicar elevada estima por

cebeu honra e glória da parte de Deus Pai, quando, pela Suprema Glória,[a] lhe foi dirigida aquela voz:[b] "Este é o meu Filho, meu amado,[c] em quem me agrado." 18 E nós

---

Jesus" (NET, 2017, p. 2.369).

a **1:17** Ou *Glória Majestosa*. Isto é, Deus.

b **1:17** Literalmente, *quando tal voz lhe foi trazida pela Suprema Glória*.

c **1:17** As principais edições do Novo Testamento grego dizem *o meu Filho, meu amado* (GNT3, Nestle, NTG4, NTG5, SBLGNT, Weiss, Westcott-Hort). *O Novo Testamento Grego*, 4ª e 5ª edições, apresenta grau de certeza B para essa leitura. Outras edições do Novo Testamento grego dizem *o meu Filho amado* (Bover, Merk, THGNT, Tischendorf, Tregelles). Algumas versões traduzem *o meu Filho, meu amado* (CSB, margem; ESV, margem; NAB; NRSV). No entanto, a maioria das versões em português, inglês e espanhol diz *o meu Filho amado*, provavelmente não por adotarem a segunda variante, mas porque essa expressão é a mais natural nesses idiomas, além de que praticamente não existe diferença de sentido entre ambas as frases (A21, BJ, BLA, CNBB, CSB, ESV, LEB, NAA, NASB, NET, NIV, NTLH, NVI, TEB).

Um dos princípios mais importantes da crítica textual do Novo Testamento é que a tendência dos escribas, via de regra, era a de harmonizar textos paralelos, caso divergissem um do outro. Os relatos de Mateus e de Marcos a respeito da transfiguração de Jesus dizem: "Este é o meu Filho amado" (Mt 17:5; Mc 9:7). Já o relato de Lucas diz: "Este é o meu Filho, o Escolhido" (Lc 9:35). Desde cedo, Mateus se tornou o evangelho predominante na igreja cristã, sendo o mais usado como referência nos processos de harmonização de passagens paralelas entre os evangelhos e no restante do Novo Testamento.

Portanto, ao que tudo indica, o texto original de 2 Pedro 1:17 é aquele que foi preservado no papiro P72 e no Códice Vaticano, dois dos mais antigos e confiáveis manuscritos que contêm essa epístola. Os demais manuscritos, especialmente posteriores, adaptaram a leitura ao texto mais usado e conhecido que aparece em Mateus: "Este é o meu Filho amado" (Mt 17:5; cf. 3:17). Pelo menos dois manuscritos gregos e diversos manuscritos de antigas versões (na língua copta) ampliaram o texto, que passou a dizer: "Este é o meu Filho amado, este é." Tal fato dá a entender que o ancestral desses manuscritos tinha o mesmo texto que P72 e o Códice Vaticano, mas

ouvimos esta voz vinda[a] do céu quando estávamos com ele no monte santo.[b]

19 Além disso,[c] temos a palavra profética, [que é] totalmente segura,[d] e vocês[e] fazem bem em dar atenção a ela, como

---

que, quando o copista acrescentou a expressão "meu Filho amado", ele se esqueceu de omitir as palavras "este é", que, em grego, aparecem no final da frase "Este é o meu Filho, meu amado". É bastante provável que o texto original de 2 Pedro 1:17 dizia: "Este é o meu Filho, meu amado", mas, naturalmente, a diferença de significado entre essa frase e "Este é o meu Filho amado", se houver, é mínima ou insignificante. (Adaptado de COMFORT, 2008, p. 759; METZGER, 1994, p. 631; OMANSON, 2010, p. 515.)

a **1:18** Literalmente, *trazida*.

b **1:17-18** Em grego, os v. 17-18 constituem uma só frase.

c **1:19** Ou *Assim*. Literalmente, *E*.

d **1:19** Mais literalmente, *E temos a mais certa palavra profética* (Lourenço; NASB, margem); *E temos a mais segura palavra profética* (Watson-Callan); *E temos uma palavra profética muito segura* (Green). A tradução aqui proposta é adotada em algumas das mais recentes e conceituadas versões bíblicas, tanto evangélicas (NET, NIV, NVT), quanto católicas (NAB) e ecumênicas (TEB), além de comentários recentes (Green, Watson-Callan). Outra possível tradução é *colocamos uma confiança muito firme na palavra profética* (Bauckham; cf. NTLH, VFL). A tradução menos provável parece ser aquela que é encontrada nas versões mais antigas e que, no entanto, é mantida em algumas das melhores versões em língua portuguesa: *Assim, temos ainda mais segura a palavra profética* (NAA; cf. A21, NVI; cf. também CSB, ESV, NRSV).

"Sintaticamente, o significado de que 'confirmamos a palavra profética por meio de nossa experiência [na transfiguração de Cristo]' é improvável; e, contextualmente, o significado de que 'temos uma autoridade que é mais confiável do que a experiência, a saber, a Bíblia' é improvável, ficamos com o significado 'temos uma autoridade muito confiável, o Antigo Testamento, como testemunha da volta de Cristo' Nenhuma comparação é feita explicitamente aqui [entre as Escrituras e a transfiguração de Cristo]" (NET, 2017, p. 2.370).

e **1:19** Literalmente, à qual vocês.

a uma lâmpada[a] que brilha em lugar escuro, até que o dia amanheça e a estrela da alva nasça no coração de vocês. 20 Antes de tudo, porém, saibam[b] que nenhuma profecia da Escritura provém de interpretação pessoal;[c] 21 porque jamais qualquer profecia foi produzida pela vontade humana; entretanto, homens falaram da parte de Deus, movidos[d] pelo Espírito Santo.[e]

---

a **1:19** Ou *candeia*.
b **1:20** Literalmente, *sabendo primeiramente isto*.
c **1:20** Isto é, *nenhuma profecia da Escritura provém da interpretação pessoal do profeta* (Bauckham, CSB, Davids, Green, NIV, NVT; cf. Watson-Callan, comentário) ou *nenhuma profecia da Escritura jamais surge pela própria imaginação do profeta* (NET; cf. NBV, VFL). Ou, menos provavelmente, é assunto de interpretação pessoal (BLA, NAB, NASB, NRSV; cf. CNBB, NTLH, TEB). Literalmente, *não surge da própria interpretação* (LEB, Scholz-Bratcher).
É difícil determinar o significado exato da palavra *epilusis* (aqui traduzida como "interpretação"), visto que ela aparece apenas uma vez na Bíblia. A ideia básica é desdobramento, soltura, o que poderia indicar tanto explicação quanto origem. No entanto, fora da Bíblia, não há exemplo no qual o termo se refira à interpretação das Escrituras. A tradução aqui proposta parece ser a mais adequada no contexto. A palavra "porque", no início do v. 21 apresenta o fundamento para a declaração feita no v. 20. Portanto, o sentido mais satisfatório do texto é que os profetas não inventaram suas próprias profecias (v. 20), porque o seu impulso para profetizar vinha de Deus (v. 21) (NET, 2017, p. 2.370-2.371). "Pedro está falando acerca da origem divina das Escrituras, e não a respeito de sua interpretação correta" (RIENECKER; ROGERS, 1995, p. 574).
d **1:21** Ou *impelidos*.
e **1:21** Literalmente, *homens impelidos pelo Espírito Santo falaram da parte de Deus*.

OS FALSOS MESTRES

2:1 Mas também surgiram falsos profetas no meio do povo, assim como haverá falsos mestres entre vocês. Eles[a] introduzirão secretamente[b] heresias destruidoras,[c] chegando até a renegar o Soberano Senhor que os resgatou,[d] trazendo sobre si mesmos repentina destruição. 2 E muitos seguirão as suas práticas libertinas,[e] e, por causa deles, o caminho da verdade será difamado.[f] 3 Movidos por[g] ganância,[h] eles explorarão vocês com palavras enganadoras.[i] Sua[j] condenação,[k] [pronunciada][l] há muito tempo, não tarda,[m] e sua destruição não caiu no esquecimento.[n]

---

a **2:1** Literalmente, *os quais*.
b **2:1** Ou *sorrateiramente*.
c **2:1** Literalmente, *heresias de destruição*.
d **2:1** Literalmente, *comprou*.
e **2:2** Literalmente, *libertinagens* ou *sensualidades*.
f **2:2** Ou *blasfemado*.
g **2:3** Literalmente, *e em*.
h **2:3** Ou *avareza*.
i **2:3** NET, NRSV. Ou *palavras fictícias* (NAA), ou *discursos fabricados* (Hart, Lourenço; cf. Bauckham, CSB, NAB) ou *histórias que inventaram* (NVI; cf. CSB, NIV, NTLH). Literalmente, *palavras falsas* (BLA, ESV, LEB, NASB, RSV; cf. BJ) ou *fabricadas*.
j **2:3** Isto é, dos falsos mestres.
k **2:3** Literalmente, *aos quais a condenação*.
l **2:3** Bauckham, CSB, NET, NRSV; cf. BJ (margem). Ou *[decretada]* (NAA; cf. Lourenço).
m **2:3** Ou *sua condenação desde há muito tempo não tarda* (A21, BLA, BJ, CNBB, ESV, Green, LEB, NAB, RSV, Watson-Callan; cf. BLA, Gomes-Olivetti, NASB, TEB). Literalmente, *aos quais a condenação de há muito*.
n **2:3** Literalmente, *não dorme*.

4 Pois se Deus não poupou os anjos que pecaram,[a] mas, lançando-os no Tártaro,[b] prendeu-os com[c] correntes de escuridão,[d]

---

a **2:4** BJ, CSB, Green, Gomes-Olivetti, LEB, Luz, NET, NVI, Watson-Callan; cf. CNBB, Lourenço, TEB. Ou, menos provavelmente, *anjos quando pecaram* (A21, Bauckham, BLA, ESV, NAA, NAB, NASB, NRSV, NIV).
b **2:4** Transliteração do termo grego (seguida por A21, BJ, Hart, LEB, Lourenço, NAB, TEB). Traduzido tradicionalmente como *inferno*.
c **2:4** Ou *manteve[-os] presos no Tártaro com* (LEB; cf. CNBB; NAB). Literalmente, *mas, lançando[-os] no Tártaro* (ou *mantendo[-os] presos no Tártaro*), *os entregou em*.
d **2:4** Talvez com o sentido de *correntes na escuridão* (NET, NTLH).
As principais edições do Novo Testamento grego (GNT3, NTG4, NTG5, SBLGNT) dizem *correntes de escuridão*. *O Novo Testamento Grego*, 4ª e 5ª edições, apresenta grau de certeza C. Essa leitura é adotada por diversas versões e pelos principais comentaristas de 2 Pedro (CNBB, CSB, ESV, LEB, NAA, NAB, NET, NIV, NRSV, NTLH; Bauckham, Green, Watson--Callan). Outras edições do Novo Testamento grego, especialmente as mais antigas, dizem *abismos/cavernas de escuridão* (Bover, Merk, Nestle, THGNT, Tischendorf, Tregelles, Weiss, Westcott-Hort), leitura adotada em diversas versões (A21, BJ, BLA, NASB, NLT, NVI, NVT, TEB).
É bastante difícil determinar com certeza o texto original de 2 Pedro 2:4, visto que os manuscritos estão divididos entre as leituras *seirais* ("em correntes") e *sirois* ("em abismos/cavernas"). A leitura *seirais* aparece no mais antigo manuscrito de 2 Pedro (P72) e na quase totalidade dos manuscritos gregos (como os importantes 33, 1243 e 1739), além de várias versões antigas (como siríaca e copta) e na literatura dos pais da igreja. Por outro lado, a palavra *sirois* é encontrada em vários manuscritos antigos e confiáveis, como os Códices Sinaítico, Alexandrino e Vaticano, além de alguns pais da igreja (como Agostinho).
Muitos estudiosos acreditam que o autor de 2 Pedro tenha usado Judas como uma de suas fontes, com frequência substituindo o vocabulário mais simples dessa epístola por termos mais elegantes e rebuscados. Então é provável que Pedro tenha colocado *seirais* (correntes), uma palavra mais sofisticada, em lugar da palavra *desmois* (correntes), que é de uso mais comum e aparece em Judas 6. (Adaptado de COMFORT,

a fim de serem reservados[a] para[b] o juízo; 5 e [se] não poupou o mundo antigo, mas preservou Noé, pregador[c] da justiça, e mais sete pessoas,[d] quando enviou[e] o dilúvio sobre o mundo dos ímpios; 6 e [se], reduzindo a cinzas as cidades de Sodoma e Gomorra, condenou-as à destruição,[f] tendo-as posto como

2008, p. 761; METZGER, 1994, p. 632; NET, 2017, p. 2.371; OMANSON, 2010, p. 515.)

a **2:4** Ou *guardados*.

b **2:4** Ou *até*.

c **2:5** Ou *arauto*.

d **2:5** Literalmente, *Noé [como] o oitavo*.

e **2:5** Literalmente, *trouxe*.

f **2:6** Literalmente, *e [se] ele condenou à destruição as cidades de Sodoma e Gomorra, reduzindo[-as] a cinzas*.

Quase todas as edições do Novo Testamento grego dizem à destruição (Bover, GNT3, Merk, Nestle, NTG4, NTG5, SBLGNT, THGNT, Tischendorf, Tregelles, Weiss), bem como a maioria das versões (A21, BJ, BLA, CNBB, CSB, ESV, LEB, NAA, NASB, NET, NRSV, NTLH). *O Novo Testamento Grego*, 4ª e 5ª edições, apresenta grau de certeza C para essa leitura. Uma importante edição do Novo Testamento grego produzida no século 19 (Westcott-Hort), além de algumas versões (NIV, NLT, NVI, NVT), omitem a expressão.

A maioria dos manuscritos, inclusive os Códices Sinaítico e Alexandrino, 33 e 81, além de versões como a siríaca, dizem "à destruição". Já alguns importantes manuscritos, como P72, Códice Vaticano, 1175 e 1739, não contêm o termo "à destruição". Mas é provável que essa omissão tenha surgido quando um copista se enganou pelo início semelhante entre essa palavra (*katastrophē*) e a palavra seguinte (*katekrinen*) – uma espécie de equívoco que os estudiosos denominam *homoioarcton* ("início semelhante", em grego). (Adaptado de COMFORT, 2008, p. 762; METZGER, 1994, p. 632; NET, 2017, p. 2.372; OMANSON, 2010, p. 516.)

exemplo do que está para sobrevir aos ímpios;[a] 7 e [se] livrou[b] o justo Ló, [que ficava] aflito com a conduta libertina daquelas pessoas sem princípios[c] 8 (porque esse justo, vivendo entre eles,

---

a **2:6** Algumas edições do Novo Testamento grego dizem *exemplo do que está para sobrevir aos ímpios* (GNT3, NTG4, SBLGNT, Westcott-Hort). *O Novo Testamento Grego*, 3ª e 4ª edições, apresenta grau de certeza C. Essa leitura é adotada por diversas versões e pelos principais comentaristas de 2 Pedro (BJ, CNBB, CSB, ESV, NAB, NET, NTLH, NIV, NVI, NVT, NRSV; Bauckham, Davids, Green, Watson-Callan). Outras edições do Novo Testamento grego (Bover, Merk, Nestle, NTG5, THGNT, Tischendorf, Tregelles, Weiss) dizem *exemplo para os que iriam viver impiamente*. *O Novo Testamento Grego*, 5ª edição, apresenta grau de certeza C. Essa leitura é seguida por algumas versões (A21, BLA, LEB, NAA, NASB, TEB).
Os manuscritos gregos estão divididos, de forma bastante equilibrada, entre o substantivo *asebesin* (a pessoas ímpias) e o infinitivo *asebein* (viver impiamente). A primeira leitura aparece, por exemplo, no papiro P72, no Códice Vaticano e nos manuscritos 1175 e 1243, além de antigas versões (como a siríaca). A segunda leitura é encontrada, por exemplo, nos Códices Sinaítico e Alexandrino, bem como nos manuscritos 33, 81 e 1739, além de versões como a Antiga Latina.
Visto que normalmente o verbo *mellō* (estar por/estar em vias de) é seguido de infinitivo, é mais provável que copistas tenham trocado o substantivo pelo infinitivo, e não o contrário. Além disso, no contexto, o substantivo faz mais sentido do que o infinitivo. Por fim, é interessante notar que o versículo anterior (2Pe 2:5) usa a mesma palavra na forma de substantivo, e não de verbo. Isso poderia significar que o autor tenha repetido o substantivo no v. 6 ou que copistas tenham alterado o v. 6 para harmonizá-lo com o versículo anterior. Seja como for, o significado de ambas as frases é basicamente o mesmo: o substantivo aponta de forma mais direta para a existência atual ou presente de pessoas ímpias, enquanto o infinitivo enfatiza a noção do surgimento futuro dos ímpios. (Adaptado de COMFORT, 2008, p. 762; METZGER, 1994, p. 633; OMANSON, 2010, p. 516.)
b **2:7** Ou *resgatou*.
c **2:7** A21, NAB; cf. NASB, NET, NVI. Ou *daqueles iníquos*. Literalmente, *pela conduta dos iníquos em libertinagem*.

se atormentava em[a] [sua] alma justa,[b] dia após dia, por causa das iniquidades[c] que via e ouvia) 9 – [assim,] o Senhor sabe livrar[d] da provação os piedosos e manter[e] os injustos sob castigo,[f]

---

a **2:8** Literalmente, *atormentava a*.
b **2:8** Ou *vivendo entre eles dia após dia*.
c **2:8** NBLA. Ou *obras iníquas* (BJ, NAA, TB; cf. CNBB), ou *obras perversas* (A21) ou *maldades* (NVI). Literalmente, *obras sem lei*. Isto é, *atos contrários à lei* (HAUBECK; VON SIEBENTHAL, 2009, p. 1.288). A expressão em inglês *lawless deeds* (literalmente, "atos sem lei" ou "atos contrários à lei") (CSB, ESV, LEB, NAB, NASB, NET, NIV, NRSV) expressa com bastante exatidão e clareza tanto a forma como o sentido do termo original.
d **2:9** Ou *resgatar*.
e **2:9** Ou *reservar*.
f **2:9** As principais versões estão divididas entre as traduções *sob castigo até o Dia do Juízo* (A21, BJ, CSB, ESV, NAA, NAB, NASB, NRSV, NVI) e *para o castigo no Dia do Juízo* (ARC, CNBB, LEB, NET, NIV, TEB, VFL; cf. Bauckham, Davids, Gomes-Olivetti, Green). Literalmente, *sendo castigados.* No entanto, a tradução literal é menos clara e decisiva do que pode parecer à primeira vista, como é explicado a seguir.
Segundo Bauckham (1983, p. 254), naquele que, ainda hoje, é o comentário mais importante de 2 Pedro, "a maioria dos comentaristas considera [o termo *kolazomenous*, *sendo castigados*] como uma referência à punição no Dia do Juízo". Os editores da *NET Bible* (2017, p. 2.372) argumentam: "O particípio adverbial [...] *kolazomenous* [...] pode se referir ao tempo contemporâneo ou ao tempo subsequente. O que está em jogo é o significado da frase preposicional seguinte ('no Dia do Juízo' ou 'até o Dia do Juízo'). Se o particípio for contemporâneo, a ideia é 'manter os ímpios em estado de punição até o Dia do Juízo'. Se for subsequente, o significado é 'manter os ímpios para serem punidos no Dia do Juízo'. Muitos comentaristas/versões optam pelo primeiro ponto de vista, assumindo que o particípio presente não pode ser usado como tempo subsequente. Contudo, o particípio presente é o particípio

para o[a] Dia do Juízo, 10 especialmente aqueles que seguem os desejos impuros da carne[b] e desprezam a autoridade.[c]

Atrevidos [e] arrogantes,[d] não temem difamar os gloriosos [seres celestiais],[e] 11 enquanto os anjos, embora maiores em força e poder, não proferem[f] contra eles sentença difamatória[g] na

---

normal usado para expressar resultado e com frequência é usado para indicar propósito (veja, por exemplo, para particípios presentes que sugerem resultado, Mc 9:7; Lc 4:15; Jo 5:18; Ef 2:15; 2Pe 2:1, mencionado acima; para particípios presentes, indicando propósito, veja Lc 10:25; Jo 12:33; At 3:26; 2Pe 2:10 [como até a maioria das versões o traduz]). Além disso, o contexto de 2 Pedro 2 apoia essa interpretação: os v. 1-10 formam uma espécie de *inclusio*, no qual o destino dos falsos mestres é mencionado especificamente no v. 1, depois como princípio geral no v. 9. A ideia central do v. 3 – que a punição dos falsos mestres é certa, embora a sentença ainda não tenha sido cumprida – é destacada por um particípio de propósito no v. 9."

A tradução proposta neste livro foi decidida como mantendo a tradução contemporânea do particípio verbal em função da frase preposicional simplesmente por antever objeções e para esclarecer que a referida leitura não carrega as inferências teológicas que muitos intérpretes mantém diante da tradução.

a **2:9** Ou *até o* ou *no*.

b **2:10** Literalmente, *andam após a carne em desejo de impureza*.

c **2:10** Isto é, *a autoridade do Senhor* (Bauckham, BJ, CNBB, Davids, Green, NTLH, TEB, Watson-Callan). Ou *[toda] autoridade* (A21; cf. NAA).

d **2:10** Ou *obstinados*.

e **2:10** Literalmente, *as glórias*.

f **2:11** Literalmente, *levam*.

g **2:11** A palavra aqui traduzida como "difamatória" vem da mesma raiz que o termo encontrado nos v. 2 ("difamado"), 10 ("difamar") e 12 ("falando mal"). "O autor aprecia construir sua argumentação repetin-

presença do Senhor.[a] 12 Esses, porém, como animais irracionais

---

do uma palavra em um contexto ligeiramente diferente, para que os leitores façam a conexão necessária" (NET, 2017, p. 2.372).

a **2:11** A maioria das edições do Novo Testamento grego diz *na presença do Senhor* (Bover, Merk, Nestle, NTG5, THGNT, Tischendorf, Tregelles, Weiss, Westcott-Hort), leitura seguida pela maioria das versões (A21, BJ, BLA, CNBB, CSB, ESV, NAA, NASB, NET, NTLH, NVI, NVT). Uma edição recente e significativa omite a expressão (SBLGNT), bem como a versão nela baseada (LEB). *O Novo Testamento Grego*, 5ª edição, apresenta as duas variantes – *na presença do Senhor* e a omissão desse termo – como tendo igual valor e probabilidade, já que não se viu possibilidade de alcançar uma decisão textual definitiva. Uma importante edição do século 19 (Westcott-Hort) apresenta na margem a omissão do termo, indicando incerteza quanto às duas variantes. *O Novo Testamento Grego*, 3ª e 4ª edições, diz *da parte do Senhor*, apresentando, respectivamente, graus de certeza D e C. Essa leitura é adotada por algumas versões (NAB, NIV, NLT, NRSV).

Muitos manuscritos dizem *na presença do Senhor*, como os Códices Sinaítico e Vaticano, além da maioria dos manuscritos (como os importantes 1175, 1243 e 1739). Alguns manuscritos, como o papiro P72, e exemplares de versões antigas dizem *da parte do Senhor*. Diversos outros manuscritos omitem ambas as expressões, como o Códice Alexandrino, além dos manuscritos 33 e 81 e algumas versões (por exemplo, copta).

Em vista da ausência da expressão em importantes manuscritos e versões, além de vários pais da igreja, alguns estudiosos suspeitam que os termos *na presença do Senhor* e *a partir do Senhor* tenham sido acrescentados ao texto, no esforço de torná-lo mais compreensível. É interessante notar, no entanto, que a passagem paralela de Judas 9 não usa expressão semelhante, o que poderia tornar improvável que escribas tivessem buscado alguma harmonização.

A melhor decisão parece ser incluir o termo *na presença do Senhor*, embora com alguma reserva. Mas, novamente, ainda que essa seja uma questão difícil da perspectiva da crítica textual, o sentido da passagem

– seres guiados pelo instinto e que nascem para serem capturados e mortos[a] –, falando mal[b] daquilo que não entendem,[c] serão destruídos na sua destruição,[d] 13 sofrendo a justa retribuição de sua injustiça.[e] Consideram prazer a devassidão em plena luz do dia.[f] [São] manchas e defeitos, encontrando satisfação nas suas próprias mentiras,[g] enquanto se banqueteiam com vocês. 14 Eles têm os olhos cheios de adultério[h] e são insaciáveis no

---

não é afetado, visto que as palavras e ações dos anjos evidentemente acontecem "na presença do Senhor" e suas palavras e ações provêm, direta ou indiretamente, "da parte do Senhor". (Adaptado de COMFORT, 2008, p. 763; METZGER, 1994, p. 633; NET, 2017, p. 2.372; OMANSON, 2010, p. 516-517.)

a **2:12** Bauckham; BLA, CBS, ESV, NASB, NET, NIV, NRSV, NVI; cf. A21. Ou *que, por natureza, já nascem para serem capturados e mortos* (cf. BJ, CNBB, Green, Lourenço, TEB, Watson-Callan; HAUBECK; VON SIEBENTHAL, 2009, p. 1.289). Literalmente, *gerados naturalmente para captura e destruição*.

b **2:12** Ou *blasfemando*.

c **2:12** Ou *ignoram*.

d **2:12** Talvez *quando essas criaturas forem destruídas, eles também serão destruídos* (NRSV; cf. BLA, NASB, NIV).

e **2:13** Uma possível tradução idiomática seria *Praticam o mal e receberão o mal como recompensa* (NVT). Literalmente, *sofrendo injustiça/dano [como] pagamento da injustiça/dano*. A mesma expressão grega é traduzida no v. 15 como "pagamento pela injustiça". Ao usar a frase *recebendo a justa retribuição de sua injustiça* (A21), a presente tradução busca apresentar, em alguma medida, o trocadilho presente no texto original.

f **2:13** Literalmente, *considerando prazer a devassidão no dia*.

g **2:13** Isto é, *sentindo prazer em enganá-los* (NVT). Ou *se divertem com seus prazeres enganosos* (VFL; cf. LEB).

h **2:14** Literalmente, *cheios de uma adúltera*. Isto é, eles "ficam o tempo todo procurando uma mulher com quem possam cometer adultério" (BAU-

pecado. Seduzem os instáveis[a] e têm o coração exercitado na avareza. Malditos![b] 15 Tendo abandonado o reto caminho, desviaram-se e seguiram o caminho de Balaão, [filho] de Bosor,[c] que amou o pagamento pela injustiça. 16 Mas ele foi repreendido pela sua transgressão: um animal de carga mudo, falando com voz humana, refreou a insensatez[d] do profeta.[e]

17 Esses tais são fontes sem água, névoas[f] levadas pela tempestade, para os quais está reservada a mais profunda escuridão.[g] 18 Porque, falando [palavras] pomposas, [mas] vazias,[h] seduzem com desejos libertinos da carne[i] aqueles que por pouco[j] estão conseguindo escapar dos que vivem no

---

CKHAM, 1983, p. 266; HAUBECK; VON SIEBENTHAL, 2009, p. 1.289).

a **2:14** Literalmente, *almas inconstantes* [ou *instáveis*].

b **2:14** Isto é, *Eles estão debaixo da maldição de Deus* (Bauckham, NTLH). Ou *destinados à maldição* (CNBB). Literalmente, *Filhos da maldição!*

c **2:15** No Antigo Testamento hebraico e na Septuaginta, *Beor*. Essa forma do nome do pai de Balaão (Bosor) "não é atestada em nenhum outro lugar" (BAUCKHAM, 1983, p. 267; NET, 2017, p. 2.373).

d **2:16** Ou *loucura*.

e **2:12-16** "Em grego, 2 Pedro 2:12-16 constitui uma só frase, longa e complexa. [...] A frase divaga de maneira que frequentemente indica uma grande 'veemência de espírito' (A. T. Robertson, *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research*, 4ª ed. [Nashville: Broadman, 1934], p. 435). O autor está nitidamente inquieto por causa dos falsos mestres que estão por vir" (NET, 2017, p. 2.372).

f **2:17** Literalmente, *e névoas*.

g **2:17** Literalmente, *a escuridão da treva*.

h **2:18** Literalmente, *[palavras] pomposas de vaidade/vacuidade*.

i **2:18** Literalmente, *com desejos da carne [e] com libertinagem*.

j **2:18** O termo grego pode significar "há pouco [tempo]" ou "por pouco" (HAUBECK; VON SIEBENTHAL, 2009, p. 1.290). Várias versões

erro. 19 Prometem-lhes liberdade, quando eles mesmos são escravos da corrupção, pois aquele que é vencido fica escravo do vencedor.[a] 20 Portanto, se, depois de terem escapado das contaminações do mundo mediante o conhecimento do

---

traduzem *por pouco estão escapando* (A21, CSB, ESV, LEB, NAB, NASB, NIV, NVI), enquanto outras dizem *há pouco escaparam* (Bauckham, BLA, Davids, Green, NET, NRSV, Watson-Callan).

Várias edições do Novo Testamento grego (Bover, GNT3, Merk, Nestle, NTG4, SBLGNT, Tischendorf, Tregelles, Weiss, Westcott-Hort) dizem *há pouco/por pouco*. *O Novo Testamento Grego*, 3ª e 4ª edições, indicam, respectivamente, grau de certeza C e A. Algumas edições (NTG5, THGNT) dizem *de fato/realmente*. *O Novo Testamento Grego*, 5ª edição, apresenta grau de certeza C.

A palavra *oligōs* (há pouco/por pouco) é bastante rara: não aparece em nenhuma outra passagem do Novo Testamento, tampouco na tradução grega do Antigo Testamento. No entanto, aparece em manuscritos como o papiro P72, nos Códices Alexandrino e Vaticano, em manuscritos como 33 e em versões antigas como a siríaca e a copta. Por outro lado, a maioria dos manuscritos diz *ontōs* (de fato/realmente).

Visto que os copistas tinham a tendência de usar uma palavra conhecida em lugar de uma palavra menos conhecida e não o contrário, tudo indica que a palavra *oligōs* foi substituída posteriormente por *ontōs*. Além disso, no contexto de 2 Pedro 2, como seria possível dizer que aquelas pessoas "*de fato* escaparam dos que vivem no erro" se os falsos mestres ainda os seduziam? Em vez disso, faz mais sentido dizer que os falsos mestres "seduzem [...] aqueles que há pouco escaparam" ou "por pouco estão conseguindo escapar". (Adaptado de COMFORT, 2008, p. 765-766; METZGER, 1994, p. 635; OMANSON, 2010, p. 518-519.)

a **2:19** Literalmente, *pois por aquilo que alguém é vencido, a isto fica escravizado*.

Senhor[a] e Salvador Jesus Cristo, são novamente enredados e vencidos por elas, o seu último estado se tornou pior do que o primeiro. 21 Pois teria sido melhor que eles nunca tivessem conhecido o caminho da justiça do que, após conhecê-lo, darem as costas para o santo mandamento que lhes havia sido transmitido. 22 Com eles aconteceu o que diz certo provérbio muito verdadeiro: "O cão volta ao seu próprio vômito."[b] E: "A porca lavada [volta] a rolar na lama."[c]

---

a **2:20** Várias edições do Novo Testamento grego dizem *Senhor* (Merk, Nestle, NTG5, SBLGNT, THGNT, Tregelles, Weiss, Westcott-Hort), leitura adotada em diversas versões (A21, CSB, LEB, NAA, NASB; cf. Bauckham). *O Novo Testamento Grego* apresenta grau de certeza C. Outras edições, especialmente mais antigas, dizem *nosso Senhor* (Bover; GNT3; NTG4; Tischendorf; Westcott-Hort, margem). *O Novo Testamento Grego*, 3ª e 4ª edições, apresenta grau de certeza C para a inclusão de "nosso" e coloca o termo entre colchetes, indicando dúvida quanto a sua autenticidade. Diversas versões e alguns comentaristas (BJ, BLA, CNBB, ESV, NET, NIV, NLT, NRSV, NTLH, NVI, NVT; cf. Green, Watson-Callan) seguem essa leitura.
O pronome "nosso" aparece, nos manuscritos, em várias posições, às vezes depois de "Senhor", às vezes depois de "Salvador" e, outras vezes, tanto antes como depois de ambas as palavras. Isso poderia dar a entender que o pronome não fazia parte do texto original, tendo sido posteriormente inserido no texto em diferentes lugares. Pelo fato de que as três edições atualmente em uso do Novo Testamento grego (NTG5, SBLGNT, THGNT) omitem o termo "nosso", pode-se concluir que essa é uma decisão bastante segura. (Adaptado de COMFORT, 2008, p. 766; METZGER, 1994, p. 635; OMANSON, 2010, p. 519.)
b **2:22** Citação de Provérbios 26:11.
c **2:22** "A fonte dessa citação é incerta. [O filósofo grego] Heráclito [Fragmento B 13] tem sido frequentemente mencionado como uma

A PROMESSA DA VINDA DO SENHOR

3:1 Amados, esta já é a segunda carta que escrevo a vocês. Em ambas,[a] procuro, por meio de lembranças, despertar a mente sincera[b] de vocês, 2 para que se lembrem das palavras ditas de antemão[c] pelos santos profetas, e do mandamento do Senhor e Salvador, que os apóstolos de vocês lhes ensinaram.[d]

3 Antes de tudo, saibam[e] que, nos últimos dias, virão zombadores com [suas] zombarias,[f] andando segundo as próprias paixões[g] 4 e dizendo: "O que houve com a promessa

---

possível fonte, mas isso é duvidoso" (NET, 2017, p. 2.374).

a **3:1** Literalmente, *vocês, nas quais*.

b **3:1** A21, Bauckham, ESV, LEB, NASB; cf. BLA, CNBB, CSB, NAB, NRSV, NVI. Ou *pura* (Green, NET, Watson-Callan; cf. NTLH) ou *esclarecida* (NAA). Ou *maneira límpida de pensar* (Lourenço; cf. NVT). "A palavra era usada acerca de coisas sem mistura, o ar ou a pureza ética, por exemplo" (RIENECKER; ROGERS, 1995, p. 579).

c **3:2** Provavelmente, *palavras preditas*, isto é, predições (Bauckham, BJ, CNBB, ESV, Green, Lourenço, NET, RSV; HAUBECK; VON SIEBENTHAL, 2009, p. 1.291). Ou *palavras ditas anteriormente* (A21, CSB, Green, NAA; cf. NRSV, NVI). Na presente tradução, deu-se preferência a uma expressão mais neutra, seguida em algumas versões (BLA, LEB, NASB, TEB, cf. Watson-Callan).

d **3:2** Literalmente, *Salvador, [dado] por meio dos apóstolos de vocês*.

e **3:3** Literalmente, *sabendo primeiramente isto*.

f **3:3** "O texto grego diz 'zombadores em sua zombaria', significando 'zombadores gritantes/descarados'. O uso do dativo cognato é um semitismo que tem o propósito de intensificar a palavra à qual está relacionado" (NET, 2017, p. 2.374). Cf. *zombadores esbanjando zombarias* (CNBB).

g **3:3** Ou *maus desejos*.

da sua vinda?[a] Porque, desde que os pais morreram,[b] todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação." 5 Acontece que, de propósito, ignoram[c] que,[d] há muito tempo, pela palavra de Deus, os céus vieram à existência[e] e a terra[f] foi formada da água e através da água.[g] 6 Por meio dessas coisas[h]

---

a **3:4** NVI; cf. BJ, CNBB, NVT, TEB, VFL. Ou *Onde está a sua vinda prometida?* (cf. CSB, Hart, NET). Literalmente, *Onde está a promessa da sua vinda?*
b **3:4** Literalmente, *adormeceram*.
c **3:5** Ou *esquecem*.
d **3:5** A21, BJ, CNBB, CSB, ESV, NAB, NET, NRSV, NIV, NVI. Ou *Porque, quando sustentam isto, passa-lhes despercebido que* (Bauckham, LEB, NASB, Watson-Callan; cf. BLA). Ou *Isso passa-lhes ao lado (por vontade deles)* (Lourenço). Literalmente, *Pois, desejando isto, escapa-lhes [ou passa-lhes despercebido] que*. "O texto grego é difícil neste ponto. [...] Literalmente, a ideia parece ser: 'Pois isto escapa desses [homens] que desejam [que seja assim]' [cf. TEB]" (NET, 2017, p. 2.374; colchetes no original).
e **3:5** *vieram à existência* (CSB, Green, NIV). Ou *existiam* (NET, NRSV).
f **3:5** Isto é, a terra seca.
g **3:5** Literalmente, *os céus existiam há muito tempo, e a terra [foi] constituída da água e através da água pela palavra de Deus*. As versões bíblicas traduzem essa complexa frase reordenando as palavras de diferentes maneiras, com o propósito de expressar mais adequadamente o sentido do texto original. A presente tradução segue a estrutura de algumas das mais recentes e conceituadas versões de equivalência intermediária (CSB, NET, NIV, NRSV; cf. Green) (a única diferença significativa entre elas é assinalada na nota anterior).
h **3:6** Literalmente, *por meio das quais*. "O antecedente é ambíguo. Poderia se referir [1] aos céus, [2] aos céus e à terra, ou [3] à água e à palavra. Se a referência for [1] aos céus, o autor está refletindo a respeito do relato de Gênesis sobre a abertura das 'comportas dos céus' (Gn 7:11). Se a referência for [2] aos céus e à terra, ele também está pensando no cataclismo cósmico que ajudou a produzir o dilúvio (Gn 6:11). Se a referência for [3] à água e à palavra, o autor está indicando o meio (água) e a causa (palavra de Deus). Essa última interpretação é a mais provável,

o mundo daquele tempo foi destruído,[a] inundado por água. 7 Pela[b] mesma palavra, os céus e a terra que agora existem estão reservados[c] para o fogo, guardados para o Dia do Juízo e da destruição dos ímpios.

8 Mas há uma coisa, amados, que vocês não devem esquecer:[d] que, para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos são como um dia. 9 O Senhor não retarda [em cumprir] a [sua] promessa, ainda que alguns a julguem demorada.[e] Pelo contrário, ele é paciente com vocês, não querendo que ninguém pereça,

---

visto que os últimos substantivos do v. 5 são 'água' e 'palavra de Deus', tornando-os os antecedentes mais próximos" (NET, 2017, p. 2.374). Quase todas as edições do Novo Testamento grego dizem *por meio das quais* (Bover, GNT3, Merk, Nestle, NTG4, SBLGNT, THGNT, Tischendorf, Tregelles, Weiss, Westcott-Hort). *O Novo Testamento Grego*, 5ª edição, diz *pela qual* (isto é, pela palavra) e apresenta grau de certeza C. No entanto, essa decisão tem sido criticada por alguns estudiosos, visto que se baseia em uns poucos manuscritos, que não se destacam por antiguidade e confiabilidade (veja ELLIOTT, 2010, p. 492, 526; HEAD, 2010, p. 141). Tal leitura provavelmente foi introduzida por copistas com o propósito de elucidar o texto, visto que o antecedente da expressão "por meio das quais" não é muito claro. (Adaptado de COMFORT, 2008, p. 766-767.)

a **3:6** Ou *pereceu*.

b **3:7** Literalmente, *Mas, pela*.

c **3:7** Literalmente, *entesourados* (isto é, *guardados em depósito*).

d **3:8** O mesmo verbo é traduzido no v. 5 como "ignoram".

e **3:9** Ou *tal como alguns pensam [tratar-se de] atraso* (Lourenço). Ou *como alguns interpretam a demora* (CNBB; cf. BLA, CSB, NIV, NRSV) ou *segundo a ideia que algumas pessoas têm de demora* (Bauckham). Neste segundo caso, significando "como se a demora fosse causada pela incapacidade de cumprir a promessa" (RIENECKER; ROGERS, 1995, p. 580). Literalmente, *o Senhor não demora [...] como alguns consideram demora*.

mas que todos cheguem ao arrependimento. 10 Porém, o Dia do Senhor virá como um ladrão, no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos[a] serão desfeitos pelo fogo,[b] e a terra e as obras que nela existem[c] serão reveladas.[d]

---

a **3:10** Isto é, *elementos celestes* (LEB) ou *corpos celestes* (Bauckham, ESV, Kelly, NET, NBV; cf. NTLH). Essa interpretação é adotada pela "maioria dos comentaristas" (BAUCKHAM, 1983, p. 316; NET, 2017, p. 2.375; WATSON; CALLAN, 2012, p. 210). Ou a "totalidade do mundo material", incluindo os "céus" e a "terra" (v. 7, 10; GREEN, 2008, p. 330). Também no v. 12.

b **3:10** Literalmente, *os elementos, abrasados, serão dissolvidos*.

c **3:10** Ou *e as obras nela feitas* (ESV, LEB; cf. NET, NIV, NRSV). Literalmente, *e as obras nela*.

d **3:10** Ou *descobertas* ou *encontradas*. Isto é, *expostas* (ESV; cf. NVT).

A maioria das edições do Novo Testamento grego dizem *serão descobertas* (Bover, GNT3, Merk, Nestle, NTG4, SBLGNT, THGNT, Tregelles, Weiss, Westcott-Hort). *O Novo Testamento Grego*, 3ª e 4ª edições, apresenta grau de certeza D. Essa leitura é adotada também pela maioria das versões e pelos principais comentaristas (A21, BJ, CSB, ESV, LEB, NAB, NET, NIV, NRSV, NVI, NVT, TEB; Bauckham, Davids, Green, Watson-Callan). Uma edição do Novo Testamento grego produzida no século 19 (Tischendorf) e algumas versões (BLA, NASB) dizem *serão queimadas*.

O Novo Testamento Grego, 5ª edição, diz *não serão descobertas* e apresenta grau de certeza C. No entanto, alguns estudiosos consideram a decisão "controversa" e "a mais surpreendente decisão" tomada pelos editores dessa obra. A razão é que tal leitura não é encontrada em nenhum manuscrito grego, mas consiste numa reconstrução conjectural baseada em algumas versões antigas, como a copta saídica (veja ELLIOTT, 2010, p. 492, 510-511, 526; HEAD, 2010, p. 141, 145-146; PAROSCHI, 2012, p. 262). Aparentemente, essa leitura é seguida por algumas versões recentes, que dizem *desaparecerão* (NAA, NTLH).

Esse é considerado um dos problemas textuais mais difíceis do Novo Testamento, ainda que possa não parecer ao ser traduzido. Um dos princípios mais importantes da crítica textual é que deve-se escolher a variante que

11 Uma vez que todas essas coisas serão assim desfeitas, que tipo de pessoas vocês devem ser, em santa conduta e piedade,[a] 12 esperando e apressando a vinda[b] do Dia

melhor explique a origem das outras. Esse conceito se fundamenta no fato de que os vários tipos de alterações feitas por copistas geralmente apontam para uma forma antecedente da qual elas podem ter se originado. No caso de 2 Pedro 3:10, a leitura mais antiga e também a que melhor explica o surgimento das outras é *heurethēsetai* (*serão descobertas*), que se encontra na maioria dos manuscritos, como os Códices Sinaítico e Vaticano, 1175 e 1739 (texto principal), além de vários manuscritos da versão siríaca.
No entanto, como em grego essa é uma expressão difícil e obscura, tudo indica que copistas e tradutores das versões antigas tenham introduzido uma série de alterações, com o propósito de tornar o texto bíblico mais claro. Por exemplo, em vários manuscritos o verbo "serão encontrados" foi mantido, só que qualificado com outras palavras: duas versões (siríaca e copta) inserem o advérbio de negação, resultando no texto "não serão encontrados", e o papiro P72 acrescenta uma palavra, resultando em "serão encontradas dissolvidas". Outros manuscritos substituíram o termo por outro, mais claro e compreensível. Assim, o Códice Efraimita traz "desaparecerão", e muitos outros manuscritos dizem "serão destruídos pelo fogo", tais como o Códice Alexandrino, 33, 81, 1739 (leitura alternativa), além de vários manuscritos da versão siríaca. (Adaptado de COMFORT, 2008, p. 768; METZGER, 1994, p. 636-637; NET, 2017, p. 2.375; OMANSON, 2010, p. 519-520.)
"A natureza inusitada da expressão [*serão descobertas* em grego] certamente está de acordo com o estilo do autor ao longo deste pequeno livro [isto é, 2 Pedro]. Portanto, o que parece suspeito por causa de suas anormalidades, após uma averiguação mais minuciosa, está de acordo com as idiossincrasias estilísticas do autor. O significado do texto, portanto, é que todas as coisas, com exceção da Terra e das obras humanas, serão destruídas. Tudo será removido para que a humanidade encontre-se desnudada e exposta diante de Deus" (NET, 2017, p. 2.375).
a **3:11** Literalmente, *em santas condutas e piedades*.
b **3:12** Às vezes, interpretado como *esperando ansiosamente a vinda* (A21; CNBB; NVI; NRSV, margem, Watson-Callan). Também *antecipando sua*

de Deus! Por causa desse dia,[a] os céus serão desfeitos pelo fogo[b] e os elementos se derreterão pelo calor.[c] 13 Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça.

EXORTAÇÃO FINAL E DOXOLOGIA

14 Portanto, amados, visto que esperam[d] estas coisas, esforcem-se para serem encontrados[e] por ele em paz, sem mácula e sem culpa.[f][g] 15 E considerem como salvação[h] a paciência de nosso Senhor, como também o nosso amado irmão Paulo escreveu a vocês, segundo a sabedoria que lhe foi dada, 16 ao falar a respeito destes assuntos, como, de fato, costuma fazer em todas as [suas] cartas.[i] Nelas[j]

---

vinda (NVT).
a **3:12** Literalmente, *por causa do qual*.
b **3:12** Literalmente, *os céus, incendiados, serão desfeitos*.
c **3:12** Literalmente, *os elementos, abrasados, se derretem*.
d **3:14** Literalmente, *esperando*.
e **3:14** O mesmo termo grego é traduzido no v. 10 como *reveladas*.
f **3:14** Ou *irrepreensíveis*.
g **3:14** Ou *sem mácula, sem culpa e em paz*.
h **3:15** Isto é, *como oportunidade de salvação* (NAA; cf. NET, nota; NTLH, NVT).
i **3:16** Literalmente, *dada, como também [faz] em todas as [suas] cartas, falando nelas a respeito destas coisas*.
j **3:16** Literalmente, *cartas, nas quais*.

há certas coisas difíceis de entender, que os ignorantes[a] e instáveis distorcem,[b] como fazem também com as demais Escrituras, para a própria destruição deles.

17 Portanto, amados, sabendo disso antecipadamente, tenham cuidado para que não sejam arrastados pelo erro desses homens sem princípios[c] [e] caiam de sua posição segura.[d] 18 Pelo contrário, cresçam na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele [seja] a glória, tanto agora como no dia da eternidade.[ef]

---

a **3:16** Ou *aqueles que não têm instrução* (NAA; cf. Bauckham, CSB, NASB).
b **3:16** Ou *deturpam*.
c **3:17** A21; BLA, margem; NASB; NET; cf. NVI. Mais literalmente, *de iníquos*.
d **3:17** Ou *estabilidade*. Literalmente, *de [sua] própria firmeza*.
e **3:18** Isto é, *no dia eterno* (NAA, NET), *na eternidade* (A21).
f **3:18** Várias edições do Novo Testamento grego omitem *Amém* (Nestle, NTG5, Tischendorf, Weiss, Westcott-Hort), seguidas por algumas versões (CSB, NAA, NET; cf. Bauckham). *O Novo Testamento Grego*, 5ª edição, apresenta grau de certeza C para a omissão do termo. Outras edições do Novo Testamento grego dizem *Amém* (Bover, GNT3, Merk, NTG4, SBLGNT, THGNT, Tregelles). *O Novo Testamento Grego*, 3ª e 4ª edições, apresentam, respectivamente, grau de certeza D e C para a inclusão da palavra "amém" e a colocam entre colchetes, indicando dúvida quanto a sua autenticidade. Essa leitura é adotada pela maioria das versões (A21, BJ, BLA, CNBB, ESV, LEB, NASB, NIV, NLT, NRSV, NTLH, NVI, NVT, TEB).
A grande maioria dos manuscritos inclui a palavra "amém", como, por exemplo, o papiro P72, os Códices Sinaítico e Alexandrino, os importantes manuscritos 33 e 81, além de versões como a siríaca e a copta. No entanto, se esse termo tivesse feito parte do texto original, fica difícil explicar por que razão teria sido omitido em diversos manuscritos que preservam um texto bastante antigo, como o Códice Vaticano, os manuscritos 1175, 1241 e

1739, além de pais da igreja como Agostinho. Por outro lado, a inclusão da palavra é bastante lógica e natural.
Durante os primeiros séculos da história da igreja, quando poucos tinham o privilégio de possuir uma cópia das Escrituras, longos textos bíblicos eram lidos durante os cultos, atribuindo-se um caráter fortemente litúrgico aos manuscritos utilizados. Naturalmente, a maioria das doxologias cristãs terminam com a palavra "amém", como é o caso de todas as demais doxologias do Novo Testamento. Por essa razão, uma tendência marcante dos copistas era acrescentar a palavra "amém" no final dos livros do Novo Testamento. Dos 27 livros dessa parte da Bíblia, só três não costumavam ter essa expressão incluída nos manuscritos (Atos, Tiago e 3 João). No caso de 2 Pedro 3:18, é bem mais provável que copistas tenham acrescentado o termo ao se tratar de uma passagem que é, de fato, uma doxologia do que o autor tenha usado essa palavra e ela tenha sido removida posteriormente por copistas. (Adaptado de COMFORT, 2008, p. 769; METZGER, 1994, p. 637-638; NET, 2017, p. 2.376; OMANSON, 2010, p. 521.)

VI

SERMÕES EXPOSITIVOS EM 2 PEDRO

Nessa seção apresentarei oito esboços de sermões expositivos sobre 2 Pedro. O objetivo é ilustrar aos leitores como dividir a carta a fim de pregar seu conteúdo completo em uma série de oito pregações. Seja em formato das tradicionais semanas de oração, com sermões todos os dias por uma semana completa, ou em estudos separados de forma mais esparsa conforme a disponibilidade do pregado e da igreja.

O autor disponibilizará em seu canal oficial no *YouTube* uma gravação e vídeo de cada um dos oito sermões para ajudar os leitores a perceber como se prega a partir dos esboços. A ideia é incentivar a todos os pregadores que leram a obra, a pregar sua mensagem em suas igrejas e dividir esse conhecimento com os demais membros do corpo de Cristo, batalhando pela pureza da fé que foi à igreja cristã.

Sermão 1 – Esboço

Título: Pedro não tinha uma fé mais valiosa do que a dos demais cristãos

2 Pedro 2:1-2

1. **Simão Pedro**
   1.1 – Servo de Jesus Cristo
   1.2 – Apóstolo de Jesus Cristo
2. **Os que conosco obtiveram fé igualmente preciosa**
   2.1 – Na justiça de Deus
   2.2 – Na justiça do Salvador Jesus Cristo
3. **Graça e paz sejam multiplicadas**
   3.1 – No conhecimento de Deus
   3.2 – No conhecimento do Senhor Jesus Cristo

Sermão 2 – Esboço

Título: As coisas que conduzem à vida, à piedade e ao Reino eterno

Introdução: 2 Pedro 1:1-2 – recapitulação

2 Pedro 1:3-11

1. **Deus doa tudo o que conduz à vida e à piedade**
   1.1 – Pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para sua própria glória e virtude
   1.2 – Pelas promessas muito grandes e muito preciosas
   1.3 – Para que os homens fieis se tornem coparticipantes da natureza divina e sejam livres das corrupções que há no mundo
2. **Em resposta a Deus, o homem deve reunir toda sua diligência e:**
   2.1 – Associar à fé a virtude
   2.2 – Associar à virtude o conhecimento

2.3 – Associar ao conhecimento o domínio próprio

2.4 – Associar ao domínio próprio a perseverança

2.5 – Associar à perseverança a piedade

2.6 – Associar à piedade a fraternidade

2.7 – Associar à fraternidade o amor

3. **Se essas coisas existirem e aumentarem nos homens, eles:**

3.1 – Não serão inativos

3.2 – Não serão infrutuosos

3.3 – Não esquecerão da purificação dos seus pecados

3.4 – Confirmarão sua eleição

3.5 – Confirmarão sua vocação

3.6 – Não tropeçarão

3.7 – Terão a entrada no Reino eterno generosamente suprida

Sermão 3 – Esboço

Título: A morte da testemunha ocular e a confiabilidade da Palavra de Deus

Introdução: 2 Pedro 1:3-11 – recapitulação

2 Pedro 1:12-21

1. **Pedro antevê sua morte em breve, e por isso:**
   - 1.1 – Traz à memória essas coisas apesar de já conhecidas e já praticadas com firmeza
   - 1.2 – Desperta a igreja com admoestações enquanto está vivo
   - 1.3 – Deseja que a igreja se lembre de suas palavras depois de sua partida

2. **A poderosa vinda de Jesus Cristo não é fruto de:**
   - 2.1 – Mitos sofistas
   - 2.2 – Interpretações particulares de supostas visões e textos

3. A poderosa vinda de Jesus Cristo é confiável, pois:

3.1 – Sua glória foi objeto de testemunho ocular

3.2 – Ele recebeu honra e glória e reconhecimento do Pai

3.3 – Os profetas falaram movidos pelo Espírito Santo

Sermão 4 – Esboço

Título: Falsos profetas e falsos mestres

Introdução: 2 Pedro 1:12-21 – recapitulação

2 Pedro 2:1-3

1. **A obra dos falsos mestres**
   - 1.1 – Trarão heresias destrutivas
   - 1.2 – Negarão o Senhor que os resgatou
   - 1.3 – Trarão sobre si mesmos repentina destruição
   - 1.4 – Serão avarentos
   - 1.5 – Farão discursos fingidos com intenção de enganar
   - 1.6 – Farão da igreja um comércio
2. **Os ouvintes dos falsos mestres**
   - 2.1 – Muitos darão crédito às suas doutrinas dissolutas
   - 2.2 – O caminho da verdade será infamado por causa deles
3. **O destino dos falsos mestres**
   - 3.1 – Seu julgamento não tarda
   - 3.2 – Sua destruição não dorme

Sermão 5 – Esboço

Título: Deus sabe livrar, sabe punir e sabe condenar

Introdução: 2 Pedro 2:1-3 – recapitulação

2 Pedro 2:4-9

1. **Deus livrou**
   1.1 – Noé e sua família
   1.2 – Ló
2. **Deus puniu**
   2.1 – Os anjos que pecaram
   2.2 – O mundo antigo
   2.3 – Sodoma e Gomorra
3. **Deus pune e condenará**
   3.1 – Os anjos que pecaram
   3.2 – Os ímpios que viverem em pecado

Sermão 6 – Esboço

Título: Até onde o ser humano pode ir ao se afastar de Deus?

Introdução: 2 Pedro 2:4-9

2 Pedro 2:10-22

1. **Desprezo à autoridade**
    - 1.1 – Os ímpios desprezam a autoridade
    - 1.2 – Falam daquilo em que são ignorantes
    - 1.3 – Os anjos, embora superiores, não injuriam autoridades
2. **Imoralidade sexual**
    - 2.1 – Seguir após a carne
    - 2.2 – Entregar-se à paixões imundas
    - 2.3 – Orgias à luz do dia
    - 2.4 – Olhos cheios de adultério e insaciáveis
3. **Avareza**
    - 3.1 – Coração treinado para a ambição
    - 3.2 – Seguem o exemplo de Balaão, que amou o lucro da injustiça

4. Futilidade

4.1 – Atrevimento

4.2 – Presunção

4.3 – Não hesitam em blasfemar

4.4 – Comparáveis a animais irracionais

4.5 – Falam futilidades de forma jactanciosa

4.6 – Prometem liberdade, mas são eles mesmos escravos

4.7 – Se deixam vencer e seu estado se torna pior do que antes

Sermão 7 – Esboço

Título: O Dia do Senhor

Introdução: 2 Pedro 2:10-22

2 Pedro 3:1-10

1. **Os ímpios não se preparam para a vinda do Senhor**
    - 1.1 – Os ímpios escarnecem
    - 1.2 – Os ímpios levam vida desenfreada
    - 1.3 – Os ímpios questionam movidos por ceticismo
    - 1.4 – Os ímpios fingem não conhecer a revelação bíblica
2. **Os justos se preparam para a vinda do Senhor**
    - 2.1 – Os justos tem a uma mentalidade sadia
    - 2.2 – Os justos trazem à memória as coisas ditas pelos profetas
    - 2.3 – Os justos trazer à memória as coisas ditas pelos apóstolos

2.4 – Os justos entendem que o tempo é diferente para Deus

2.5 – Os justos sabem que o Senhor chegará de surpresa

3. A vontade de Deus

3.1 – Deus não quer que nenhum pereça

3.2 – Deus quer que todos cheguem ao arrependimento

Sermão 8 – Esboço

Título: Os deveres cristãos diante do fim de todas essas coisas

I**ntrodução**: 2 Pedro 3:1-10 – recapitulação

2 Pedro 3:11-18

1. **Alertas negativos**
   - 1.1 – Não distorcer as Escrituras
   - 1.2 – Não se deixar arrastar pelos erros dos ímpios
2. **Alertas positivos**
   - 2.1 – Vida santa e piedosa
   - 2.2 – Esforço para ser encontrado em paz
   - 2.3 – Esforço para ser encontrado sem mácula
   - 2.4 – Esforço para ser encontrado irrepreensível
   - 2.5 – Crescer na graça e no conhecimento de Jesus

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As doutrinas da imortalidade da alma e do castigo eterno criaram raízes profundas na imaginação e na tradição de muitos cristãos, a maioria deles inadvertidos da falta de fundamento de tais ideias e inconscientes das implicações de tais ensinos. Os motivos de as coisas terem sido assim na história da teologia cristã são relativamente compreensíveis.

Os primeiros seguidores de Jesus Cristo depois da geração apostólica, especialmente quando a igreja se tornou de maioria gentílica e avessa ao judaísmo, perderam grande parte do que seria necessário para se contraporem mais firmemente à antropologia grega. Além disso, convicções em torno de uma punição absolutamente cruel e infinda demonstraram ser bastante úteis para aqueles que precisavam justificar a fé cristã em sua esfera de influência e decidiram fazê-lo também pela vida do medo, pelos resultados pragmáticos advindos dessa decisão.

Além disso, a ideia de que a morte não é nada além de um sono inconsciente, do qual se acordará na ressurreição, termina implicando que a ressurreição ocorrerá tão logo a pessoa morra, pois ficar inconsciente por um segundo ou por milhares de anos é a mesma coisa da perspectiva de quem, de repente, acorda de volta à vida.

Os primeiros cristãos tiveram que lidar com as amplas implicações de seus discursos a respeito de Jesus Cristo como Deus e homem que morreu e ressuscitou. Essa ideia

contrariava praticamente todas as convicções dos gregos. Na visão pagã, deuses não são homens, nem se encarnam para se apresentar como se fossem homens, muitos menos morrem para depois ressuscitar. Mesmo os homens, supostamente feitos de corpo e alma, ao morrerem se viam como almas libertas para uma vida melhor, num mundo imaterial/espiritual. Voltar ao corpo pela ressurreição era uma perspectiva que só merecia o escárnio na visão da maioria.

Assim, se estabelece que a igreja tinha problemas mais graves e mais urgentes para tratar na sua missão de pregar a Cristo como Senhor e Salvador, Deus-homem morto e ressurreto para redimir o homem do pecado e da morte com vistas à vida eterna.

A contradição entre a suposta alma imortal do homem e a oferta da vida eterna no contexto e nos termos do evangelho não foi percebida imediatamente pela maioria. Logo depois, já era tarde demais, e a crença na imortalidade da alma, tomada emprestada do paganismo, encontrou guarida com facilidade no pensamento cristão. O tormento eterno dos perdidos acrescentou urgência e gravidade à ideia, e as duas doutrinas foram descritas de forma enganosa, como se fossem verdades bíblicas e cristãs ortodoxas. Um desastre.

O catolicismo romano terminou usando ambas as ideias para desenvolver uma complexa estrutura doutrinária cuja visão a respeito da imortalidade da alma e do

castigo eterno passou a incluir a adoração/veneração de imagens de pessoas mortas invocadas em favor dos vivos e do purgatório a fim de suavizar a gravidade do inferno eterno nas mentes mais sensíveis, o que veio a demonstrar ser boa fonte de lucro com as indulgências em desdobramentos históricos posteriores.

O protestantismo confrontou Roma em muitos particulares, mas à altura do século 16 os erros eram grandes e entranhados demais para serem extirpados de uma única vez. Assim, muitos protestantes, ocupados com questões teológicas que lhes pareciam mais importantes, inadvertidamente mantiveram a noção da imortalidade da alma como se fosse bíblica, usando praticamente os mesmos textos que os católicos usam para defender a doutrina do purgatório, agora para defender a ideia do chamado estado intermediário no qual a alma iria vagar fora do corpo em contextos de sofrimento ou glória, antes da ressurreição.

Todavia, a ênfase protestante no estudo da Bíblia faria com que mais cedo ou mais tarde o tema viesse a ser rediscutido. E pela Palavra de Deus seria impossível defender a ideia da imortalidade da alma e do castigo eterno, a não ser como fruto de uma postura fortemente eisegética com vistas a defender uma tradição pré-estabelecida, ou seja, uma postura que impõe aos textos bíblicos significados que lhe são externos para dar contornos bíblicos a ideias preconcebidas.

A maioria dos cristãos, porém, parecem estar satisfeitos com o paradigma da imortalidade da alma, naquilo que o julgam como correto, justo e confortável por dar a ideia de que os mortos estão, na verdade, vivos em algum lugar espiritual. Também o castigo eterno parece justo ao cristão comum, especialmente porque lhe ajuda a perseverar na fé a fim de evitar os horrores que serão infligidos eternamente somente aos outros, não a ele, supõe-se.

Dessa forma, lutar para desmascarar as doutrinas da imortalidade da alma e do castigo eterno, cuja história é obviamente mais complexa do que o resumo acima, é uma necessidade, mas também uma missão inglória em certo sentido. Líderes e membros das igrejas de forma geral parecem cegos às implicações de tais conceitos. Pior, parecem ver sentido, beleza, justiça e ortodoxia quando admitem e repercutem tais compreensões. O quadro é humanamente desalentador, confesso.

Ocorre que o Espírito Santo não nos deixou sozinhos nesta batalha. Munidos da Palavra de Deus, somos capazes de demonstrar que o uso imortalista dos textos de 2 Pedro infere sobre o texto o que nele simplesmente não existe. Além de não enxergar nele o que ali está claramente presente.

Não existem almas desencarnadas de seus corpos em sofrimento no inferno após a morte e antes da ressurreição em nenhum lugar no texto de 2 Pedro. Incrível é a coragem

de líderes religiosos em pretender defender algo dessa natureza, conduzindo seus rebanhos ao erro e ao engano.

Naturalmente, não posso, nem devo, me colocar na posição de juiz da salvação ou perdição das pessoas em função de desvios dessa natureza. Todavia, posso e devo alertar a todos de que as doutrinas da imortalidade da alma e do castigo eterno carregam implicações heréticas de graves consequências contra o evangelho de Jesus Cristo, tal qual ele está registrado na Palavra inspirada.

Dessa forma, nossa jornada de estudos a respeito de 2 Pedro, com um foco especial nas questões relativas às doutrinas da imortalidade da alma e do castigo eterno, chega ao fim. A sensação de dever cumprido é recompensadora, devo confessar. Ainda assim, meu coração já borbulha de ideias para projetos futuros. Quem topa me ajudar?

Olhando ao passado recente por um momento, porém, o que vejo são muitas horas de trabalho duro para oferecer a todos um material interessante, compreensível, profundo e iluminador.

Nas páginas acima estão condensadas conhecimentos preciosos, não por representarem opiniões deste mero pecador tão indigno quanto estudioso da Bíblia ou de uma denominação cristã, no mínimo controversa, mas por representarem verdades bíblicas negligenciadas e esquecidas da maioria dos cristãos e que precisam ser resgatadas

e colocadas diante do povo que carece dessa instrução e da luz que dela brilha.

Poder tocar nessas questões com vistas ao esclarecimento e edificação dos leitores é um privilégio para mim, de maneira que tenho muito a agradecer a Deus ao final de mais esse esforço para produzir teologia adventista de qualidade no Brasil, algo sempre acompanhado de muitos desafios.

Uma palavra especial de apreço é dirigida também aos leitores que não partilham dos mesmos pressupostos e mesmas conclusões do autor, mas que tiveram coragem de me acompanhar até aqui e perseveraram em entender o pensamento do outro, mesmo que seja com o objetivo de melhor embasar sua discordância em torno da interpretação dos textos e dos temas. O diálogo não termina aqui.

Um livro cuja concepção nasceu de forma bastante despretensiosa no meu coração hoje é um material ousado à disposição das pessoas interessadas em saber mais da Palavra de Deus. O resultado prático do sonho inicial é um material com uma abordagem ampla e diferente do usual na área bíblica. Tratamos do texto original, da tradução, da análise léxico-sintática de textos-chaves, do comentário teológico da carta completa, de uma abordagem temática resumida, e de uma série de sermões a serem reverberados em centenas ou milhares de púlpitos físicos e virtuais da igreja.

Ainda que eu não pretenda agradar a todos, especialmente os mais críticos, entendo que estou justificado ao descansar na certeza de que os estudantes desse livro terminarão sua leitura com perspectivas espirituais mais ricas do que antes de se dedicarem ao conteúdo de suas páginas. Contem sempre comigo, enquanto eu tiver vida.

Durante a escrita do livro, lembrei que 2 Pedro 1:3-11 é o texto bíblico que eu mais preguei em toda a minha vida, e isso por inúmeras razões. Mas jamais imaginei que um dia me dedicaria à teologia da carta completa da forma como o fiz e iria aprender tanto sobre seu contexto, conteúdo e temas em geral.

Os temas da imortalidade da alma e do castigo eterno, por sua vez, acompanham minhas reflexões desde muito tempo e por vários motivos, e ofereço minhas perspectivas sobre tais questões, não meramente para polemizar, mas para auxiliar pessoas a entender melhor o sentido das imagens bíblicas a respeito de tais temas cruciais, complexos e profundos.

Pedro, devo dizer, não é o que eu chamaria de meu "personagem" favorito da Bíblia, conquanto jamais tenha nutrido percepções especialmente negativas contra ele em particular, mas admito que o presente material me ajudou a vê-lo mais atentamente e de forma mais intensa.

Vi um homem consciente de estar se aproximando da morte, mas com lucidez, coragem, conhecimento, ousadia, consciência de seu papel de líder, mas também de seu papel de liderado por Jesus.

Entendi que Pedro amou Cristo que o amou primeiro. E entendi que ele desejou que seus leitores e leitoras tivessem a mesma experiência. Percebi que o discípulo inconstante, tagarela, violento, diabólico, traidor e hipócrita morreu bem antes de escrever a carta. Isso foi quando nasceu o apóstolo.

Pedro nunca foi perfeito, nem demandou perfeição de ninguém. Mas sempre foi intenso, quando acertou e quando errou. 2 Pedro foi um acerto. Um documento de fé, de amor, de ortodoxia, de alerta, de profecia, de interpretação bíblica, de reconhecimento do apostolado de Paulo, de graça, de paz, de refutação e denúncia do erro e do pecado, de conhecimento de Deus e de Jesus Cristo, e de anúncio da segunda vinda.

A linguagem da carta carrega suas dificuldades, o ex-pescador judeu precisou se comunicar com o mundo helenizado, e é consenso entre os estudiosos que ele pediu ajuda, mas apesar de alguns não o terem compreendido muito bem, vislumbrei que isso não foi assim tanto por causa dos defeitos do apóstolo ou de seus assistentes, mas devido às agendas e sensibilidades dos próprios leitores.

No caminho que parte da fé e se manifesta até o amor verdadeiro Pedro foi aluno e professor. Até seus maus exem-

plos ensinam, mas foram o zelo, a confiança, a transformação e o poder espiritual de quem prega o evangelho cheio do Espírito Santo que ensinaram mais e prevaleceram ao final.

Pedro não tinha para onde ir. Cristo tinha (e tem!) as palavras da vida eterna. Pedro permaneceu com Ele, e após alguns altos e muitos baixos se dedicou a nos ensinar a permanecer com Jesus. A nós que também não temos para onde ir a não ser para os braços do Filho do Deus.

Termino, portanto, meu livro da mesma forma como iniciou Pedro sua segunda carta, invocando a graça e paz sobre todos vocês, para que sejam multiplicadas na vida de todos no pleno conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

MANUSCRITOS ANTIGOS E TEXTO GREGO

Figura 1. O papiro P72, escrito em torno de 300 d.C., contém o mais antigo texto preservado de 1 e 2 Pedro e Judas. Adquirido no Egito em 1955 por M. Martin Bodmer, encontra-se atualmente na Biblioteca Bodmeriana de Literatura Mundial, em Genebra, Suíça.

Figura 2. O Códice Vaticano, escrito no início do quarto século, contém a maior parte do Novo Testamento. É considerado o mais valioso de todos os manuscritos gregos do Novo Testamento. É o que contém, proporcionalmente, o menor número de erros escribais e, portanto, o que está mais próximo do texto original. Encontra-se na Biblioteca Vaticana, Cidade do Vaticano.

Figura 3. Final de 1 Pedro e início de 2 Pedro no Códice Vaticano.
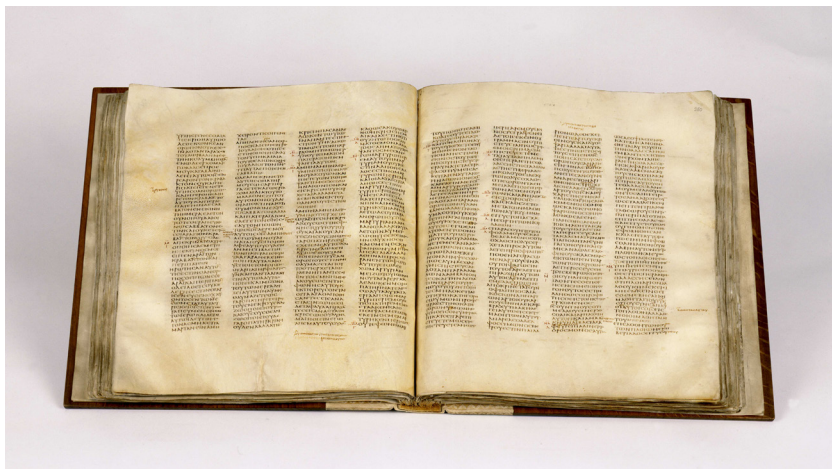
Figura 4. O Códice Sinaítico, escrito no início do quarto século, é o mais antigo manuscrito a conter todo o Novo Testamento. Descoberto em 1844 por Constantin von Tischendorf, a maior parte de suas folhas se encontram atualmente na Biblioteca Britânica, em Londres, Inglaterra. É considerado um dos mais valiosos dentre os manuscritos do Novo Testamento, devido à qualidade do seu texto, bastante próximo do original.
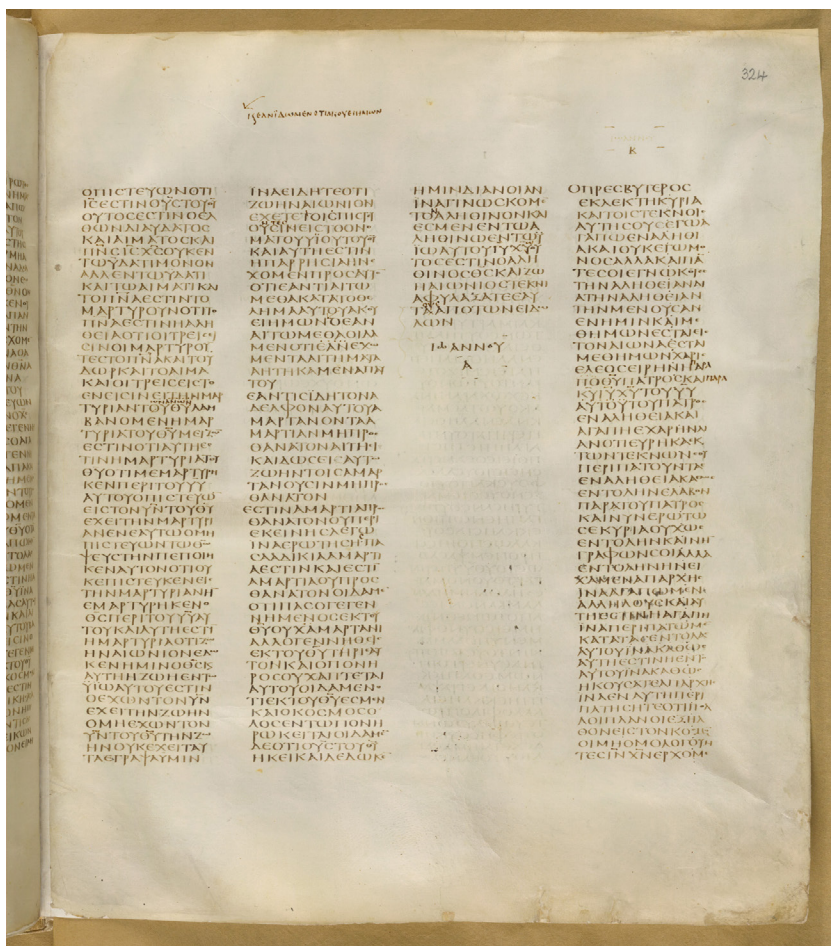
Figura 5. Final de 1 João e início de 2 João no Códice Sinaítico.
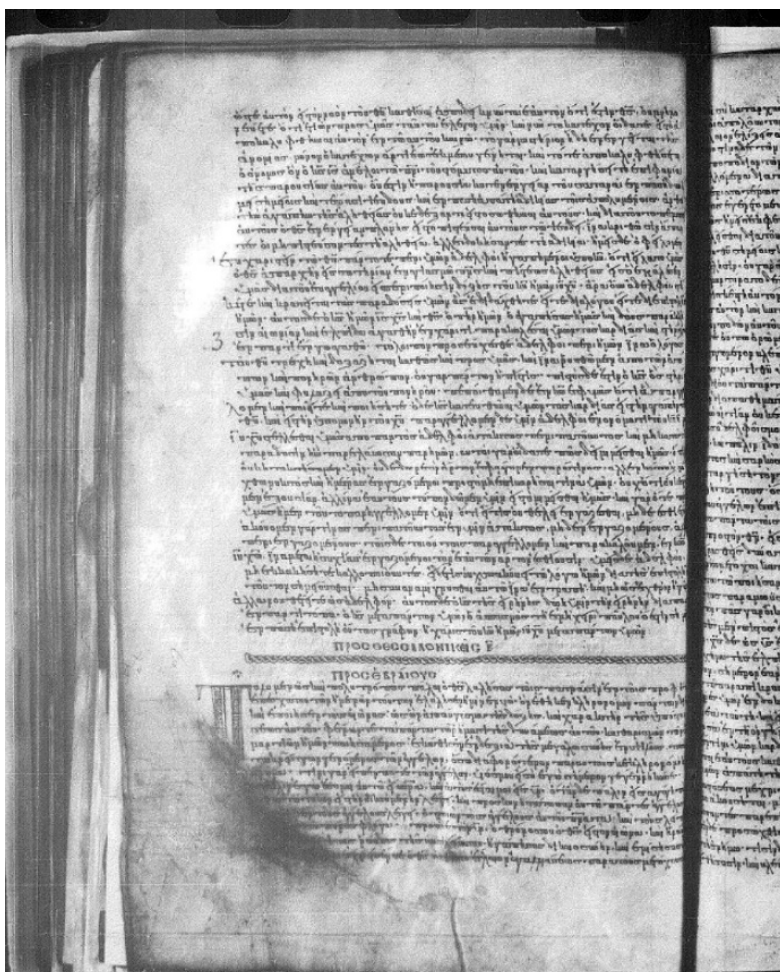
Figura 6. O minúsculo 33, apesar de escrito no nono século d.C., preserva um texto bastante antigo, comparável ao do Códice Vaticano. Identificado no início do século 19 como o "rei dos cursivos" (ou "rei dos minúsculos"), encontra-se atualmente na Biblioteca Nacional de Paris, França.

ʻΠΕΤΡΟΥ ΕΠΙΣΤΟΛΗ ΔΕΥΤΕΡΑʼ

Act 15,14 · Jc 1,1! · Act 11,17! · 11! Tt 2,13 · 1P 1,2! · 3.8; 2,20; 3,18 · Kol 1,9s · 2! · 1P 2,9; 5,10 · 17 · 3,13 · 2,18.20 · E 4,22 · Jd 3 · 11 · *5b-7:* G 5,22!

1 Συμεὼν Πέτρος δοῦλος καὶ ἀπόστολος Ἰησοῦ Χριστοῦ τοῖς ἰσότιμον ἡμῖν λαχοῦσιν πίστιν ʻἐν δικαιοσύνῃʼ τοῦ ⸀θεοῦ ἡμῶν καὶ σωτῆρος Ἰησοῦ Χριστοῦ, **2** χάρις ὑμῖν καὶ εἰρήνη πληθυνθείη ἐν ἐπιγνώσει ʻτοῦ θεοῦ καὶ Ἰησοῦ τοῦ κυρίου ἡμῶνʼ. *1*

3 Ὡς ⸆ πάντα ἡμῖν τῆς θείας δυνάμεως αὐτοῦ τὰ πρὸς ζωὴν καὶ εὐσέβειαν δεδωρημένης διὰ τῆς ἐπιγνώσεως τοῦ καλέσαντος ἡμᾶς ʻἰδίᾳ δόξῃ καὶ ἀρετῇʼ **4** δι᾽ ὧν τὰ ⧫ʻτίμια καὶ μέγιστα ἡμῖν ἐπαγγέλματαʼ δεδώρηται, ἵνα διὰ τούτων γένησθε θείας κοινωνοὶ φύσεως ἀποφυγόντες ⧫ʻτῆς ἐν τῷ κόσμῳ ἐν ἐπιθυμίᾳ φθορᾶςʼ. **5** καὶ ⧫ʻαὐτὸ τοῦτο δὲʼ σπουδὴν πᾶσαν παρεισενέγκαντες ἐπιχορηγήσατε ἐν τῇ πίστει ὑμῶν τὴν ἀρετήν, ἐν δὲ τῇ ἀρετῇ τὴν γνῶσιν,

Inscriptio: ʻΠετρου δευτερα ℵ^{1} B^{2} ¦ Πετρου καθολικη δευτερα επιστολη 18 ¦ – ℵ* B* ¦ *txt* $\mathfrak{P}^{72}$ C

¶ **1,1** ʻεις δικαιοσυνην ℵ | ⸀κυριου ℵ Ψ 442 sy^{ph} sa • **2** ʻτου θεου και (+ σωτηρος 442) Ιησου Χριστου του κυριου ημων ℵ A 307. 442. 1735. 1739. 2492 r? vg^{mss}? bo ¦ του θεου και Χριστου Ιησου του κυριου ημων 5. 33. 81. 436. 642. 2344 r? vg^{mss}? vg^{cl} ¦ του θεου Ιησου του κυριου ημων $\mathfrak{P}^{72}$ ¦ του κυριου ημων Ιησου Χριστου 1611 sy sa^{ms} ¦ του κυριου ημων P Ψ 1175. 1852 vg$^{st.ww}$ ¦ του θεου ημων 1243 ¦ *txt* B C 1448 Byz • **3** ⸆τα ℵ A Ψ 5. 33. 81. 1611. 1735. 2344; Did | ʻδια δοξης και αρετης $\mathfrak{P}^{72}$ B 5. 642. 1175. 1448. 1611. 2492 Byz • **4** ʻ⧫ τιμια ημιν και μεγιστα επαγγελματα ℵ 642 Byz sy^{h}? ¦ τιμια και μεγιστα επαγγελματα ημιν $\mathfrak{P}^{72}$ sy^{h}? ¦ μεγιστα και τιμια ημιν επαγγελματα C P 5. 33. 81. 307. 1175. 1243. 1739. 2344 (h) vg ¦ μεγιστα και τιμια υμιν (υμων Ψ) επαγγελματα A Ψ 442. 1735 sy^{ph} ¦ μεγιστα ημιν επαγγελματα 2492 ¦ *txt* B 436. 1448. 1611. 1852 | ʻτην εν τω κοσμω επιθυμιαν φθορας (φθοραν $\mathfrak{P}^{72}$) $\mathfrak{P}^{72}$ ℵ ¦ της εν τω κοσμω επιθυμιας και φθορας 1611. 1852 sy^{h}? ¦ ⧫ της εν κοσμω εν (–2344) επιθυμια φθορας 307. 436. 442. 642. 1448. 1735. 2344. 2492 Byz lat? ¦ της εν κοσμω επιθυμιας φθορας 33. 81 sa^{mss} bo cv^{vid} ¦ της εν κοσμω επιθυμιας και φθορας C Ψ 5. 1175. 1243. 1739 sy^{h}? ¦ *txt* A B lat? (*incert.* P) • **5** ʻ⧫ αυτο δε τουτο ℵ C^{2} Ψ 5. 33. 81. 307. 442. 642. 1448. 1611. 1739. 1852. 2344 Byz^{pt} sy ¦ αυτο τουτο 1243 bo ¦ αυτοι δε A 1735 latt ¦ αυτοι δε τουτο 436 ¦ *txt* $\mathfrak{P}^{72}$ B C* P 1175. 2492 Byz^{pt}

Figura 7. Primeira página de 2 Pedro na 28ª edição do Novo Testamento grego de Nestle-Aland, publicado em 2012. Produzida pelo Instituto de Pesquisa Textual do Novo Testamento, em Münster, Alemanha, é a edição acadêmica mais respeitada do Novo Testamento grego. Ela é publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil, com introdução e aparato crítico em português.

APÊNDICE 2

TEXTOS BÍBLICOS USADOS NO LIVRO FORA DE 2 PEDRO

Gênesis 1:2, 6-9, 26-5:5; 2:16-17; 2:7; 3:1-15; 4:9-10; 6:1-4; 7:1, 11-21; 8:18; 35:18-19; 47:30

Levítico 17:11

Números 22:7, 28; 24:17

Deuteronômio 28:1; 31:16

2 Samuel 7:12

1 Reis 17:21-22

2 Reis 4:20

1 Crônicas 17:11

2 Crônicas 9:21

Jó 1-2; 21:13

Salmos 16:10; 37:20; 49:15; 57:4; 90:1-2, 5-6; 92:7; 106:9; 115:17; 119:105

Provérbios 2:10; 11:18; 22:8-9; 25:14; 26:11

Eclesiastes 9:5-6, 10; 10:16; 12:7

Isaías 5:11; 14:18; 26:19; 53:12; 60:21; 63:3; 65:17; 66:22

Lamentações 2:21

Ezequiel 18:4; 31:18

Daniel 12:1-3

Habacuque 2:3

Oseias 8:7

Mateus 3:3, 13-17; 4:1-11; 7:13; 8:28-34; 10:28; 12:28; 16:28; 17:1-8; 24:10-28; 25:46; 26:38; 27:52; 28:13

Marcos 1:2, 4, 9-11; 2:5, 21-28; 3:13; 8:34-38; 9:2-8, 42-48; 10:28-31; 13:32-37; 14:14, 34; 16:19

Lucas 2:11; 3:4, 21-22, 23-38; 7:19; 8:26-34; 9:28-36; 12:4, 49; 16:19-31; 21:14-19; 22:45; 23:43

João 1:23, 32-34; 4:42; 5:28-29; 8:44; 10:35; 11:11-15; 14:16-26; 17:2, 14-22

Atos 1:7, 20-21; 2:24-36; 5:1-4; 7:60; 8:20; 10:1-18; 13:36; 15:6-11; 17:29; 20:29; 26:18

Romanos 1:1-4, 26-27; 2:4, 6; 3:24; 5:1,6, 12-21; 6:23; 8:34; 9:22, 27-33; 10:4-18; 13:11-14; 14:9, 15; 15:4-6; 16:20

1 Coríntios 4:7, 9; 7:39; 8:11; 11:30; 15:3, 6, 18, 20, 26, 43-44, 50-55

2 Coríntios 5:1-10, 14-15; 10:5, 13; 11:19-23

Gálatas 2; 3:11; 6:7-10

Efésios 2:8-10; 6:10-16

Filipenses 1:21-24, 28; 3:2, 17-21

Colossenses 2:8,10, 16-23; 3:1-17; 4:12

1 Tessalonicenses 4:13-18; 5:9-10

2 Tessalonicenses 2:1-12

1 Timóteo 4:1; 6:3-10, 14-16

2 Timóteo 1:10; 2:16-23; 3:1-5; 4:6

Tito 2:14

Tiago 2:1-12, 13, 14-26; 3:6-18; 4:17; 5:20

1 Pedro 1:2, 5, 18,19, 20; 2:9, 12; 3:2, 18; 4:3; 5:3

Hebreus 2:8; 6:4-6; 10:26-31, 39; 11:6; 12:11-13, 14, 24; 13:1

1 João 1:9; 3:2-6, 16; 5:11

Judas 6, 7, 11, 25

Apocalipse 2:14-15, 20-23; 6:9-11; 12:7-12; 17:8, 11; 14:10-11; 20:1-3; 5-6, 9, 10, 11-15; 22:12

APÊNDICE 3

APOSTASIA HOJE: UMA RESPOSTA A AUGUSTUS NICODEMUS SOBRE 2 PEDRO 2:1

O contexto da produção deste livro está bastante conectado com o início da pandemia global da Covid-19. Neste contexto, o distanciamento social fez com que as igrejas tivessem que se reorganizar para manterem o mínimo funcionamento, agora mais no ambiente digital do que nunca.

Nesse contexto, se popularizaram as chamadas *lives*, que são transmissões ao vivo de programas de qualquer natureza. Num desses programas, Augustus Nicodemus fez uma declaração bastante interessante sobre sua interpretação do texto de 2 Pedro 2:1. Conquanto o contexto tenha sido relativamente informal, creio que a posição do renomado teólogo reflete seu estudo prévio do texto, de maneira que irei tratar suas falas como sendo representantes de sua convicção teológica, de fato, e não como um pensamento construído de surpresa.

Para melhor contextualizado o leitor, irei explicar um pouco melhor o que Nicodemus disse e em que contexto. A *live*, chamada de "Sinais de apostasia: a apostasia hoje

– Augustus Nicodemus e Leandro Lima", foi publicada dia 21 de março de 2020 na plataforma de vídeos *Youtube* (disponível em https://bit.ly/3erIgIN). O momento era de perguntas e respostas com alunos de um instituto reformado de educação teológica. Ali surgiu uma pergunta sobre o sentido de 2 Pedro 2:1, especialmente no que tange à ideia de que os falsos mestres referido na passagem "renegarem o Soberano Senhor, que os resgatou", imagem que aparentemente desafia a compreensão soteriológica calvinista.

Decidi registrar e responder a posição do Augustus Nicodemus neste livro, mesmo que o tema seja secundário em relação aos tópicos principais aqui. A minha ideia é que é importante aproveitar o espaço de estudo mais amplo de 2 Pedro e dedicar algumas páginas para considerar uma questão importante: 2 Pedro 2:1 implica em perda da salvação da parte dos falsos mestres que vieram a renegar a Jesus?

Resumidamente, a resposta de Augustus Nicodemus foi na direção de que, de sua perspectiva, essa passagem é "muito difícil e desafiadora". A razão para tanto é que existem várias possibilidades de interpretação desse trecho, que o teólogo calvinista, simplificando, vai dividir em duas ideias principais. A primeira seria de que haveria em 2 Pedro 2:1 a ideia de que Cristo resgatou pessoas, morrendo por elas e pagando o pecado delas, livrando-as da condenação eterna, fazendo delas filhas de Deus, mas, depois, essas

pessoas, usando seu arbítrio, viraram as costas e tudo o que Cristo e o Espírito Santo fizeram por essas pessoas, mesmo tendo as regenerado e lhes dado uma nova natureza. Mas, ao final, prevalece o desejo e arbítrio humano, e essas pessoas voltam à vida antiga de forma que toda a obra do Deus triúno é desfeita pela vontade do homem. No final, se estaria dizendo que Deus preparou a salvação completa, mas o homem pode estragar tudo isso. Essa opção de interpretação é vista como equivocada e inviável em última análise, indo contra tudo o mais que a Bíblia diz.

A segunda interpretação, à qual Augustus Nicodemus subscreve seria de que os apóstolos não sabiam diferenciar, dentre os membros da igreja, quais eram salvos (predestinados/eleitos) e quais não eram salvos (preteridos/réprobos). Todos os membros da igreja um dia haviam professado a Cristo e sido batizados, e teoricamente teriam sido resgatados, perdoados, aceitos e se tornado filhos de Deus. A linguagem dos escritores bíblicos é a linguagem da profissão pública de fé. Eles diziam que quem voltasse atrás estaria abandonando Aquele que os resgatou. O resgate, nesse contexto, seria o ato público em que a pessoa diz crer em Deus, é batizada e professa sua fé. Mas depois ela se desvia. Por isso, Pedro diz que tais pessoas estão negando o Senhor que as resgatou. Ou seja, aquele Senhor que um dia elas professaram que era o seu Salvador e que havia mor-

rido por elas. Então, essa linguagem pública nos ajuda a entender passagens complicadas como 2 Pedro 2:1 e outras. Esse texto (e os demais) estariam se referindo a pessoas que professaram a fé, mas não quer dizer que elas eram crentes cuja conversão fora verdadeira. Mas apenas que um dia a pessoa professou a fé, e é isso que Pedro afirma ao dizer que elas estão renegando o Senhor que as "resgatou", que um dia elas disseram ser o seu Salvador. Nicodemus diz preferir essa segunda explicação à outra, pois em sua perspectiva a outra é mais complicada.

Pois bem. Vamos agora ao melhor espírito bereano avaliar se as coisas são realmente assim. A principal questão que deve ficar clara aos leitores sobre a posição do teólogo calvinista é que ela implica em uma diferença entre o que Pedro diz ter acontecido (o Senhor os resgatou), com o que de fato aconteceu (pessoas que não foram resgatadas, mas um dia enganosamente professaram terem sido resgatadas). Esse é o ponto primordial da questão levantada por Nicodemus.

A posição de Nicodemus ilustra bem as táticas que os teólogos podem adotar quando se deparam com um texto bíblico, ao qual eles supostamente não querem negar, mas que vai contra sua convicções doutrinárias.

Nesse exemplo específico, Nicodemus acaba defendendo que Pedro não se expressou muito bem ao afirmar que os falsos mestres estavam negando o Soberano Senhor que

os resgatou. A imagem é profundamente irônica para um calvinista, uma vez que é exatamente sua interpretação da soberania de Deus que lhe impede de aceitar o texto. Explico.

O calvinista imagina que a doutrina da soberania de Deus exige que Deus não possa ser resistido. Dessa forma, se Deus resgata uma pessoa, essa pessoa não pode posteriormente negá-Lo como seu resgatador ou vir a desfazer a obra do resgate na prática, no final das contas.

Assim, na mentalidade calvinista, não é verdade que Deus *resgatou* os falsos mestres. A verdade é que eles *nunca* foram resgatados. E a apostasia deles apenas revela que achavam que tinham sido resgatados, mas se enganaram.

Ocorre que há um pequeno obstáculo diante de Augustus Nicodemus e de todo aquele que concordar com ele: o texto bíblico de 2 Pedro 2:1. O texto não permite a interpretação segunda a qual Deus *não* resgatou os falsos mestres. Pelo contrário. Essa não é uma interpretação do texto, mas sim uma negação do texto sob o pretexto de bem interpretar.

A evidência textual, todavia, é inquestionável. Tanto que Nicodemus não apela para a tradução do texto ou para algo no contexto a fim de embasar sua percepção. Ele simplesmente parte do pressuposto de que o texto *não pode querer dizer* com seriedade o que de fato ele diz, e subscreve a uma saída que só convence quem não se importa com a distorção do sentido óbvio do verso.

A passagem de 2 Pedro 2:1 afirma, sim, que o Senhor resgatou os falsos mestres, que agora estavam introduzindo heresias destruidoras na igrejas, renegando a Deus e o resgate realizado em seu favor por Cristo. Todavia, mesmo aqui a Bíblia mantém a ideia de que Deus é soberano, indicando que a situação toda ocorre, não porque o homem seja mais forte do que Deus numa luta espiritual, mas porque Deus permite ao homem escolher inclusive o que é contra a Sua vontade, pelo menos até certo limite. Esse, inclusive, é o fundamento da existência do pecado, que de outra forma só poderia existir sendo da vontade de Deus, e se assim fosse, o Senhor deixaria de ser santo, justo e bom em função da existência do pecado.

Dessa forma, 2 Pedro 2:1 nos ajuda a vislumbrar uma falha fundamental na percepção dos calvinistas modernos quanto às doutrinas da soberania de Deus, da expiação e da apostasia, no mínimo. O texto de Pedro é tão forte e nítido que mesmo João Calvino, mentor espiritual de muitas das ideias de Augustus Nicodemus, disse ao comentá-lo que "eles [os falsos mestres], que se livram de todo freio e se entregaram a todo tipo de licenciosidade, não são descritos injustamente como tendo *negado a Cristo, por quem eles foram redimidos*" (CALVIN, 2002, sobre 2Pe 2:1, grifo nosso).

Nicodemus poderia dizer que não segue seu mentor em todos os entendimentos, e que ele não é infalível. Ocor-

re que, pelo menos nesse ponto, até João Calvino é capaz de perceber que seria desonesto com o texto interpretá-lo como se ele referisse a algo injusto ou equivocado. E é exatamente isso o que faz o teólogo calvinista que infere algo que Pedro deveria ter dito, para negar aquilo que Pedro disse.

Os falsos mestres negaram o Senhor que os resgatou. Em nenhum momento a ideia é que eles tenham imaginado equivocadamente que o Senhor os havia resgatado, quando esse não era o caso. Numa hipótese como essa, inclusive, a culpa da apostasia poderia ser atribuída a Deus e não aos apóstatas. Eles poderiam ser defendidos ao se perceber que não poderiam perseverar uma vez que Cristo não os havia resgatado. Assim, eles teriam uma desculpa para seu pecado.

Ao colocar a questão da forma como o fez, Pedro não abre espaço para as convicções calvinistas de nenhum lado. Ele não minimizou a soberania de Deus, não colocou o homem acima do Senhor, mas também não negou o resgate realizado por Cristo e a liberdade do homem em negar esse resgate feito em seu favor.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA – COMENTÁRIO EXEGÉTICO E TEOLÓGICO

LIVROS, COMENTÁRIOS E ARTIGOS

BAUCKHAM, Richard J. *Jude, 2 Peter.* Word Biblical Commentary, v. 50. Waco: Word, 1983.

BLACK, A.; BLACK, M. C. *1 & 2 Peter.* College Press NIV Commentary. Joplin: College Press, 1998.

BLACK, M. C. *Luke.* College Press NIV Commentary. Joplin: College Press, 1996.

CARSON, D. A. “2 Pedro.” In: BEALE, G. K.; CARSON, D. A. *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento.* São Paulo: Vida Nova, 2014.

CARSON, D. A. (Ed.). *New Bible Commentary.* Downers Grove: InterVarsity, 1994.

CHOUINARD, L. *Matthew.* College Press NIV Commentary. Joplin: College Press, 1997.

CLARKE, A. *First Kings.* Clarke’s Commentaries. Albany: Ages Software, 1999.

CONSTABLE, Tom. *Expository Notes on the Bible.* Galaxies Software, 2003.

DEVIVO, Jenny. *2 Peter 2:4-16: The Redaction of the Biblical and Intertestamental References Dependent on Jude 5-11 and Their Overall Significance for the Document.* Dissertations. Paper 1079, 2014.

EVANS, C. A. *Mark 8:27–16:20*. Word Biblical Commentary, v. 50. Dallas: Word, 2002.

HAUBECK, Wilfrid; VON SIEBENTHAL, Heinrich. *Nova Chave Linguística do Novo Testamento Grego: Mateus – Apocalipse.* São Paulo: Targumim; Hagnos, 2009.

HINDSON, Edward E.; KROLL, Woodrow M. *The KJV Bible Commentary.* Nashville: Thomas Nelson, 1994.

KELLY, J. N. D. *A Commentary of the Epistles of Peter and of Jude*. Black's New Testament commentaries. Londres: Adam & Clark Black, 1969.

KNIGHT, Jonathan. *2 Peter and Jude*. New Testament Guides. Sheffield Academic Press, 1995.

KRUGER, Michal J. "The Authenticity of 2 Peter." *Journal of the Evangelical Theological Society*, v. 42 (1999): p. 645-671.

LOUW, J. P.; NILDA, E. A. *Greek-English Lexicon of The New Testament: Based on Semantic Domains.* Nova York: United Bible Societies, 1996.

LUKASZEWSKI, A. L. *The Lexham Greek New Testament Glossary.* Logos Research System, 2007.

MCGRATH, A. *Heresia: uma história em defesa da verdade.* São Paulo: Hagnos, 2014.

METZGER, Bruce M. *A Textual Commentary on the Greek New Testament.* 2ª ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.

MILLS, M. *Revelations: an Exegetical Study of the Revelation to John.* Dallas: 3E ministries, 1987.

MURPHY, R. *Ecclesiastes.* Word Biblical Commentary. Dallas: Word, 2002.

NOLLAND, J. *Luke 18:35–24:53.* Word Biblical Commentary. Dallas: Word, 2002.

RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. *Chave linguística do Novo Testamento Grego.* São Paulo: Vida Nova, 1995.

SILVA, M. *Philippians.* Baker Exegetical Commentary on the New Testament. Grand Rapids: Baker, 2005.

SWETE, H. B. *The Apocalypse of St. John*. Nova York: Macmillan, 1907.

THIELMAN, FRANK. **Teologia do Novo Testamento**: uma abordagem canônica e sintética. São Paulo: Shedd, 2007.

WALVOOD, J. F.; ZUCK, R. B. *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of Scriptures*. Wheaton: Victor Books, 1983.

BIBLIOGRAFIA – TEXTO GREGO E TRADUÇÃO ANOTADA

NOVO TESTAMENTO GREGO

ALAND, Kurt; BLACK, Matthew; MARTINI, Carlo M.; METZGER, Bruce M.; WIKGREN, Allen (Eds.). *The Greek New Testament*. 3ª ed. Nova York: United Bible Societies, 1975.

ALAND, Kurt; BLACK, Matthew; MARTINI, Carlo M.; METZGER, Bruce M.; WIKGREN, Allen (Eds.). *Novum Testamentum Graece*. 26ª ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1979.

ALAND, Barbara; ALAND, Kurt; KARAVIDOPOULOS, Johannes; MARTINI, Carlo M.; METZGER, Bruce M. (Eds.). *Novum Testamentum Graece*. 27ª ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993.

ALAND, Barbara; ALAND, Kurt; KARAVIDOPOULOS, Johannes; MARTINI, Carlo M.; METZGER, Bruce M. (Eds.). *Novum Testamentum Graece: Edição com margens e introdução em português.* 28ª ed. rev. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018a. (Publicado originalmente em 2012.)

ALAND, Barbara; ALAND, Kurt; KARAVIDOPOULOS, Johannes; MARTINI, Carlo M.; METZGER, Bruce M. (Eds.). *O Novo Testamento Grego: Edição com aparato crítico e introdução em português.* 4ª ed. rev. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008. (Publicado originalmente em 1994.)

ALAND, Barbara; ALAND, Kurt; KARAVIDOPOULOS, Johannes; MARTINI, Carlo M.; METZGER, Bruce M. (Eds.). *O Novo Testamento Grego: Edição com aparato crítico e introdução em português.* 5ª ed. rev. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018b. (Publicado originalmente em 2014.)

BOVER, Joseph M. *Novi Testamenti Biblia Graeca et Latina.* 5ª ed. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Cientificas, 1968.

HOLMES, Michael W. (Ed.). *The Greek New Testament: SBL Edition.* Atlanta: Society of Biblical Literature; Bellingham, WA: Logos Bible Software, 2010.

JONGKIND, Dirk; WILLIAMS, Peter J. (Eds.). *The Greek New Testament, Produced at Tyndale House, Cambridge.* Wheaton: Crossway; Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

MERK, Augustinus. *Novum Testamentum Graece et Latine.* 11ª ed. Roma: Sumptibus Pontificii Instituti Biblici, 1992.

NESTLE, Eberhard. *Η ΚΑΙΝΗ ΔΙΑΘΗΚΗ: Text with Critical Apparatus*. Londres: British and Foreign Bible Society, 1904.

TISCHENDORF, Constantinus. *Novum Testamentum Graece: Editio octava critica maior.* Leipzig: Giesecke & Devrient, 1869-1872.

TREGELLES, Samuel Prideaux. *The Greek New Testament, Edited from Ancient Authorities, with their Various Readings in Full, and the Latin Version of Jerome.* Londres: Bagster; Stewart, 1857-1879.

WEISS, Bernhard. *Das Neue Testament: Berichtigter Text.* Leipzig: J. C. Hinrichs'sche Buchhandlung, 1902.

WESTCOTT, Brooke Foss; HORT, Fenton John Anthony. *The New Testament in the Original Greek.* Cambridge: Macmillan, 1881-1882.

NOVO TESTAMENTO INTERLINEAR

BERRY, George Ricker. *Interlinear Greek-English New Testament, with a Greek-English Lexicon and New Testament Synonyms.* Grand Rapids: Zondervan, 2003. (Reimpressão de Nova York: Hinds and Noble, 1897.)

GOMES, Paulo Sérgio; OLIVETTI, Odayr. *Novo Testamento Interlinear Analítico: Texto Majoritário com aparato crítico.* 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

LACUEVA, Francisco. *Nuevo Testamento Interlineal Griego-Español*. Barcelona: Editorial CLIE, 1984.

LUZ, Waldyr Carvalho. *Novo Testamento Interlinear.* São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

MOUNCE, William D.; MOUNCE, Robert H. (Eds.). *The Zondervan Greek and English Interlinear New Testament (NASB/NIV).* 2ª ed. Grand Rapids: Zondervan, 2011.

SCHOLZ, Vilson; BRATCHER, Roberto G. *Novo Testamento Interlinear Grego-Português*. 2ª ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2019.

TRADUÇÕES LITERAIS

Bíblia Sagrada: Tradução Brasileira. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

Holy Bible: New American Standard Bible – Updated Edition. La Habra: The Lockman Foundation, 1995.

La Biblia de las Américas. La Habra: The Lockman Foundation, 1997.

Lexham English Bible. Bellingham: Logos Bible Software, 2012.

LOURENÇO, Frederico. *Bíblia, Volume II: Novo Testamento – [Atos dos] Apóstolos, epístolas, Apocalipse.* Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Nueva Biblia de las Américas. La Habra: The Lockman Foundation, 2005.

TRADUÇÕES DE EQUIVALÊNCIA FORMAL

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia Sagrada: Almeida Corrigida Fiel. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2011.

Bíblia Sagrada: Almeida Revista e Corrigida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

Bíblia Sagrada: Almeida Século 21. São Paulo: Vida Nova, 2013.

Bíblia Sagrada: Edição Revista e Atualizada no Brasil, 2ª ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

Bíblia Sagrada: Edição Revista e Atualizada no Brasil, 3ª ed. (Nova Almeida Atualizada). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

Bíblia: Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 1997.

HART, David Bentley. *The New Testament: A Translation*. New Haven; Londres: Yale University Press, 2017.

Holy Bible: English Standard Version. Wheaton: Good News Publishers, 2001.

Holy Bible: New Revised Standard Version. Nova York: Division of Christian Education of the National Council of the Churches of Christ in the United States of America, 1989.

Holy Bible: Revised Standard Version. Nova York: Division of Christian Education of the National Council of the Churches of Christ in the United States of America, 1971.

TRADUÇÕES DE EQUIVALÊNCIA INTERMEDIÁRIA

Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2001.

Bíblia Sagrada: Tradução oficial da CNBB. 3ª ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.

Christian Standard Bible. Nashville: Holman Bible Publishers, 2017.

Holy Bible: New International Version. Nova York: Biblica, 2011.

The NET Bible (New English Translation). Dallas: Biblical Studies Press, 2017.

The New American Bible, Revised Edition. Washington, DC: Confraternity of Christian Doctrine, 2010.

TRADUÇÕES DE EQUIVALÊNCIA FUNCIONAL

Bíblia Sagrada: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

Bíblia Sagrada: Nova Versão Transformadora. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

Holy Bible: New Living Translation. Carol Stream: Tyndale House Foundation, 2015.

Nova Bíblia Viva. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

Novo Testamento: Versão Fácil de Ler. São Paulo: Vida Cristã, 1999.

COMENTÁRIOS BÍBLICOS

(As obras assinaladas com asterisco incluem tradução do texto bíblico feita pelo autor.)

BAUCKHAM, Richard J. *Jude, 2 Peter.* Word Biblical Commentary, v. 50. Waco: Word, 1983.*

DAVIDS, Peter H. *The Letters of 2 Peter and Jude.* Pillar New Testament Commentary. Grand Rapids: Eerdmans; Cambridge: Apollos, 2006.

GREEN, Gene. *Jude and 2 Peter.* Baker Exegetical Commentary on the New Testament. Grand Rapids: Baker Academic, 2008.*

KELLY, J. N. D. *The Epistles of Peter and of Jude.* Harper's New Testament Commentaries. Nova York: Harper & Row, 1969.*

WATSON, Duane F.; CALLAN, Terrance. *First and Second Peter.* Paideia: Commentaries on the New Testament. Grand Rapids: Baker Academic, 2012.*

CRÍTICA TEXTUAL DO NOVO TESTAMENTO

ALAND, Kurt; ALAND, Barbara. *O Texto do Novo Testamento: Introdução às edições científicas do Novo Testamento grego bem como à teoria e prática da moderna crítica textual.* Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

BLACK, David Alan (Ed.). *Rethinking New Testament Textual Criticism.* Grand Rapids: Baker, 2002.

COMFORT, Philip W. *New Testament Text and Translation Commentary.* Carol Stream: Tyndale House, 2008.

EHRMAN, Bart D.; HOLMES, Michael W. (Eds.). *The Text of the New Testament in Contemporary Research: Essays on the* Status Quaestionis. 2ª ed. New Testament Tools, Studies, and Documents, v. 42. Leiden: Brill, 2013.

ELLIOTT, J. K. *New Testament Textual Criticism: The Application of Thoroughgoing Principles. Essays on Manuscripts and Textual Variation*. Supplements to Novum Testamentum, v. 137. Leiden: Brill, 2010.

GROSS, Carl. "Do We Need Another Greek New Testament? A Translator's and Student's Look at the Tyndale House Greek New Testament." *The Bible Translator*, v. 69 (2018): 315-325.

HEAD, Peter M. "*Editio Critica Maior*: An Introduction and Assessment." *Tyndale Bulletin*, v. 61 (2010): 131-152.

HIXSON, Elijah; GURRY, Peter J. (Eds.). *Myths and Mistakes in New Testament Textual Criticism.* Downers Grove: IVP Academic, 2019.

METZGER, Bruce M. *A Textual Commentary on the Greek New Testament: A Companion Volume to the United Bible Societies' Greek New Testament (Third Edition).* 1ª ed. Londres; Nova York: United Bible Societies, 1971.

METZGER, Bruce M. *A Textual Commentary on the Greek New Testament: A Companion Volume to the United Bible*

Societies' Greek New Testament (Fourth Revised Edition). 2ª ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.

METZGER, Bruce M. *Un Comentario Textual al Nuevo Testamento Griego: Volumen complementario de The Greek New Testament (cuarta edición revisada).* Tradução e adaptação de Moisés Silva e Alfredo Tepox. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft; Swindon: United Bible Societies, 2006.

METZGER, Bruce M.; EHRMAN, Bart D. *The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption, and Restoration.* 4ª ed. Nova York; Oxford: Oxford University Press, 2005.

OMANSON, Roger L. *Variantes Textuais do Novo Testamento: Análise e avaliação do aparato crítico de "O Novo Testamento Grego".* Tradução e adaptação de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

PAROSCHI, Wilson. *Origem e Transmissão do Texto do Novo Testamento.* Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

PAULSON, Gregory S. Resenha de *The Greek New Testament, Produced at Tyndale House, Cambridge*, ed. Dirk Jongkind, Peter J. Williams, Peter M. Head e Patrick James. *The Bible Translator*, v. 70 (2019): 112-116.

TRADUÇÃO BÍBLICA

BARNWELL, Katharine. *Tradução Bíblica: Um curso introdutório aos princípios básicos de tradução*. Adaptação e revisão de Linda Niehoff e Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil; Anápolis: Associação Internacional de Linguística, 2011.

DEWEY, David. *A User's Guide to Bible Translations: Making the Most of Different Versions*. Downers Grove: InterVarsity, 2004.

EGGERS, Quéfren de Moura. *Sensibilidade, inteligibilidade e tradição em tradução bíblica: um comentário sobre o projeto de revisão da tradução de João Ferreira de Almeida na versão brasileira Revista e Atualizada*. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade de São Paulo, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2VtG2Sp>.

FEE, Gordon D.; STRAUSS, Mark L. *How to Choose a Translation for All Its Worth: A Guide to Understanding and Using Bible Versions*. Grand Rapids: Zondervan, 2007.

GRUDEM, Wayne; RYKEN, Leland; COLLINS, C. John; POYTHRESS, Vern S.; WINTER, Bruce. *Translating Truth: The Case for Essentially Literal Bible Translation*. Wheaton: Crossway, 2005.

HAUBECK, Wilfrid; VON SIEBENTHAL, Heinrich. *Nova Chave Linguística do Novo Testamento Grego: Mateus – Apocalipse*. São Paulo: Targumim; Hagnos, 2009.

KUBO, Sakae; SPECHT, Walter. *So Many Versions? Twentieth-Century English Versions of the Bible.* 2ª ed. Grand Rapids: Zondervan, 1983.

MOTA, Priscila Souza; TONIOLO, Ricardo Cesar. "A equivalência nas traduções da Bíblia para o português: em busca de uma tradução que contemple o leitor." *Fides Reformata*, v. 24 (2019): 77-86.

RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. *Chave Linguística do Novo Testamento Grego.* São Paulo: Vida Nova, 1995.

RYKEN, Leland. *The Word of God in English: Criteria for Excellence in Bible Translation*. Wheaton: Crossway, 2002.

SCORGIE, Glen G.; STRAUSS, Mark L.; VOTH, Steven M. (Eds.). *The Challenge of Bible Translation: Communicating God's Word to the World*. Grand Rapids: Zondervan, 2003.

A Segunda Carta de Pedro é um dos menores livros do Novo Testamento e, no entanto, um dos mais peculiares. Nele, o apóstolo defende a verdade do evangelho e refuta as heresias dos falsos mestres que haviam abandonado o caminho da justiça em troca do pecado e do ceticismo.

Em **A Imortalidade da Alma e o Castigo Eterno: Um Breve Comentário Exegético de 2 Pedro**, o leitor encontra uma exposição da mensagem da carta por completo, ainda que com um foco especial em dois temas bastante controvertidos: a natureza da alma e a extensão do castigo final dos ímpios.

Este livro tem o propósito de levar o leitor a compreender melhor o que a revelação bíblica ensina a respeito desses temas que dizem respeito a cada ser humano.